

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

Lúcia Valquíria Souza Grigoletti

**A VOZ IDENTITÁRIA DO ESTRANGEIRO ECOA
NUM ESPAÇO SONORO DE MUITAS VIAGENS**

Pelotas/RS

2012

Lúcia Valquíria Souza Grigoletti

**A VOZ IDENTITÁRIA DO ESTRANGEIRO ECOA
NUM ESPAÇO SONORO DE MUITAS VIAGENS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UCPEL como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de Concentração: Aquisição, Variação e Ensino.

Orientador: Prof. Dr. Hilário Inácio Bohn

Pelotas/RS

2012

Lúcia Valquíria Souza Grigoletti

**A VOZ IDENTITÁRIA DO ESTRANGEIRO ECOA NUM
ESPAÇO SONORO DE MUITAS VIAGENS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UCPEL como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras.
Área de Concentração: Aquisição, Variação e Ensino.

Aprovado em: 02/03/2012

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hilário Inácio Bohn – UCPEL – Orientador

Prof. Dr. Cláudio Eizirik – UFRGS

Prof. Dr. Jandir Zanotelli – UCPEL

Prof. Dra. Maria José Coracini – UNICAMP

Prof. Dr. Paulino Vandresen – UCPEL

*Dedico aos estrangeiros
da cultura Pós-moderna.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus amados filhos Pablo e Shana pela relação de afeto construída no dia a dia, que dá sentido a meu caminhar.

À minha grande amiga “estrangeira” Nize Nascimento que, na distância e na ausência física, sempre esteve presente.

À amiga Cleusa Sinnott por seu apoio decisivo no momento de ingresso no doutorado.

À amiga Sueli Santos por seu ombro amigo nos momentos difíceis da caminhada.

Ao meu grande mestre Prof. Hilário Inácio Bohn, pela sabedoria imensurável na área de pesquisa; pela postura ética e marcante inerente a seu modo de interagir e pelo afeto que sempre permeou suas palavras e ações na orientação e conversa.

Às minhas colegas e amigas estrangeiras do Pós-Let pela luta na superação das dificuldades com discernimento e alegria: Ana Lourdes Fernandez; Virgínia Orlando e Matilde Contreras.

Às demais colegas do doutorado com quem convivemos parcialmente, mas mantendo sempre o vínculo afetivo: Alessandra Martins, Cristiane Heemann, Simone Garcia e Valesca Irala.

Aos professores Doutores do Pós que, com carinho, me acolheram em minha língua estrangeira psicanalítica: Vilson Leffa; Paulino Vandresen; Jandir Zanotelli e Aracy Ernst.

À professora que me apresentou Bakhtin e fez despertar minha paixão por ele, Dra Maria da Glória Di Fanti.

À maestrina de toda esta *Orquestra Sinfônica*, Prof. Dra Carmem Lúcia Matzenauer, coordenadora do Pós-Let/UCPEL, sua secretária Valquíria e equipe, pela competência e condições favoráveis para o orgulho do ensino/aprendizagem do Pós em Letras.

À equipe da Biblioteca Central UCPEL, coordenada pela funcionária Cristiane de Freitas Chim, pela paciência e incentivo na caminhada bibliográfica em Bakhtin.

Aos estrangeiros, sujeitos da pesquisa, que com sua disponibilidade e acolhida afetuosa viabilizaram minha investigação.

A todos aqueles que participam de meu entorno e acompanharam minha caminhada: familiares, amigos, alunos e profissionais

Muito obrigada!

[...] no mundo ainda não ocorreu nada definitivo, a última palavra do mundo e sobre o mundo ainda não foi dita, o mundo é aberto e livre, tudo ainda está por vir e sempre estará por vir (BAKHTIN, 2010, p. 191).

RESUMO

A presente pesquisa – A voz identitária do estrangeiro ecoa num espaço sonoro de muitas viagens – desenvolvida por Lúcia Grigoletti, entre 2006/02-20011, no Pós-Let UCPEL, sob a orientação do Prof. Dr. Hilário Inácio Bohn, objetivou identificar os traços identitários do estrangeiro na Pós-modernidade. Para tal focalizou na linguagem oral deste último sua atenção de análise. Numa relação entre a Teoria bakhtiniana e a Psicanálise, especificamente nesta última, a Teoria Vincular, desenvolve-se a construção da tese. A metodologia de abordagem Qualitativa, História Oral Biográfica, enriquecida pela Análise Dialógica do Discurso embasa o trabalho científico desenvolvido com 12 famílias estrangeiras radicadas no DF/Brasil. Com 14 nacionalidades diferentes entre os sujeitos, considerando a mulher, o parceiro e os filhos, mas no máximo três nacionalidades no mesmo grupo familiar e permanência no Brasil entre cinco meses a seis anos, o trabalho enquanto profissão foi a causa de 83,33% dos homens e 16,67% das mulheres migrarem. Entre os adultos, predominam, com 52,2 % (8), os franceses; destes, 62,50% são mulheres. Os demais adultos, de acordo com o gênero, se distribuem unitariamente entre as outras nacionalidades: brasileira/colombiana (dupla nacionalidade), britânica, canadense, colombiana, chilena, cubana, espanhola, estadunidense, neozelandesa, mexicana e uruguaia. Entre os filhos, totalizando 22 e oito nacionalidades, os nascidos no Brasil representam 45,45%, seguidos dos franceses: 18,18%. O traço linguístico marcante da identidade do estrangeiro na pós-modernidade – a resultante do conflito individuação (língua materna/cultura de origem) X pertencimento (língua estrangeira/nova cultura) – está nas entrelinhas e na translanguagem; está na atitude ética no sentido bahktiniano; na consciência e responsabilidade sobre a nova identidade enquanto filho de sua Pátria frente à Pátria do Outro. Nesta última, o estrangeiro revive o processo de separação-individuação, agora da mãe-Pátria, e o luto da parentalidade, “deixando de ser filho de seus pais/país” e se vendo pai (protetor) de seus “filhos” (valores; tradições; lembranças; memórias de suas raízes visuais, gustativas, táteis, sonoras e olfativas) numa época de tempos e espaços efêmeros! A música viabilizou a travessia identitária, perpetuando-se independente do espaço e do tempo, contribuindo para a manutenção da célula identitária e transição entre diferentes ritmos linguísticos (materno e estrangeiro). O estrangeiro encontrou, nessa transição, o terceiro espaço, a *Pátria Estrangeira*, sua mais recente *pele sonora identitária*.

Palavras-chave: Estrangeiro. Identidade. Linguagem.

RÉSUMÉ

Cette recherche – La voix identitaire de l'étranger sonne dans l'espace sonore de beaucoup de voyages – été développée pour Lúcia Grigoletti, entre les ans 2006 et 2011 sous la direction du professeur Hilário Inácio Bohn au Cours de Master en Lettres de l'UCPEL, ayant pour but identifier les traits identitaires de l'étranger dans la postmodernité. Pour ce faire la langue orale a été l'objet d'attention. Cette thèse se construit dans le lien entre la théorie bakhtinienne et la psychanalyse, en particulier la théorie vinculaire. La méthodologie de l'approche qualitative, l'histoire orale biographique, enrichie par l'analyse dialogique du discours est à la base du travail scientifique développé avec 12 familles étrangères installées dans le DF / Brésil. Les sujets avaient 14 nationalités différentes compte tenu de la femme, son partenaire et leurs enfants, mais pas plus de trois nationalités dans le même groupe familial. Leur séjour au Brésil datait de cinq mois à six ans et on a remarqué que le travail, la profession, a été la cause de la migration de 83,33% d'hommes et de 16,67% de femmes. Parmi les adultes, les français prédominent - 52,2% (8) -, dont 62,50% sont des femmes. Les autres adultes, selon le sexe, sont uniformément répartis parmi les autres nationalités: brésilienne (double nationalité), britannique, canadienne, colombienne, chilienne, cubaine, espagnole, américaine, néo-zélandaise, mexicaine et uruguayenne. Parmi les 22 enfants, on a trouvé 8 nationalités, ceux qui sont nés au Brésil représentent 45,45%, suivis par les français: 18,18%. Le trait linguistique caractéristique de l'identité de l'étranger dans la post-modernité - résultant du conflit individuation (langue maternelle/culture d'origine) X appartenance (langue étrangère/nouvelle culture) – se trouve entre les lignes et dans le translangage, dans l'attitude éthique au sens bakhtinien; dans la conscience et dans la responsabilité sur la nouvelle identité en tant que fils de sa Patrie devant la Patrie de l'Autre. Dans ce dernier cas, l'étranger revit le processus de séparation-individuation, maintenant de la mère-Patrie, et le deuil de la parentalité, « n'étant plus l'enfant de ses parents / de son pays », et se percevant le père (protecteur) de ses «enfants» (valeurs; traditions, souvenirs, mémoires de ses racines visuelles, gustatives, tactiles, auditives et olfactives) dans une époque d'espaces et des temps éphémères! La musique a rendu possible la traversée identitaire, en se perpétuant indépendamment de l'espace et du temps, en contribuant au maintien de la cellule identitaire et la transition parmi les différents rythmes linguistiques (maternel et étranger). L'étranger a trouvé dans cette transition le troisième espace, la *Patrie Étrangère*, sa nouvelle *peau sonore identitaire*.

Mots-clés: Étranger. Identité. Langage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Modalidades de adaptação no processo de aculturação.....	60
Quadro 2 – Contexto familiar do estrangeiro	97
Gráfico 1 – Nacionalidade: mulheres, homens e crianças.....	98

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 NAVEGANDO NOS MARES DA LINGUÍSTICA: AS LÍNGUAS FALADAS A BORDO	25
2.1 A língua materna, <i>a língua da mãe</i>	25
2.1.1 O ritmo, o sentido e o enunciado	25
2.1.2 A pele sonora e o sentimento oceânico	27
2.2 A língua estrangeira, <i>a língua do pai</i>	32
2.2.1 Separação/individuação e a linguagem objetiva.....	33
2.2.2 O bilinguismo desconstruindo o <i>sentimento oceânico</i>	35
2.3 Linguagem (pensamento): o espaço de encontro entre o Eu e o Outro	39
3 O ESTRANGEIRO E SEU PASSAPORTE.....	45
3.1 A “estrangeiridade” do comandante Bakhtin	45
3.2 A identidade, a identificação e a subjetividade	53
3.3 A identidade do estrangeiro	56
3.4 O estrangeiro multilíngue e suas diferentes faces	63
4 TRADUZINDO A TRADUÇÃO DURANTE A NAVEGABILIDADE	69
4.1 Traduzindo a tradução	69
4.2 Tempo/espaço em que ocorre a tradução	73
4.3 Entrando na Zona de Silêncio.....	77
4.4 A música que ecoa na travessia	82
5 O TIMÃO QUE DEU RUMO À VIAGEM	88
5.1 A carta náutica	88
5.2 A metodologia adotada para navegar nos “doze mares”	95
5.2.1 A fase exploratória em terra firme.....	96
5.2.2 As características dos navegadores.....	97
5.2.3 Os instrumentos de navegação	100
5.2.4 O procedimento de coleta e análise durante a viagem.....	101
6 AS VÁRIAS ESCOTILHAS INTEGRANDO O PANORAMA	103
6.1 Natureza da leitura do corpus – temas explícitos e predominantes na linguagem oral	104
6.1.1 Aspectos considerados favoráveis na transição.....	104
6.1.2 Aspectos considerados desfavoráveis na transição	122

6.2 Natureza da leitura do corpus – análise do conteúdo implícito, o observado mais significativo.	126
7 A VISTA PANORÂMICA DA PROA.....	128
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
REFERÊNCIAS	142
ANEXO A – CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS SUJEITOS	151
ANEXO B – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS PAIS ESTRANGEIROS	152
ANEXO C – CARTA DE CONSENTIMENTO.....	154

1 INTRODUÇÃO

“O futuro não está em querer integrar o estrangeiro e, sim, em respeitar sua singularidade, mas isso somente será possível com base em nossa própria integração, no reconhecimento do estrangeiro que existe em nós mesmos” (KRISTEVA, 1994, p.177).

O ato de escrever mobiliza, nesse momento, investimentos afetivos de longa data de minha caminhada junto ao sujeito foco da presente tese: *O Estrangeiro*.

Quem é *O Estrangeiro*? O estrangeiro do mundo globalizado? Ou de épocas anteriores? Alguém próximo? Ou distante? Ele é sempre o outro? Ou pode ser minha parte estranha que somente eu posso ver no outro?

Partindo de ser da impossibilidade da resposta imediata que a pergunta se alimenta, faz-se necessário, inicialmente, contextualizar o material investigado e sua questão norteadora num tempo e espaço. Assim, o foco central desse investimento científico de vários anos se traduz na seguinte questão: quais são os traços identitários presentes no discurso do estrangeiro frente à separação da língua materna e à aquisição de uma nova língua numa época globalizada? Para tal serão investigados no discurso, as resultantes identitárias do conflito individuação (identidade conhecida) X pertencimento (nova identidade)¹.

Ao acreditar na resposta possível a essa questão, entendo que a investigação possa enriquecer a compreensão científica dos profissionais identificados com a causa do estrangeiro. Entre eles destacam-se os professores de língua estrangeira e aqueles dedicados à etnopsicoterapia. Importa salientar que a pulsão epistemofílica², o motor desta investigação, provém, mais especificamente, tanto dos questionamentos e incertezas emergidas da práxis na Clínica com a psicoterapia de indivíduos que retornavam ao Brasil após período de estudos em outros países, quanto de pesquisas com estrangeiros.

Desde 2000 se faz presente meu interesse nas questões sobre o estrangeiro, fato evidenciado na apresentação do primeiro projeto de pesquisa sobre o tema: A influência da aculturação na relação vincular em crianças de 0-3 anos, durante o Congresso Latinoamericano sobre migração e inserção social e sua influência na estrutura psíquica.

¹ Conflito típico do ingresso do indivíduo nos grupos em geral: a angústia frente ao desconhecido, o temor a perda da individualização/identidade e o desejo de pertencer ao grupo, integrar-se a ele, afiliar-se/identificar-se com a nova identidade. Tal conflito gera sentimentos ambivalentes (medo da perda/antiga identidade e do ataque/nova identidade) (GRINBERG; LANGER; RODRIGUÉ, 1977). (tradução própria)

² Pulsão é a pressão ou força que faz tender o organismo para um alvo. Este objetiva suprimir o estado de tensão que reina. Existe a pulsão de vida, de morte, sexual entre outras. No caso a epistemofílica é a do conhecimento (LAPLANCHE; PONTALIS, 1983).

(2001). O trabalho, iniciado na UCPEL, foi sendo desdobrado, ampliado e mola propulsora para outras produções científicas (vide referências). Portanto, a pesquisa A relação vincular entre bebês de 1-3 anos e mães imigrantes (GRIGOLETTI; NASCIMENTO, 2006), realizada durante a Especialização em Saúde Perinatal, Desenvolvimento e Educação em Bebês de 0-3 anos na UnB, foi a maior fonte geradora do projeto do doutorado em Linguística Aplicada / Pós-Let UCPEL.

Após o primeiro projeto, trabalhos em eventos e estudos foram marcando a caminhada e se entrelaçando com o viés da narratividade da história de vida. Daí para as questões sobre a importância da linguagem e do afeto, no processo de aculturação, especialmente, na identidade do estrangeiro, foi um rápido passo. Aspectos selecionados nos resultados da pesquisa acima referida embasaram a questão norteadora da presente tese. Tal trajetória também foi sendo impulsionada pelas características da época e do contexto brasileiro. Certamente, a era da globalização tem sua marca a ferro e a fogo no processo de migração cada dia mais presente na humanidade.

Esta era tem trazido muitas alterações no dia a dia do ser humano. As novas tecnologias ligadas à informática e a imensa rede de comunicação que foi possível estabelecer entre as mais distantes partes do mundo têm exercido grande influência no psiquismo e no modo de viver das pessoas. Os extremos do ser humano (evolução e regressão) se unem num mesmo movimento: tanto o intercâmbio virtual via satélite e a especialização em determinado conhecimento científico, quanto a imensa falta de condições humanas, às quais o cidadão tem direito em seu país levam a uma proximidade entre as diferentes nações e a um processo migratório cada vez mais presente. Torna-se necessário, segundo Bauman (1999), um olhar mais aprofundado sobre este fenômeno da época, naquilo diretamente ligado à questão da migração – o ritmo e a mobilidade do estrangeiro.

Imigrar significa entrar num país estranho para nele viver. Para Koltai (2000), o senso comum denomina estrangeiro aquele vindo de outro lugar. Ele não está em seu país e, ainda que, em certas ocasiões possa ser bem-vindo, na maioria das vezes é passível de ser mandado de volta para o país de origem, repatriado. A categoria sociopolítica que o estrangeiro ocupa o fixa numa alteridade, implicando, necessariamente, um sentimento de exclusão.

Esta mudança de fronteiras gera uma significativa demanda psíquica, pois, por pior que seja o antigo, ele é conhecido e o novo sempre gera muita insegurança, vivência de caos e de angústias primitivas. Principalmente quando este novo coloca em xeque parâmetros e referenciais tão intrínsecos como costumes, valores, credos, enfim, pontos que sustentam o

desenvolvimento e a formação de um indivíduo. Sabe-se que a experiência de desterrar se contrapõe ao sonho da continuidade, à estabilidade e ao amparo nos quais a herança cultural nos insere e transcende a experiência individual. Este sentimento denominado *pertencência*, é abordado por Teichner (2001, p.3)³ quando diz: Pertencer a um lugar, a um grupo, é ser, ser para si e para os outros. É existir no campo do desejo. É ocupar um lugar em conjunto a outros semelhantes; condição a partir da qual possa funcionar o campo da ilusão, da coincidência e do estar entre dois.

A crise do pertencimento faz nascer a ideia de identidade, mas esta somente vem à tona quando ameaçada, como diz Bauman (2005), no tumulto da batalha. O sentimento de identidade é marcado pela ambivalência: se, por um lado, há o desejo do pertencimento – estar fixo – por outro há o desejo da diferenciação, da individuação – ter liberdade para navegar.

Sarriera (2000, 2001), ao investigar o processo de aculturação, expõe várias modalidades de adaptação. Ele salienta, entre elas, o *Interactive Aculturation Model* (IAM) de Bourhis, que considera o efeito do impacto cultural segundo o grau de vitalidade dos grupos de imigrantes e o de acolhida. Os primeiros distribuem-se em integração; assimilação; separação; anomia e individualismo. Por sua vez, as comunidades de acolhida podem ser de integração, assimilação, segregação, exclusão e individualismo. A interação entre cada modalidade de grupo pode resultar em consensual, problemática ou conflituosa.

A resultante consensual: integração x integração caracteriza-se pela possibilidade de os imigrantes e o grupo de acolhida reconhecerem a parte “estrangeira” existente dentro deles, podendo realizar a síntese integradora entre o externo e o interno, a fantasia e a realidade, o bom e o ruim. Esta tão conhecida dicotomia humana nas demais resultantes permanece inconsciente, sendo identificada projetivamente a parte *estrangeira*: na cultura majoritária no caso do imigrante e, neste último, no caso do grupo de acolhida.

Como diz Koltai (2000), diante do estrangeiro, o sujeito nunca é indiferente, ele provoca, sempre, movimentos de alma: amor, ódio, temor, *amódio*. Até porque é como se o sujeito tivesse de fazer existir, fora de si, algo que lhe é interior.

A tentativa integradora entre as duas culturas requer a aprendizagem da língua estrangeira que revela ser um exercício delicado por solicitar a um tempo, segundo Revuz (2000), a relação do sujeito com o saber, com o corpo e consigo mesmo enquanto se autoriza a falar em primeira pessoa. Solicita a base mesma de estruturação psíquica e, com ela, aquilo

³ (tradução própria)

que é, ao mesmo tempo, o instrumento e a matéria dessa estruturação: a linguagem, a língua chamada materna.

Sebben (1996) ressalta que o idioma, além do alimento, é um dos pontos agravantes na experiência migratória, pois colabora para a identidade do sujeito. Portanto, a aprendizagem de uma nova linguagem, uma língua diferente da materna, fará parte da experiência do processo de aculturação do indivíduo imigrante, evidenciando a importante ligação entre a linguagem e o afeto. Por outro ângulo, sendo a linguagem um dos elementos mais tradicionais de uma cultura, é também um dos mais resistentes à mudança.

Entendendo a palavra como expressão do indivíduo em interação com seu contexto social, e a linguagem estando constituída de tal modo que um significante sempre remete a outro significante, a relação com a realidade é não somente filtrada, como também organizada pela dependência à linguagem. Esta última cria a imagem feita da realidade, tendo influência na evolução do ser humano desde sua mais precoce infância, no desenvolvimento da identidade e nos vínculos comunicativos com os semelhantes. A linguagem, portanto, determina o conhecimento de mundo, dos demais e de si mesmo, podendo possibilitar um ponto de apoio à própria identidade. O despertar da consciência da criança vai-se incrementando na medida do progresso de sua aprendizagem da língua que pouco a pouco a introduz como indivíduo em uma sociedade.

Portanto, no processo de migração se está diante da transgeracionalidade vincular da língua materna que vai provocar um deslocamento de marcas anteriores. De acordo com Revuz (2000), esse estranhamento do dito na língua estrangeira, sempre vivido como, um pouco, tornar-se outro, pode levar a uma perda, até a perda de identidade; a uma operação salutar de renovação e de relativismo da língua materna ou, ainda, à descoberta embriagadora de um espaço de liberdade.

Para Benveniste (1989), o deslocamento das marcas linguísticas do enunciado apresenta determinada subjetividade, própria da época e do lugar onde o indivíduo se encontra. Logo, ao mesmo tempo em que, facilmente, alguns imigrantes podem aprender bem a língua do outro e temer o rompimento com as amarras que o ligam à língua materna, também sabem e sentem que nunca virão a ser um deles, um nativo daquele país. Esta dupla experiência de ruptura ou perda e de descoberta ou apropriação é mais violenta se acompanhada de uma ruptura real como no processo de aculturação.

Na condição de estrangeiro, são significativas as vivências do indivíduo ao distanciar-se de seu idioma, produto da cultura “mamada” – a língua materna – que lhe deu condições para criar e assimilar a imagem de mundo que até o momento o rodeia. Na verdade,

pode-se pensar na existência de um processo de aculturação, de um distanciamento e – por que não dizer? – *perda* das referências mais primitivas, havendo ameaça à integridade do indivíduo. Na medida em que a individualidade do ser humano se determina como “eu mesmo” com respeito “ao tu e a ele” e o diálogo entre “o eu e o tu” tem de ser substituído por um instrumento linguístico desconhecido para a nova realidade ser apreendida, o sentimento de identidade pode abalar-se.

Considerando a palavra como um meio desenvolvido pela criança para reter, simbolicamente, a figura materna e, também, separar-se dela, torna-se ainda mais compreensível tal sentimento. Entretanto, paradoxalmente, este mal-estar pode ser identificado, por parte de alguns indivíduos, não como alienante, mas, sim, um espaço psíquico para jogos linguísticos como diz Bauman (2005): a intimidade e a distância criam uma situação privilegiada, as encruzilhadas culturais, onde o indivíduo se descobre capaz de se movimentar em diferentes universos linguísticos. Essa contínua transgressão de fronteiras lhe permite espiar a inventividade e a engenhosidade humana, descobrindo então a coragem necessária para incorporar, intencionalmente, a criação cultural, estando consciente dos riscos e armadilhas que, sabidamente, cercam as expansões ilimitadas.

A flexibilidade linguística, assim como é a resultante de uma experiência, também é a coconstrução da nova identidade, a identidade do estrangeiro. Segundo Melman; Costa; Chemama (2000), as mudanças efetivadas na língua falada estrangeira decorrem do processo de recalçamento da língua de origem, processo este necessário para constituir uma nova filiação.

Portanto, no presente trabalho, almejo contemplar a vivência daquele estrangeiro que, ao integrar uma nova ideologia pode, a partir do conflito, inventar a língua ao se expressar verbalmente e redescobri-la ouvindo-a ao seu redor. Ele se “des-cobre” e se diferencia eticamente do outro, em seu discurso, coconstruindo sua identidade: a identidade do estrangeiro.

Quanto à metodologia utilizada na tese, optei pela abordagem Qualitativa, fazendo-se acompanhar por uma leitura ou, mais do que isto, por uma *dialogia* entre a Psicanálise/Teoria Vincular e a Filologia/Filosofia bakhtiniana – Análise Dialógica do Discurso.

A Psicanálise Vincular, teoria embasada na interinfluência das relações vinculares – vínculo parental de apego/perdas, de separação-individação, estabelecidos com o filho desde a concepção (Winnicott, 2000. Stern, 1997, 2007. Mahler, 1982. Mahler; Pine; Bergman, 2002. Bowlby, 1990. Lebovici, 1987. Cramer; Palacio-Espasa, 1993) – focaliza, na presente tese, o conflito identitário do sujeito estrangeiro ao transitar da língua materna à língua

estrangeira, a língua do outro. A teoria das Relações Vinculares analisa o indivíduo numa abordagem intrasubjetiva (o sujeito consigo mesmo), intersubjetiva (o sujeito com seus pais) e transgeracional (o sujeito com o social/cultural).

Conceitos de Bakhtin e do Círculo como enunciado, dialogia, plurilíngüismo, cronotopia, exotopia, *nécessitance*, ato ético entre outros, não utilizados com tal relevância na tese, marcam a Análise Dialógica do Discurso. O ponto de encontro entre a teoria das Relações Vinculares e a de Bakhtin foi um desafio na construção da tese. Relacionar Bakhtin a Lacan é algo dado, embora sempre em construção, legitimado pelos próprios linguistas que trabalham com a Análise de Discurso francesa. Assim como, mas não tanto, eu considero, os pontos de convergência e divergência entre Freud e Bakhtin (BAKHTIN, 2004; MONROY, 1996⁴; MOURA-VIEIRA, 2009).

A relação entre a teoria de Bakhtin e a de Relações Vinculares se foi estabelecendo em meu pensamento no decorrer do doutorado. Mais precisamente, a Filosofia foi a responsável por tal desafio.

Inicialmente, a proximidade se estabeleceu entre a Filosofia e a Teoria Vincular, sendo dois os filósofos viabilizadores desse encontro Lévinas e Buber. Lévinas (1906-1995) – judeu que, aos 17 anos – após a revolução na Ucrânia, na época estava com doze anos – estabeleceu-se na França. Feito prisioneiro em 1930, por cinco anos permaneceu nos campos de concentração alemães, na II Guerra. Duas de suas grandes obras foram *De l'existence à l'existant* (1947) e *Totalité et infini* (1961). Buber (1878-1965), mais velho que Lévinas 28 anos, também judeu, polilíngue (cinco idiomas), com ideações suicidas na adolescência, encontrou sua acalmia na Filosofia, mas também fez formação em Pedagogia e História da Arte. Uma de suas grandes obras foi *Eu- tu* (1923) (GRIGOLETTI, 2008a).

Embora tenham vivido num mesmo período por 59 anos e suas teorias mostram proximidades, certamente elas são embasadas por realidades distintas, suas vidas fundamentam diferentes óticas. Entendo que a interrelação estabelecida no decorrer de minha caminhada entre a teoria das Relações Vinculares, Buber e Lévinas foi o fato de a *interação* ter sido objeto de estudos científicos em diferentes disciplinas a partir do século XX (ibidem).

Nesse espaço de reflexão/leituras durante o doutorado, uma grata surpresa: encontrar os dois filósofos com os quais me identificara sendo referência para alguns conceitos-chave de Bakhtin e seu Círculo. Buber, mais precisamente na relação/encontro entre o eu-tu e

⁴ (tradução própria)

alteridade e Lévinas em o outro, o dialogismo, o rosto e, também, a alteridade (SOBRAL, 2005. ZAVALA, 1997⁵, 2009. FARACO, 2009).

Em uma de minhas últimas leituras, no período de revisão e acabamento da tese me deparo com Faraco em *Linguagem & diálogo* (2009) chegando para me proporcionar uma visualização/entendimento mais fundamentado ainda sobre o lugar destes dois filósofos que tanto me atraíram e apoiaram nos momentos de estrangeiridade na migração da Psicanálise para a Linguística Dialógica.

Sem dúvida, a Filosofia foi a base para uma pausa, um silêncio e uma reflexão necessária quando me encontrei em pleno processo de aprendizagem de uma nova língua. Foi e é inevitável, em meu ser, esse Encontro, essa Dialogia, essa Relação Vincular Interacionista e de Interinfluências entre o Eu e o Outro, viabilizada pela linguagem e contextualizada num tempo-espço. Como diz Bakhtin (2010, p.209): “Toda a vida da linguagem, seja qual for seu campo de emprego, está impregnada de relações dialógicas”.

Amparada nos sustentáveis lastros embaixadores das duas teorias referidas (Bakhtiniana e Psicanalítica) e, ao mesmo tempo, ciente de os prismas de cada uma delas terem suas respeitáveis diferenças, vou tentar aproximá-las e diferenciá-las, numa leitura transdisciplinar, presente na análise do discurso do estrangeiro.

Ciente de minha parca visão em Bakhtin, mas ao mesmo tempo apaixonada pelo que pudera entender até então e, também, pelo que não fora entendido, a seguir apresento alguns aspectos que respeitei ao fazer o contraponto com a Psicanálise. Antes, porém, informo que, embora algumas leituras realizadas tenham sido sobre autores estabelecendo as convergências e divergências entre Freud/Psicanálise e Bakhtin (AMORIM, 2009. ZAVALA, 2009. SOBRAL, 2005b. MOURA-VIEIRA, 2009. EMERSON, 2003. FARACO, 2009), optei por correr meu próprio risco, visto acreditar na visão exotópica possibilitada pela experiência vivida até então. Cabe, portanto, um espaço de reconhecimento aos ângulos abordados pelos autores referidos. Certamente estes últimos contribuiram para contrastar e fazer minha própria seleção.

Estabelecendo um modesto paralelo entre as duas “línguas”, entendo que cada uma parte de perspectivas distintas nos aspectos abaixo relacionados, além, é claro, das bases muito próprias: filológica e filosófica de uma e psicanalítica de outra.

Inicialmente importa destacar ter a Psicanálise partido da patologia do indivíduo; do desenvolvimento deste durante as fases da vida, focalizando o presente ao se referir aos

⁵ (tradução própria)

sintomas, que poderiam ser conscientes no aqui e agora, indivíduos neuróticos. Mas suas bases se encontram em um passado, trancafiadas em um porão, o inconsciente. Sua saída está no insight, uma visão para dentro do indivíduo. Bakhtin e o Círculo partem de um indivíduo saudável, no aqui-agora, com acesso à sua consciência e munido de um equipamento mental capaz de lidar adequadamente e de forma criativa com o externo. A saída está totalmente fora do indivíduo, está voltada para o exterior, para o outro, para o futuro, o vir a ser.

A partir de parágrafos das obras bakhtinianas, parece-me que o filólogo/filósofo optou conscientemente, por não falar sobre alguns funcionamentos mentais, não deixando de reconhecê-los como diferentes daqueles por ele considerados em sua teoria. Fato que entendo ser ratificado por Bakhtin em resposta a Duvakin, na entrevista realizada em 1973 (BAKHTIN; DUVAKYN, 2008) e referida no capítulo 5 item 5.1 da tese, visto a seguir: “Elementos de infantilismo na autoconsciência, às vezes persistem até nossos últimos dias” (BAKHTIN, 1997a, p.378).

A atividade mental tende desde a origem para uma expressão externa plenamente realizada. Mas pode acontecer também que ela seja bloqueada, freada: neste último caso, a atividade mental desemboca numa expressão inibida (não nos ocuparemos aqui do problema muito complexo das causas e condições do bloqueio) (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1999, p. 118).

Referindo-se à história de um camponês analfabeto que vivia rodeado por vários sistemas linguísticos: rezava em uma língua, cantava em outra, falava no ambiente familiar em uma quarta e, no trabalho, numa língua oficial correta, Bakhtin (1993) concluiu o que segue. Todas elas eram línguas diferentes, até mesmo do ponto de vista de índices abstratos sociais e dialetológicos, porém, não estavam dialogicamente correlatas na consciência linguística do camponês. Ele passava de uma a outra sem pensar, automaticamente, cada uma delas estava, indiscutivelmente, no seu lugar, e o lugar de cada uma não podia ser discutido. O camponês ainda não sabia olhar para uma língua (nem para seu mundo correspondente) com os olhos de outra (por exemplo, olhar para a língua cotidiana e o mundo cotidiano a partir da língua da oração, da canção ou vice-versa) até haver uma mudança:

Tão logo que o mútuo-clareamento crítico das línguas se originou na consciência do nosso camponês, tão logo se descobriu que estas línguas não só eram diferentes, mas também eram múltiplas, e que os sistemas ideológicos e as abordagens do mundo, indissolivelmente, ligados a elas, se contrapunham entre si, ao invés de permanecerem lado a lado, terminou seu caráter peremptório e de predestinação começando por outro lado, entre elas, uma orientação seletiva e ativa (BAKHTIN, 1993, p.102).

Outro parágrafo bakhtiniano a considerar:

O primeiro momento da atividade estética consiste em identificar-me com o outro; devo experimentar – ver e conhecer – o que ele está experimentando, devo colocarme em seu lugar, coincidir com ele (como, de que forma é possível essa identificação? Vamos deixar esse problema psicológico de lado, limitemo-nos a admitir como incontestável o fato de que , até certo ponto, essa identificação é possível) (BAKHTIN, 1997a, p.45).

Com os exemplos citados e também, respaldada em minha interpretação em Freudismo (BAKHTIN, 2004), entendo que o filósofo e o Círculo de Bakhtin optaram por fazer seu próprio olhar, tendo consciência, no sentido bakhtiniano, de terem sido realizados alguns recortes na realidade, necessários para delimitar seu foco de atenção, assim como pontuam e criticam na própria obra de Freud.

A seguir algumas possíveis proximidades entre a teoria freudiana e a bakhtiniana. A principal, a meu ver, é ambas trabalharem com a palavra de forma dinâmica, na inter-relação. Para a Psicanálise, a cura se dá pela palavra, tornando consciente o inconsciente. Na palavra aparecem os lapsos, os atos falhos, o não dito, o não permitido pelo superego, na consciência. Em Bakhtin, a palavra faz parte de um enunciado que, num tempo e espaço, sempre em direção ao outro, numa relação dialógica, lhe dá sentido. O diálogo não é uma cura pela palavra (EMERSON, 2003). E o ato de fala cria em vez de representar a realidade (HERRICK, 2006).

Nesta rápida passagem pelas aproximações entre os referenciais teóricos, no referente à interação dialógica, cabe destacar a teoria das Relações Vinculares. Como a Psicanálise, ela parte da patologia ao estudar os bebês na relação com seus pais. Entretanto, ela prima pela prevenção por ter o bebê um psiquismo em estágio inicial e muito dependente do outro, seu cuidador. O foco, na interação da díade pais-bebê, na interinfluência estabelecida, exigiu uma análise pormenorizada da comunicação analógica dos bebês. Por sua vez, a expressão do rosto, o olhar e o toque que acompanham a entonação e o ritmo da palavra vinda da mãe/pai, a prosódia em destaque, são de acesso direto ao bebê, criando-se entre eles, um espaço de interação-narração. Estes são aspectos que Bakhtin, em sua ótica, dedica-se a estudar exaustivamente e em especial, no *rosto*, na relação *eu-outro*, no *enunciado* e na *dialogia* presentes no que denomina de *encontro*.

Outro aspecto entre o filólogo/filósofo e o psicanalista Freud é a religião. Embora em suas vidas pessoais, segundo as biografias, deram à religião um lugar de distanciamento, ambos em suas obras a colocaram, em algum momento e de diferentes formas, num lugar significativo. Segundo Hirschkop (2006), Bakhtin, nunca explicitou verbalmente ou por

escrito o lugar da religião em sua vida, embora tenha impregnado a linguagem utilizada de conceitos teológicos, deixando marcas para alguns tradutores identificarem alegações religiosas em um subtexto, como se pode observar no prefácio de Todorov em *Estética da Criação Verbal* (1997a), quando afirma que o filósofo era um cristão ortodoxo, diante de algumas reminiscências cristãs em seus trabalhos que permitem reconstituir tal posição.

Portanto, para Hirschkop (2006), Bakhtin não aborda o lugar messiânico e da religião de forma literal e consistente, ela aparece como uma característica necessária da cultura humanista, colocando um sentido e um significado nas atividades do falar ou escutar, oferecendo um corretivo ao positivismo prevalente na época. Isso pode ser identificado, por exemplo, quando inclui em sua teoria o lugar de um terceiro, um ser superior, que leva o indivíduo a viver na esperança de ser compreendido. Ressalta a importância da fé nesse terceiro, mesmo quando o que disser for mal-entendido. Quanto a Freud, ele se dizia ateu, mas abordou literalmente o lugar de Deus e da religião nos grupos e na civilização, por exemplo, em *Totem e Tabu* (1913/1974b); *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921/1976b); *O Mal-estar na Civilização* (1930/1974a) e *Moisés e o Monoteísmo* (1939/1975).

Assim como existe um Deus, o lugar do pai em suas teorias, eles reconhecem o lugar da mãe. Na Psicanálise, esta última tem parte significativa na situação edípica, no *sentimento oceânico*⁶ e ao longo do desenvolvimento psicológico do indivíduo e da própria obra de Freud. Nos trabalhos bakhtinianos, a mãe participa, mas num lugar não tão especial quanto em Freud, podendo ser confirmado em alguns parágrafos de *Para uma Filosofia do Ato Ético* (1997b)⁷ ou em *Estética da Criação Verbal* (1997a), seguido de *Freudismo* (2004). O lugar da mãe em Bakhtin e no Círculo, não segue desenvolvendo-se sob olhar teórico, é no aqui e agora do surgimento da língua. Porém, é claro, essa leitura que realizo se restringe às obras a que tive acesso direto ao autor e seu Círculo, conforme bibliografia citada.

Outro ponto interessante de proximidade, embora com dimensões muito distintas é que ambos focalizam a obra de Dostoiévski mas com uma grande ressalva: a obra do referido escritor foi trabalhada literalmente por Bakhtin (2010) durante muitos anos, somente entre a primeira publicação (1929) e a reedição (1960) passaram-se 30 anos, enquanto, para Freud (1927-1931/1974a), esse foi um dos seus trabalhos, não tão significativo.

⁶ Para Freud (1974a) este sentimento era uma sensação de eternidade, de algo ilimitado, de infinito, de união indissolúvel com o grande todo e de pertencimento universal presente nas primeiras experiências afetivas do bebê quando não diferencia seu ego do mundo exterior e será o contato com o seio materno que lhe permitirá descobrir, progressivamente, que existe um objeto situado fora de seu ego.

⁷ (tradução nossa)

Com isto, coloco em relevo uma obra de arte literal como foco central de todo o trabalho de Bakhtin (2010): o diálogo entre o indivíduo e sua obra, esta tendo “vida própria”, acontecendo no interior do objeto artístico. Diferentemente de Freud (1928/1974a) que, sem deixar de reconhecer a faceta artística do criador, dedica-se àquela considerada patológica; segundo ele, a obra de arte é a expressão do intrapsíquico de Dostoiévski. Enquanto este último se reconhecia como epilético, Freud o via acometido por graves crises histeroepiléticas, ou seja, por uma histeria grave, acompanhada pelo vício em jogar e um possível abuso sexual a uma criança. Tais crises parecem acompanhá-lo desde a infância por sintomas mais brandos mas foi aos dezoito anos de idade, quando o pai foi assassinado, que as crises se agravaram. Integrando as duas línguas, Psicanalítica e bakhtiniana sobre Dostoiévski concluo ser no mínimo instigante pensar um estudo linguístico/dialógico tomando, como referência um psiquismo com graves crises de perda de consciência, convulsões musculares e depressões subsequentes. Será que Bakhtin, mesmo sem referir, considerou a interferência destes aspectos (ritmo, sentido, entonação entre outros) nos enunciados de Dostoiévski? Algo a refletir!

Retomando as proximidades entre os autores e suas obras, apresento o último aspecto considerado a partir de minha subjetiva visão: a afasia. Para Freud este foi o foco de sua primeira publicação, *A interpretação da afasia* (1891)⁸ e um marco na área de Psicologia, pois seus trabalhos anteriores estavam voltados para a Neurologia, âmbito inicial de sua profissão. Sabe-se que Freud sentia orgulho deste trabalho embora raras ocasiões o mencionou. Na vida de Bakhtin, não relacionando as obras, mas seus laços afetivos, esse tema ocupou, com certeza, grande dimensão. Também deve ter sido um marco, mas de intenso sofrimento, na medida em que perdeu sua mãe e as três irmãs de afasia (1942), uma das consequências nefastas dos campos de concentração da Segunda Guerra (BAKHTIN; DUVAKIN, 2008).

Certamente, a relação proximidade-distanciamento entre as “duas línguas” se faz presente, de forma mais instigadora, na análise do corpus da presente tese. E isso ocorre embora o modo de escrever este trabalho científico já seja resultante dos referenciais teóricos que foram produzindo um pensar muito próprio, interligados como a pesquisa Qualitativa e a Teoria das Relações Vinculares (GRIGOLETTI, 2005).

⁸ Freud analisou a afasia sobre três ângulos: lesões orgânicas; idade em que o indivíduo polilingue adquire as outras línguas diferentes da materna; influência da predominância de uma língua ao invés de outra (FREUD, 1974c; 1977. AMATI-MEHLER; ARGENTIERI; CANESTRI, 2005).

Dando continuidade às bases científicas já percorridas, retomo a observação de a presente tese partir de resultados de pesquisa anterior na UnB (GRIGOLETTI; NASCIMENTO, 2006), com indivíduos estrangeiros residentes em Brasília e diretamente vinculados às Embaixadas. A riqueza dos dados obtidos suscitou uma nova leitura para a tese, agora focalizando o estrangeiro adulto, não a relação entre este e seus filhos.

As características, referidas a seguir, contribuem para uma primeira contextualização da pesquisa de acordo com a abordagem metodológica adotada, a Qualitativa. Os sujeitos entrevistados, na condição legal de estrangeiros residindo, no máximo, há seis anos no Brasil, são 12 mulheres e 7 homens⁹, com idade acima de 27 anos, distribuídos nas seguintes nacionalidades: francesa, espanhola, britânica, cubana, neozelandesa, uruguaia, colombiana, mexicana, canadense, chilena e estadunidense. Os 41,66 % das mulheres e os 25% dos homens são franceses, prevalecendo sobre as demais nacionalidades; 83% dos 12 homens (incluindo os 5 referidos no rodapé) vieram para o Brasil por seu trabalho e os demais, por causa do de suas parceiras. Quanto às crianças, 45% das 22 são nascidas no Brasil. As nacionalidades das crianças: brasileira, peruana e belga integram-se as já referidas.

Com os esclarecimentos que acredito suficientes, para o momento, na caminhada teórica e de campo da pesquisa explícito a seguir, oito aspectos que justificam o modo de apresentar a tese.

Primeiro – por ser a introdução a última parte a ser escrita na tese, sabe-se que ela leva nas linhas e entrelinhas o sentido de todo o texto, tornando presente a tentativa, consciente de minha parte, de aproximar o leitor ao não dito, mas vivido e não somente com o possível a ser traduzido na palavra escrita.

Segundo – focalizar a introdução nas bases que geraram e contextualizam a tese foi a opção escolhida para facilitar o ingresso do leitor nessa travessia, abrindo mão de vislumbrar o que ele iria encontrar a cada capítulo. Travessia não somente da pergunta norteadora à possível resposta, mas também do inevitável lugar de estrangeiro que a cada momento, quando novos conhecimentos são adquiridos, se está exposto ao desenraizar o antigo, o estabelecido.

Terceiro – os conceitos de Bakhtin são expressos tanto literalmente no decorrer do texto quanto no modo escolhido de apresentar a própria tese ao leitor: nos diálogos entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, entre o pesquisador/autor e o leitor, ou nos monólogos entre o criador (escritor da tese) e a criatura (obra criada, a escrita da tese). Enfim, houve

⁹ 3 homens participaram efetivamente das entrevistas; 4 tiveram pouca participação e 5 somente preencheram o primeiro instrumento e o consentimento.

empenho em contextualizar os enunciados em seus tempos/espços dialógicos desde a própria introdução. Como referido, optei por uma apresentação escrita que mantivesse vivo, pulsando, metaforicamente e literalmente por meu próprio punho, o modo de pensar de Bakhtin, a partir do compreendido. Quanto à Teoria das Relações Vinculares, esta será apresentada na medida em que os conceitos surgirem, fazendo-se necessários para melhor compreensão do leitor. Portanto, ciente dos riscos da desconstrução de uma metodologia tradicional sobre a escrita de uma tese, não foram apresentados os capítulos específicos sobre cada uma das teorias, a bakhtiniana e a Vincular.

Quarto – certamente, a visão sociológica do momento atual acompanhou o olhar presente sobre a resposta à questão norteadora, marcando a época e o contexto da identidade contemporânea. Entretanto, preferi não abrir mais um campo disciplinar de leitura, apenas enriqueci o existente com algumas contribuições de Bauman (1998), sociólogo da contemporaneidade que, inclusive, em uma de suas obras faz referência a Bakhtin.

Quinto – os passos a percorrer serão detalhados partindo dos teóricos que embasavam até então minha visão de estrangeiro; da metodologia que permitiu a apreensão da realidade; de minha capacidade investigativa e, nesse momento, principalmente, da condição de movimentar-me em universos distintos: o da língua materna (Psicanálise) e o da segunda língua (bakhtiniana).

Sexto – o uso da palavra linguística na tese ficará restrito à Linguística Dialógica de Bakhtin (BAKHTIN, 1997a; BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1999), tendo em vista o autor e o Círculo referirem-se a Linguística enquanto ciência marcada por críticas e diferenciações de sua abordagem. Para ele, a Linguística estuda somente a relação existente entre os elementos dentro do sistema da língua e não a relação dialógica entre o enunciado e a realidade, o enunciado e o locutor .

Sétimo – decidi utilizar a expressão Análise/Teoria Dialógica do Discurso embasado em Brait (2006), não como uma metodologia científica de pesquisa propriamente dita, mas, segundo ratifica Faraco (2009), como uma grande diretriz para construir um entendimento mais amplo da realidade em estudo. Além de embasar-me nestes autores, esta ótica também foi referendada por leituras realizadas na própria obra de Bakhtin, por exemplo, a Metalinguística (p.342; 345; 375; 394), posição do observador (p.375), a compreensão simpática (p.117) e a empatia (p.78-81) em *Estética da Criação Verbal* (1997a) ou a escuta do

ouvinte sobre a autobiografia (p.122-137) em *Para uma Filosofia do Ato Ético* (1997b)¹⁰ e em *Estética da Criação Verbal* (1997a, p.164-181).

Oitavo – utilizar a metáfora da viagem marítima na apresentação do material escrito a seguir retrata a situação de travessia acima referida, assim como expressa algo inerente ao “ser” estrangeiro, o “mergulho” em suas lembranças, em sua memória, em seu mundo interno, o descer e o levantar âncoras na “língua” utilizada durante o processo de migração. Acredito também aqui, no uso de metáforas, estar presente Bakhtin. Durante as leituras intensas e apaixonantes do e sobre o autor, algo foi *trans-mitido* na linguagem metafórica bakhtiniana, o não dito, mas vivido.

Enfim, os itens anteriores justificam, mais do que as transgressões, as recombinações sobre a metodologia da escrita de uma tese, utilizando recursos que se adaptassem e fossem coerentes ao meu espaço e tempo presentes. Para tal atitude, respaldo-me em Vasconcelos (2002)¹¹.

Ao finalizar esta introdução que, ao mesmo tempo, fala de todo um processo racionalmente concluído, é mister tomar consciência, neste exato momento, de que tento descrever e justificar meu conflito: “transgredir” o estabelecido! Não foi somente na metodologia da escrita que me vejo no lugar do estranho, mas também por desestabilizar minha língua materna, a Psicanálise, e me deparar com a resultante de um processo de aquisição de uma nova identidade: a língua bakhtiniana e a condição de doutora em determinado assunto. Todas estas posições sendo legitimadas pela linguagem escrita e oral. “A desordem não é para ser evitada nem lamentada, mas é, sim, necessária para compreender a cocriatividade quase ilimitada do processo de seguir adiante” (STERN, 2007, p.184).

Almejando ter visualizado um mesmo objeto de diferentes escotilhas da embarcação que nos aguarda e contribuído para a compreensão da presente tese, será dado início às rotas de viagem. Convido o leitor a se dispor a essa aventura. Espero que, ao final, seja uma profícua experiência, impulsionando a busca de novas rotas.

Com as informações necessárias para a viagem marítima, *bem-vindos a bordo!*
Levantar âncoras!

¹⁰ (tradução própria)

¹¹ Exigências metodológicas específicas do campo de conhecimento devem ser conhecidas e respeitadas pelo autor, e qualquer transgressão ou diferenciação no seu uso deverá ser plenamente justificada. Mais do que reinventar regras é importante recombinar os diferentes recursos e estratégias metodológicas de forma criativa.

2 NAVEGANDO NOS MARES DA LINGUÍSTICA: AS LÍNGUAS FALADAS A BORDO

“Cada indivíduo nasce e se desenvolve envolto em um envelope sonoro, audiofônico e os primeiros sons contatados são os da voz materna e da cultura de origem” (ANZIEU, 2000, p.211).

2.1 A língua materna, a *língua da mãe*

Iniciar por discorrer sobre a primeira língua é inevitável, o registro original de troca e comunicação enquanto sujeito pertencente ao coletivo. Em que bases pautamos nossa comunicação verbal na língua materna? A seguir alguns aspectos para refletir e nortear o tema central.

2.1.1 O ritmo, o sentido e o enunciado

Nascemos entre ritmos que fazem parte da natureza humana, a ponto de não conseguirmos imaginar-nos sem eles maestrando nossa vida. O relógio biológico do Homem sempre denuncia sua presença quando existem alterações marcantes no cotidiano. Sua constância e intrincidade à natureza humana – filogênese e ontogênese – levam-nos, muitas vezes, a ignorar sua influência em nosso equilíbrio psicofisiológico.

Amamos, respiramos, comemos, dormimos, falamos e apresentamos tantas outras manifestações físicas e emocionais em intensidades variando do mais ao menos. Buscar o próprio ritmo é um grande desafio. Principalmente numa época quando somos levados a anestesiar nossos sentidos – visão, audição, paladar, olfato e tato – em especial, se relacionados à nossa própria pessoa ou a nos “adaptar” ao desequilíbrio de nosso habitat como nos desastres ecológicos.

Etimologicamente, a palavra ritmo provém do grego “rhein” que significa fluir. Supõe movimento, alternância, repetição, ordem, organização e vida. Segundo Meschonnic (apud CHACON, 1998), o ritmo linguístico consiste na organização de um fenômeno específico (a linguagem), desenvolvida em fluxo contínuo (o discurso). É também a estruturação em sistema do que ainda não é sistema. Caracteriza-se por uma propriedade antitética: a continuidade/descontinuidade que subjaz à organização (disposição,

configuração) de qualquer atividade linguística (discurso). Portanto, para o referido autor, o ritmo é visto, simultaneamente, como sistema e como discurso.

Ao organizar a atividade linguística, o ritmo atribuirá significação àqueles fatos de sua matéria identificados como suas unidades constitutivas. Atribuindo-lhes sentido, ele as fará existir, provendo a alternância entre elas no curso dessa atividade, fazendo esse curso ser, ele também, provido de sentido. Na sua continuidade, portanto, a atividade linguística integra as descontinuidades em seu movimento e tal integração revela tratar-se de uma ação ritmo-semântica, na medida em que o jogo rítmico não se efetua sem, simultaneamente, atribuir sentido às peças que se movimentam e ao próprio movimento dessas peças.

Assim, para Chacon (1998), o ritmo define o valor semântico das palavras, justamente pelas posições que os fatos do sentido (inseparavelmente ligados à matéria fônica das palavras) assumem ao se relacionarem entre si. O sentido se estabelece em função do ritmo, o sentido é rítmico. Na atividade discursiva desenvolve-se, portanto, a produção de sentido, mas não só, pois se produz também, a emergência da subjetividade. O ritmo – entenda-se considerado pela continuidade/descontinuidade, pela pausa da palavra e presença sonora do silêncio – é subjetivo, visto dar forma aos sentimentos e às emoções do indivíduo. Ao possibilitar a organização subjetiva da linguagem em processo, ele (ritmo) se mostra tanto na organização da atividade discursiva quanto no próprio produto dessa atividade: o enunciado.

Segundo Bakhtin (1997a), todo enunciado comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros; depois de seu fim, há o enunciado-resposta do outro. O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa desse outro. O enunciado é uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes e termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mudo “dixi” percebido pelo ouvinte como sinal de o locutor tê-lo concluído. Este ritmo estabelecido na relação é possível com o outro, mas não consigo mesmo. Através do ritmo, abraço e amo a temporalidade que condensou os valores da vida do outro. Nos costumes da nação, no cotidiano da humanidade, participo do *coro* dos outros, *meu canto* não se dirige a mim, sou ativo só a respeito do outro e passivo ante a atitude do outro para comigo. Eu me situo no ser passivamente e eu participo nele ativamente.

Na medida em que o sujeito da enunciação – linguagem posta em ação e entre parceiros – se declara locutor, assumindo a linguagem, ele implanta o outro diante de si, acentuando uma relação discursiva com esse outro real ou imaginário (monólogo), individual ou coletivo (BENVENISTE, 1989).

Conforme complementa Bakhtin (1997a), o enunciado e as particularidades de sua enunciação configuram, necessariamente, o processo interativo, ou seja, o verbal e o não verbal que integram a situação e, ao mesmo tempo, fazem parte de um contexto maior histórico, tanto a respeito de aspectos antecessores a esse enunciado específico, quanto ao projetado por ele.

O ritmo organiza esse fluxo enunciativo, de modo a se entrecruzarem na enunciação, o ritmo, o sentido e a subjetividade. Logo, sentido e subjetividade se tornam inconcebíveis fora da linguagem e do ritmo. Assim, o ritmo é uma organização ou configuração do sujeito em seu discurso. Este, construído na e pela linguagem, mostra-se heterogêneo devido à multiplicidade de fatos que caracterizam seu histórico (a linguagem) e o atravessam, configurando-se o deslizamento do eu no enunciado.

Portanto, o enunciado segundo Chacon (1998) marcar-se-á pelo considerado por Authier-Revuz, a presença do outro – nível inconsciente – no discurso. E, esta heterogeneidade enunciativa pelo explicado por Meschonnic sobre as marcas do deslizamento do sujeito no fluxo da linguagem: o ritmo é a organização de um sentido, do sentido de um sujeito e de um inconsciente num discurso.

Como se observa, presidindo os fatos da enunciação, o ritmo encontra-se, simultaneamente, na base da fragmentação linguística e na base de sua integração. Ele instala o tempo na linguagem, no fluxo (movimento) característico do processo discursivo e na permanência (duração). Em outras palavras, o ritmo linguístico tem a propriedade de organizar tanto a flutuação e o movimento corporal do sujeito, quanto de sincronizar o movimento de um ser com outro. Estando na base da constituição do sujeito que se dá na linguagem, ele tem o papel de construir o tornar-se sujeito – social e histórico.

Será essa sincronia interativa que o ajudará a captar a melodia surgida a cada momento do mais íntimo de seu ser. Sua caixa de ressonância será escutada por seu grande ouvido (somos um grande ouvido), harmonizando movimentos vibratórios seus e do outro, resultando, assim, ritmo, sentido e enunciado numa bela sinfonia interativa.

2.1.2 A pele sonora e o sentimento oceânico

No início da vida relacional da criança desenvolve-se, entre mãe e filho, um idioma situado em alguma parte entre o laléio do bebê e a linguagem abstrata da mãe que acaricia e envolve o *infans*¹² com seu tom de voz e lhe sussurra sua história familiar e cultural, seus valores, ideais e representações. Por si só, a voz materna expressa os afetos em jogo; sua cadência e tom constituem um encontro pleno de significações. A mãe introduz a poesia e a palavra ao seu bebê que, se ainda não fala e não compreende, goza igual da rima e do ritmo.

A criança começa a ver-se, pela primeira vez, pelos olhos da mãe, é no tom dela que começa a falar de si mesma. Determina a si e a seu próprio estado interno através da mãe, do amor que esta lhe traz, na qualidade de destinatária de seus favores, de suas carícias e beijos. Ela emprega, para falar de si, dos hipocorísticos que vêm da mãe, como que se acariciando na primeira palavra pela qual expressa a si mesma: sua naninha, sua babá, seu dodói. Sua forma parece trazer a marca do abraço materno, pois o tom é determinado pela atitude desta com a criança, a importância desta para ela (BAHKTIN, 1997a).

Complementa o autor: tudo o que lhe diz respeito e penetra em sua consciência, a começar pelo próprio nome, vem do mundo exterior, da boca dos outros, inicialmente, da boca da mãe. É nos lábios e no tom amoroso dela que a criança ouve e começa a reconhecer seu nome; ouve denominar seu corpo, suas emoções e seus estados internos; as primeiras palavras, as mais autorizadas, que falam dela; as primeiras a determinarem sua pessoa e que vão ao encontro de sua própria consciência interna, dando-lhe forma e nome. Ela tomará consciência de si através desse outro de quem recebe a palavra acompanhada de entonação, com o tom emotivo dos valores que lhe fazem parte.

A entonação é um conceito social por excelência, esclarece outro bakhtiniano, Volochinov (1997)¹³, respaldado pelo suposto “apoio coral” do grupo socioetário que o sujeito pertence. Esse apoio possibilita que a entonação seja criativamente produtiva, não perca a segurança e a definição e conduza a palavra mais além do verbal. Toda a entonação se encontra no limite entre o verbal e o extraverbal, o dito e o não dito. A entonação é do grupo da fronteira, sensível a qualquer oscilação da atmosfera que circunda o indivíduo enunciator. Está orientada em duas direções: em relação ao ouvinte enquanto aliado e testemunha do falante e em relação ao objeto do enunciado, enquanto terceiro participante do processo da comunicação. Este último, podendo ser entendido como tema ou objeto da comunicação vem acompanhado de uma entonação valorativa, que enaltece ou denigre.

¹² Ser que ainda não fala.

¹³ (tradução própria)

O processo de assimilação da palavra, diz Bakhtin (1997a), o qual evolui na interação contínua e permanente com o outro, é das palavras do outro, seu tom valorativo e não das palavras da língua. Elementos de infantilismo na autoconsciência tipo “*Será que mamãe gostaria de mim assim...*” podem persistir por toda a vida em um tom enternecido em relação à percepção e à representação de si, do próprio corpo e do próprio rosto. Esse amor de mãe e dos próximos desde a infância proporciona, de fora, a forma do homem ao longo de sua vida, consistência ao corpo interior, tornando-o detentor de um valor potencial desse corpo sempre atualizado pelo outro e só o outro pode fazê-lo. O corpo interior é dado ao homem, o corpo exterior do Outro é pré-dado e deve ser objeto de atividade criadora. Portanto, o corpo não é algo que baste a si mesmo, tem necessidade do outro, de outro que o reconheça e proporcione sua forma. Ratificando o pensamento bakhtiniano: eu me vejo e me reconheço através do outro, na imagem que o outro faz de mim, portanto, esse eu único e inacabado, propõem-se a conhecer o outro o *eu-estranho*. Somente o outro pode reconhecer e afirmar o meu eu no processo dialógico: eu me projeto no outro que se projeta em mim (BEZERRA, 2005).

Entendendo como outra escotilha a visualizar um mesmo panorama sobre o lugar do corpo, caixa de ressonância na interação vocal entre mãe e bebê, cabe destacar a psicanalista Mahler (1982) e Mahler; Pine; Bergman (2002) quando dizem ter o bebê, em torno dos dois meses, uma consciência difusa do objeto que satisfaz suas necessidades, funcionando como se ele e sua mãe fossem um sistema onipotente, uma unidade dual dentro de uma fronteira comum, fase denominada de Simbiótica Normal. Ele vivencia a voz musical da mãe com um prazer sensorio mais ou menos agradável. Mergulha em um oceano de sons, é envolto, acalentado e acariciado, levando-o a sentir-se seguro, confortável e num bem-estar natural. A música não é vivenciada em conjunto com a visualização (da mãe), pois a criança ainda não está em condições de integrar a cena.

Nessa fase, quando prevalece o narcisismo primário, não existe ainda uma diferenciação entre interior e exterior, entre o *self*¹⁴ e o outro. A barreira diante do exterior aos poucos começa a se romper, permitindo o deslocamento de catéxias em direção à periferia sensorio-perceptiva. Esse deslocamento é essencial para a formação do ego corporal. Essa barreira se transforma em protetora, receptiva e seletiva.

¹⁴ Stern (1997) diz que o modo como experienciamos a nós mesmos (si mesmo) em relação ao outro oferece uma perspectiva organizadora básica para todos os eventos interpessoais. Os sentidos de eu podem existir em formas verbais e não verbais, antes da auto-consciência e da linguagem. A medida que surgem novos comportamentos e capacidades, esses são organizados e transformados numa perspectiva subjetiva de organização sobre o sentido do senso de eu e o sentido do outro.

Na interação vocal entre mãe e bebê pode-se dizer que a música cantada se diferencia da língua falada pelo fato de exigir a participação de todo o corpo materno, mais rigorosamente disciplinado pelas regras de um estilo vocal. A voz cantada da mãe, *mamanhês* ou do pai, *papaiês*, é a primeira sonoridade vocal apreendida pelo bebê, iniciada na fase intrauterina. Portanto, a meio caminho entre o falar e o cantar se localiza a prosódia, precursora da melodia. Esta se constitui numa sucessão de sons cujas entonações não são sempre as mesmas, estando implícito o aspecto temporal/subjetivo e cultural: toda nota que se entoa tem uma duração determinada e uma sucessão de tons.

As cantigas de ninar, definidas como um fenômeno vincular, uma zona de encontro entre mãe e bebê, íntima, secreta, serena, abre um tempo de espera e esperança que põe em jogo as sincronias e os ritmos entre eles. Essas canções transmitem uma mensagem que combina o pessoal e o familiar com a expressão cultural do grupo de pertencência, o qual se vai modificando de geração em geração, de acordo com as pautas de câmbio de cada cultura.

Considerando que a música sempre nos fala de amor, paixões, sentimentos que perpassam a humanidade, é inevitável pensar que a sincronia interativa entre mãe e bebê está associada ao ritmo musical. Utilizando-se de sua competência rítmica, o *infans* decodifica o enunciado presente na prosódia de sua maestrina. E, é no intervalo rítmico continuidade/descontinuidade, tanto do próprio enunciado materno, quanto do movimento dialógico da díade, que se apresenta o silêncio, primeiro distanciamneto a marcar a separação/diferenciação mãe e filho (GRIGOLETTI, 2008b).

Considerarmos o silêncio cheio de significados estabelecido entre a díade é imprescindível. Silêncio este que enlaça o bebê num diálogo imaginário da mãe com seu filho. Esse monólogo, a partir da mãe, cria um espaço dialógico musicalizado e, ao mesmo tempo, permeado de silêncios que falam. Como diz Kovadloff (2003), a música nos remete a silêncios mais além dos sons, ela está localizada no devir do tempo, tempo concebido como núcleo da existência. Essa modalidade de silêncio entre duas notas, dois momentos ou movimentos, remete a um antecedente e a um conseqüente. Está impregnado de tudo que o precede, de tudo que se desencadeará depois dele. Resume e prenuncia. Sintetiza e profetiza. Diz o referido autor: ela é mediação, mas é, ao mesmo tempo, totalidade.

Reik (1989), ao escrever sobre o silêncio, cita uma reflexão de Mahler, indo ao encontro de Kovadloff ao dizer que, em música, o mais importante não está na partitura. O silêncio, que faz aparecer o contraponto latente de vozes passadas e futuras (por vir), revela a voz inaudível da ausência que recobre o barulho ensurdecido das presenças. O enunciado

esconde o que o silêncio revela. Para escutar música, tem de haver silêncio. E, ao mesmo tempo, a música nos submerge no silêncio.

Para o bebê poder escutar sua mãe e, portanto, ter um silêncio interno, ele tem de, inicialmente, tomar por empréstimo o grande ouvido materno. Isto nos reporta à *mãe-ambiente* de Winnicott (2000): aquela que possibilita ao seu filho adquirir um ambiente interno. Enquanto este último não for viabilizado, a mãe é esse ambiente para o bebê, ambiente adaptado às suas necessidades, provendo-o nos momentos de excitação e de tranquilidade. Ela sincroniza sua tranquilidade no momento do bebê agitado e sua excitação, quando ele estiver calmo, constrói um ritmo muito próprio a seu desenvolvimento: um material mnemônico suficiente para ela poder sobreviver na mente do bebê, mesmo tendo desaparecido de seu campo visual, pois sua voz continua ecoando no bebê adormecido, mesmo após ela afastar-se do berço. Litvan (1998)¹⁵ entende que a voz materna não quer ser encantadora de serpentes, mas, no fundo, usa a mesma técnica: há necessidade da palavra para manter o bebê preso aos seus lábios.

Segundo Belitane (2006), o ritmo e o jogo corporal escandem as palavras, identificam unidades melódicas, equiparam e dão relevo a fragmentos por meio da rima e da repetição. Prematuros, bebês separados precocemente de suas mães, demonstram melhora na saturação de oxigênio, na regulação de temperatura e na evolução motora na maternidade de Kosice-Saca, Eslováquia. Eles escutam Mozart de cinco a seis vezes por dia, nas primeiras horas de vida extrauterina, a fim de minimizar o estresse do nascimento e do novo ambiente, bem como estimular o desenvolvimento das capacidades anteriormente citadas. Segundo os resultados da pesquisa, antes mesmo dos cinco anos, a criança já apresenta e demonstra uma predisposição para a música, como se fosse biologicamente preparada para apreciá-la. Nessa fase, ela revela o ouvido absoluto – capacidade de reconhecer uma nota singular. Após, desenvolve o ouvido relativo – capacidade de reconhecer o intervalo entre duas notas – em um trecho musical. E por volta dos oito anos, adquire também a capacidade de aprender a harmonia (CICERONE, 2006).

Sabe-se hoje que o contato precoce com a música é capaz de favorecer, positivamente, o desenvolvimento das habilidades cognitivas, linguísticas e motoras. Segundo pesquisa realizada na Universidade de Freiburg, as crianças que estudam música apresentam uma vantagem cognitiva de 6 meses a 2 anos em relação às demais e uma pontuação de QI superior à média (ibidem).

¹⁵ (tradução própria)

Certamente, evidenciar as competências do bebê para a musicalidade suscita a relação gestáltica figura e fundo, revelando tanto a predisposição sonora do bebê desde a etapa intrauterina, quanto a importância da sonoridade materna para o seu desenvolvimento. Portanto, ambas as instâncias não podem existir separadamente, somente encontram sentido na coexistência. A sincronia já referida nos direciona ao conhecido fenômeno especular ocorrido, segundo Bernardi; Rosselló; Schkolnik (1998)¹⁶, quando há, durante a dança interativa, coincidência nos picos de olhares e vocalizações entre a mãe e seu bebê ou nos momentos de imitação entre ambos.

Após esta viagem em diferentes e sincrônicos mares, cabe adentrar em mais um: Anzieu (2000) entende que o banho de sons em torno do bebê prefigura o que denomina de *Eu-pele*. Assim como a pele que envolve o corpo, sua dupla face: uma voltada para o interior e outra para o exterior, constitui o envelope sonoro composto de sons emitidos alternadamente pelo bebê e o meio ambiente. Inicialmente, este último é marcado por um *mamanhês* ou *papaiês*. Aos poucos, o banho melódico (a voz da mãe, suas cantigas, a música que ela proporciona) põe à disposição um primeiro espelho sonoro do qual o bebê se vale a princípio por seus choros, depois por seus balbucios e, enfim, por seus jogos de articulação fonética. No decorrer do desenvolvimento, sua pele-sonora, numa dialética entre os sons de dentro e os de fora, se coconstitui. Assim, nessa ligação audiofônica, ele vai constituindo seu sentimento de pertencência: sua identidade socio-histórica e étnica.

Portanto, quando o sujeito/bebê ainda ignora a presença do outro, o sentimento é de plenitude, algo ilimitado, sem fronteiras, denominado por Freud (1930/1974a) de *sentimento oceânico*. Essa sensação de plenitude, levando a uma fusão entre mãe e filho, os primórdios do envelope sonoro, às vezes expressa numa linguagem muito própria entre eles, causa, no terceiro, o sentimento de exclusão. Inevitavelmente, será frustrada pelos momentos assincrônicos que farão parte da díade e, mais efetivamente, com a entrada simbólica e de fato do terceiro, o pai.

2.2 A língua estrangeira, a língua do pai

¹⁶ (tradução própria)

Como se instala a língua do pai, estranha a da mãe? Qual sua resultante no psiquismo do sujeito? A seguir a importância do processo no desenvolvimento maturativo.

2.2.1 Separação/individuação e a linguagem objetiva

Como todo nascimento, nasce-se do outro e, por isso mesmo, tem-se de viver a separação em momento posterior ao corte do cordão umbilical. Ao longo do desenvolvimento, esse nascer – estar, intrinsecamente, junto do outro e desligar-se – ocorre muitas outras vezes e vem seguido, portanto, de um processo denominado por Mahler (1982) e Mahler; Pine; Bergman (2002) de *Separação-Individuação*, posterior à fase *Simbiótica Normal*.

O processo de *Separação-Individuação*, dos quatro-cinco meses a três anos, tem dois cursos de desenvolvimento que se entrelaçam: a *Separação*, quando o bebê forma gradualmente uma representação do *self* intrapsíquico, distinta e separada de sua mãe e é capaz de funcionar (internamente) independente dessa. Este processo intrapsíquico ocorre ao longo da diferenciação, distanciamento, formação de fronteiras e desligamento da mãe; na *Individuação*, entre dois anos e meio e três anos, o bebê forma uma identidade individual única para assumir suas próprias características, sua autonomia e competência.

As variações adequadas do processo de *Separação-Individuação* parecem ser aquelas nas quais a consciência da separação corporal, em termos de diferenciação da mãe, ocorre paralela ao desenvolvimento das funções independentes e autônomas do bebê, isto é, das funções do ego que servem à Individuação.

A etapa da Individuação, cuja subfase é denominada de constância objetal, viabiliza à criança funcionar numa distância-proximidade *suficientemente boa* (Winnicott, 2000): habilidade verbal que possibilite nomear-se eu, nomear os objetos, seus desejos e sentimentos; internalização tanto de atos, comportamentos dos modelos parentais quanto de regras e exigências; habilidade para simbolizar com jogos, desejos e fantasias. A constância objetal se refere, portanto, à autonomia do falar (a linguagem literalmente estabelecida com a mãe é ampliada para a linguagem social) e à capacidade de se autorregular nas funções orgânicas/esfincterianas. Evidencia poder a mãe física ser substituída pela mãe representada, possibilitando à criança internalizar as funções maternas para os momentos de sua ausência.

Por volta dos três-quatro anos, a criança, ao final do processo de *Separação/Individuação*, começa a se deslocar para a fase edípica, o marco de interação triangular, da aquisição da língua do pai, precursora da língua social, objetiva. Língua esta

possibilitada ao indivíduo, segundo Bakhtin (1997a), quando na posição do terceiro, isto é, quando ao indivíduo é possível colocar-se no lugar de outro, quando se especializa, expressando apenas uma parte de seu todo; quando não lhe é demandada sua pessoa na totalidade, portanto, quando ele é intercambiável.

Osório (2001), ao referir sobre o terceiro processo de *Individação*, conceito do psicanalista Bollas, na etapa adulto jovem – o segundo é na adolescência – enfatiza a necessidade da desidealização dos pais da adolescência, sujeito constituído, estabelecendo-se uma relação ativa com a realidade externa, para a aquisição da identidade. Então, considerando a língua como constituinte do Eu-sujeito, o referido processo será aqui focalizado na aquisição da segunda língua. “A língua nos constitui, ela é o material fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional e as outras línguas que aprendemos entram em relação com essa matéria fundadora e perturbam o sentimento de plenitude e de maestria da língua materna” (GRIGOLETTO, 2003, p. 228).

Falar outra língua não materna seja ela qual for – num mesmo idioma também nos diferenciamos ao falar a “nossa língua” – contribui para o amadurecimento psicoafetivo do indivíduo. O deparar-se com a outra língua é sempre um abalo narcísico, mesmo que, a todo momento, o indivíduo entre em contato com a língua do outro, uma segunda ou terceira língua, enfim, até mesmo com a sua própria-estranha língua, aquela que seu consciente desconhece. Como diz Kristeva (1994), somos estranhos a nós mesmos.

Tomando por empréstimo a terminologia de Gori (1997), pode-se dizer que, nesse momento do processo (*Separação-Individação*) a linguagem subjetiva abre espaço para uma linguagem objetiva. Progressivamente, a criança adquire regras que vão diminuir sua liberdade de manipulação da linguagem, conferindo a esta uma qualidade objetiva, não encontrando mais a liberdade de jogos primitivos, com o contrassenso das palavras senão nas tiradas espirituosas ou na poesia. Complementa o autor, fazendo referência a uma observação relatada por Freud: a linguagem é um meio de enfrentar nossa separação original e nossa solidão do mundo. Como dizia uma criança à tia, quando se via no escuro com ela: *Fale, titia, fica mais claro quando falamos.*

Como o novo idioma ainda não tem um significado com um sentido afetivo suficiente para o sujeito apreendê-lo, ele rastreia um código de acesso, sempre disponível: o conhecimento implícito. Um conhecimento transcultural, que ultrapassa fronteiras, mas é tão próprio do ser humano. Os seres humanos passam um longo tempo tornando-se eficientes em intersubjetividade, sendo a capacidade de inferir as intenções do comportamento humano, cada vez mais, considerada universal e presente desde etapas bem precoces do

desenvolvimento. Nesse momento da *des-construção* do código, o pensar se dá principalmente na forma de imagens visuais, sensório-motoras, viscerais e de sentimentos. Ao reconhecer e decifrar a intencionalidade, o sujeito tem mais possibilidades de adaptação e de sobrevivência em situações adversas.

Segundo Stern (2007), o saber implícito não se restringe ao mundo da comunicação não verbal ou dos movimentos corporais e das sensações, mas se aplica também aos afetos e às palavras, ao encontrado nas entrelinhas. Inclui os afetos, expectativas, mudanças na ativação e na motivação e estilos de pensamentos – tudo aquilo que pode ocorrer durante os poucos segundos de um momento presente. Ele permanece silencioso a menos que os acontecimentos forcem uma descrição verbal. Uma pequena porção do conhecimento implícito é traduzível em palavras. O autor denomina esse saber implícito de conhecimento não pensado, sendo ele potencialmente consciente e, portanto, potencialmente verbalizado, diferente de um saber reprimido no inconsciente.

Mas, ao se dispor a perder – perda da identidade que o constitui até aquele momento, perda da identificação com a figura materna – e enfrentar o novo – a língua do pai, o estranho – o indivíduo ganha a si próprio, *des-cobre* sua capacidade de transgredir, ultrapassar os limites estabelecidos por sua cultura, resignificando, assim, sua *pele sonora*.

2.2.2 O bilinguismo desconstruindo o *sentimento oceânico*

Segundo Melman (1992), nascemos aptos a nos comunicar em qualquer das três mil línguas faladas por 200 Estados politicamente individualizados. Complementa o autor: o inconsciente não é nem nacionalista nem xenófobo, ele não cria nenhuma oposição à mixagem das línguas.

Entretanto, uma delas, sabe-se, será eleita a língua materna, aquela primeira língua aprendida, a dominante, podendo ser a do país de origem. Será ela o canal de acesso entre o eu e o outro. O ser humano é um ser de *interação-narração*, diz Grigoletti (2005)! Já nascemos entre palavras, ratifica Szejer (1999)! Portanto, esse código sonoro vem permeado de afeto: família, cultura, história e tantos outros referenciais ideológicos.

O exercício requerido pela aprendizagem de uma língua estrangeira se revela delicado, pois solicita, a um tempo, a relação com o saber, com o corpo e com nós mesmos, enquanto sujeito que se autoriza a falar em primeira pessoa. Solicita as bases da estruturação psíquica e, com elas, aquilo que é, ao mesmo tempo, o instrumento e a matéria dessa estruturação: a língua materna (REVUZ, 2000). Esse momento de transição, quando o sujeito

se autodenomina em outra língua, gera sentimentos conflituosos. Como diz Coracini (2007) eles podem ir do medo a atração irresistível. A língua estrangeira, ou melhor, o outro, penetra com fragmentos que desarranjam, confundem e deslocam as águas aparentemente tranquilas e repousantes da primeira língua ou da cultura local. O sujeito entra em contato com aspectos socioculturais, ideológicos e uma história que o inserem em uma discursividade diferente da língua materna, desestabilizando sua primeira referência identitária.

Segundo Scherer; Morales; Leclerq (2003), essas duas línguas caminham juntas, nesse duplo efeito de sentido, pois são como uma encruzilhada onde o tempo, o espaço e o sujeito se encontram por/para a linguagem e, sobretudo, para a identidade não ser uma prisão, uma corrente na qual se absolutizam os elos de filiação, para a memória ou o que dela toma lugar poder historizar-se ou historializar-se. Para os referidos autores, estar em sua língua é transgredir sem fim. Questionam: o medo da diversidade tem a ver com o mito da torre de Babel existente em nós? A representação que fazemos de nos inscrever na perda quando falamos outra língua deve-se ao fato de não reconhecermos que todos nós falamos em nossa própria língua, uma língua estrangeira?

Acrescento outra questão: ser consciente dessa *unidade na diversidade*, isto é, de o enunciado ser constituído por uma multiplicidade de vozes e consciências, independentes e imiscíveis – conceito de plurivocidade (BAKHTIN, 1993) – e de cada enunciação, partícipe de uma língua “única”, pertencer também, ao mesmo tempo, ao plurilinguismo social e histórico, é insuportável ao narcisismo do sujeito contemporâneo?

Essa percepção, segundo Faraco (2009), de minha língua, minha cultura, ser apenas uma entre muitas, liberta a consciência dos limites de um unilinguismo fechado e impermeável e dá a dimensão da diversidade linguística e do emaranhado de conflitos interlinguísticos (entre as línguas nacionais) e intralinguísticos (no interior da própria língua). Assim, as vozes vivem nas fronteiras, em pontos de contínua tensão socioaxiológica, de contínuas interanimações, contraditoriedades, entrecruzamentos e reconfigurações.

Como esclarece Bakhtin (1993), a enunciação do sujeito constitui-se por processos de forças centrípetas e centrífugas, que se cruzam no discurso: centralização e descentralização, unificação e desunificação. A cada momento de sua formação, a linguagem diferencia-se, não apenas em dialetos linguísticos, mas no que é essencial, em línguas socioideológicas: sociogrupais, de gênero, de gerações etc. A estratificação e a contradição não formam somente a estática da vida das línguas, são também sua dinâmica: a estratificação e o plurilinguismo ampliam-se e aprofundam-se na medida em que a língua está viva e desenvolve-se. Ao lado das forças centrípetas se encontra o trabalho contínuo das forças

centrífugas da língua; ao lado da centralização verbo-ideológica e da união caminham ininterruptos os processos de descentralização e desunificação.

Portanto, para Bakhtin (ibidem), o plurilíngüismo ou heteroglossia significa um conjunto de línguas diferentes que compõem o discurso – é o discurso de outrem na linguagem de outrem, que serve para refratar a expressão das intenções do sujeito/autor. É uma multiplicidade de vozes em permanente confronto, advindas de um universo complexo, contraditório e em constante transformação.

“As contradições dos indivíduos são apenas cristas das ondas de um oceano de plurilingüismo social, oceano que se agita e torna as ondas poderosamente contraditórias, satura suas consciências e os seus discursos com o seu plurilingüismo fundamental” (BAKHTIN, 1993, p. 128-129).

“O verdadeiro meio da enunciação, onde ela vive e se forma, é um plurilingüismo dialogizado, anônimo e social como linguagem, mas concreto, saturado de conteúdo e acentuado como enunciação individual” (ibidem, p.82).

Nesse entrelaçamento de vozes em diferentes línguas – internas e externas, de mesmo ou diferente idioma – se harmoniza a narrativa de um sujeito por natureza dialógico e bilíngue. Lembrando Melman (1992): somos bilíngües em nossa própria língua, em cada língua há um bilingüismo. O indivíduo bilíngue enuncia numa segunda língua, a partir de um espaço e tempo em que fala sobre esta nova aquisição. Isso me reporta aos conceitos de exotopia e cronotopia de Bakhtin (1997a, 1997b¹⁷): o primeiro trata da criação individual, priorizando o espaço e o segundo, da produção histórica, priorizando o tempo, espaço temporal de onde várias histórias se criam e se contam. A cada novo tempo corresponde um novo homem. A cada tempo se articula um espaço e juntos formam uma unidade na qual se desenrola o enunciado. Este tempo-espaço, no qual várias histórias se contam ou se escrevem, fala de um lugar coletivo, estando ligado ao gênero discursivo – formas coletivas típicas que encerram temporalidades também típicas – e a sua trajetória.

Os conceitos de exotopia e cronotopia segundo Bakhtin, serão trabalhados mais detalhadamente no item 4.2 Tempo/espaço em que ocorre a tradução mas, contextualizando, no espaço-temporal da própria tese, pode-se dizer que a exotopia vivida pelo estrangeiro possibilita uma criação individual e uma constante renovação espaço-temporal de sua língua materna e de uma inovação na língua que lhe é estranha. Nesse processo de constante

¹⁷ (tradução própria)

transformação dialógica, o gênero linguístico da categoria do estrangeiro aqui pesquisado constitui sua mais recente identidade.

Assim, o tempo do estrangeiro é concebido como dimensão do movimento, da transformação incessante e inevitável. Essa grande temporalidade projeta a humanidade e o mundo para um além do contexto conhecido e representado. Aqui, sentido não morre, é constantemente renovado e, novos sentidos serão criados. Nesse movimento de criação individual e histórica, constituintes da identidade do estrangeiro, cabe lembrar Silva (2000), quando refere que os atos de fala são atos de criação linguística, por meio deles se define a identidade (*mesmidade*) e a diferença (outridade). Ao nomeá-las, no interior de uma cadeia de diferenciação linguística, o indivíduo as reconhece, as define.

O que também pode ser visto pela escotilha de Bakhtin (1997a, p.285): “Os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros de discurso são as correias de transmissão que levam a história da sociedade à história da língua”.

Retomando o foco de nosso item, cabe refletir: em que o bilinguismo desconstrói o *sentimento oceânico*? Acredito que, inicialmente, analisar a palavra desconstrução cabe neste momento, na medida em que contém a palavra construção: em toda desconstrução há uma construção, passada sim, mas também podemos pensar futura e, mais do que isto, uma construção simultânea à desconstrução, no mesmo instante em que o vazio se faz presente na transição. O vazio como constituinte da reconstrução.

Carregando em minha bagagem psicanalítica o desenvolvimento do indivíduo, é imprescindível pensar a aquisição da segunda língua respeitando as peculiaridades nas diferentes fases da vida psíquica. Supondo ser a “língua do pai” (acompanhada de todo o significado e sentido do referencial psicanalítico da Teoria Vincular) a segunda língua do indivíduo, entendo que tal resultante contribuirá para a aquisição da língua estrangeira.

Assim como as figuras parentais – materna e paterna – e, mais do que isto, o par, na aquisição da “língua do pai”, possibilita, numa resultante sintética, a identidade de gênero e a subjetividade do filho, também o *par* língua materna e língua estrangeira – pode possibilitar a identidade do estrangeiro. Cabe, portanto, à língua estrangeira, enquanto “língua do pai”, marcar a diferença e a frustração ao perturbar a maestria da língua materna, rompendo e *desconstruindo* o *sentimento oceânico* estabelecido entre a díade. Projeta o estrangeiro, enquanto sujeito, na universalidade das línguas, no encontro de diferentes vozes/línguas sociais.

2.3 Linguagem (pensamento): o espaço de encontro entre o Eu e o Outro

A relação Eu-Outro marca as rotas navegadas até então, suscitando um maior espaço para as definições/traduições e interpretações de filósofos como Lévinas e Buber, nos quais, entre outros, é claro, Bakhtin se inspirou. Entretanto não tenho a intenção, nem me sinto competente para tal, de aprofundar os pontos exatos de aproximação e distanciamento entre essas concepções, o que implicaria em outro trabalho científico. Autores como Faraco (2009), Amorim (2009), Sobral (2005b) e Emerson (2003) vêm realizando excelentes estudos sobre o lugar da Filosofia, especificamente, sobre o lugar de Buber e Lévinas nas obras de Bakhtin e do Círculo. Além de existirem estudos relacionais entre as obras dos dois filósofos de referência com os quais tive oportunidade de me familiarizar durante a caminhada em Filosofia no doutorado.

No decorrer do presente texto, conto também com as ideias de filósofos contemporâneos, contextualizando um pouco mais o leitor sobre as referências tomadas como parâmetro na interpretação do corpus. Iniciando por Lévinas (2000) sobre a relação Eu-Outro, ele afirma que só nos tornamos *eus* com relação a um tu. O Outro se revela Outro em seu rosto, mas manifesta ser infinitamente Outro pela sua palavra. A linguagem se torna o espaço do encontro do Eu com o Outro, ela não é mera experiência nem um meio de conhecimento de outrem, mas o lugar do Reencontro com o Outro, com o estranho e desconhecido Outro. O sentido só surge a partir dessa interconstituição dialógica.

A atividade de criação de sentido tem ligação intrínseca com a questão da alteridade. O outro metafísico é o outro de uma alteridade, na qual ser para o Outro significa responsabilidade ética, possibilitando ao EU ocupar seu lugar ativo no mundo enquanto ser de interação. É na relação face a face entre o Eu e o Outro que se estabelece essa proximidade, cujo sentido primordial e último é a responsabilidade do Eu pelo Outro, sem exigência de reciprocidade, pois, se ela existir, não se trata mais de uma relação *des-inter-essada*. Nessa responsabilidade constitui-se a subjetividade do sujeito.

Esta fenomenologia da proximidade toca uma esfera que, na subjetividade, precede a intencionalidade, tendo uma trama espiritual anterior à consciência, ao saber e ao tempo memorável, porque o primeiro movimento do homem não é a significação do mundo, mas o desejo. Se, no âmbito da consciência, é impossível ao homem sair de si mesmo, o real contato com a alteridade somente é possível a partir do desejo e da necessidade. Este desejo move o Eu e o Outro ao face a face, realizado como proximidade em uma relação interpessoal de responsabilidade aberta ao infinito.

Assim, ao emergir o rosto do Outro em meu mundo, diz o referido autor, desde que o Outro me olha, sou por ele responsável. E é somente no exercício de tal responsabilidade que se estabelece a proximidade. O rosto, que emerge no mundo, simultaneamente pede e ordena, isto é, interpela e solicita ao outro na condição ética de ordenar-lhe. Ser responsável significa substituir-se ao Outro. Esta disposição de fazer alguma coisa por outrem, esta *dia-conia* é anterior ao *dia-logo*. A interação é, desde sempre, uma relação que nos obriga à responder a face, à exterioridade do outro (ibidem).

Buber (1974) é reconhecido pela sua tese da existência dialógica e pelo slogan bíblico, *no princípio é a relação*. Segundo Faraco (2009), o filósofo fundamenta, para o diálogo autêntico acontecer, torna-se necessário cada parceiro ver o outro como ele é, implicando o fato de ele ser outro, essencialmente outro, que não eu. Há dois modos de ser do homem em sua existência: com uma compreensão transobjetiva, conhecimento íntimo, Eu-Tu e com uma compreensão objetiva, do mesmo modo como tomo conhecimento de um objeto, Eu-Isso. O primeiro modo contempla uma relação mais difícil de ser estabelecida, pois o Tu não pode ser função do Eu como se mera coisa fosse. Ele se dá somente na presença, confirmado na alteridade. Esse dialógico, ocorrido no face a face, na aceitação mútua e que não acontece sem dificuldades, contempla a dualidade do ser e da aparência e, do outro, da imposição e da abertura. Portanto, uma existência a partir do que se é e outra a partir de uma imagem, aquela que se quer representar diante do outro as quais se impõem com sua simples presença e me direcionam ao acolhimento do tudo e do nada dele decorrente. Reconhece o filósofo que a dualidade se faz presente em geral nos indivíduos, alternando-se com predominâncias.

O encontro, segundo Buber (1974), ocorre, portanto, decorrente de dois movimentos: o distanciamento e a relação. No primeiro, o homem coloca-se no face a face com o outro, reconhecendo sua alteridade enquanto outro. No segundo, acontece a presentificação do outro, em pessoa e não na mera representação, sendo que o movimento básico dialógico consiste no voltar-se-para-o-outro acontecendo “entre” as pessoas envolvidas. E a atitude do homem diante do mundo se manifesta pela palavra, ela é essencialmente relação, a mais intensa, Eu-Tu ou a cognocitiva, Eu-Isso.

A seguir, uma aproximação com os conceitos de Bakhtin (1997a, b¹⁸). A palavra é ato e este provém do Eu como arquitetônica real sempre direcionada para o Outro e supõe uma escuta, um descentrar-se de si mesmo, pois a presença desse Outro excede de sentidos e é

¹⁸ (tradução própria)

desproporcional em relação à consciência, ao Eu. Por sua vez, o ato de escutar faz intervir a função do sujeito na dimensão da existência do Outro. A palavra do Outro, escrita ou verbal, concebida como enunciado, impõe a tarefa de reagir diante dela e de compreendê-la para Eu poder transitar nesse universo de palavras. Em todo enunciado, descobriremos as palavras do Outro, ocultas ou semiocultas e com graus diferentes de alteridade. Essas se dividem em palavras pessoais e do Outro, podendo as fronteiras serem flutuantes, lugares de combates dialógicos. E a esperança no futuro, em seu caráter de resposta, é o coração do dialogismo. Não havendo, para Zavala (1997)¹⁹, outra via a não ser o diálogo pautado na ética comunicativa que identifique melhor o ato ético bakhtiniano (ética teleológica/ de fins e não deontológica/ de deveres).

Surge a *posição do terceiro*, referida em item anterior nesse mesmo capítulo da tese, quando o indivíduo se coloca no lugar do Outro. Existem exceções, diz Bakhtin (1997a), referindo-se aos casos narcisistas ou aos momentos de devaneio e de sonho dos indivíduos, quando o Eu é vivido somente por dentro, não tendo ou não sendo possível expressar-se externamente.

O encontro para o referido autor é o momento supremo da compreensão, implicando um ato total, simultâneo de compreender e julgar, havendo possibilidade de modificar ou até mesmo de renunciar do ponto de vista pessoal. A concordância/discordância ativa estimula e aprofunda a compreensão, dando à palavra maior autonomia, excluindo confusão e dissolução. A compreensão ocorre dos elementos reproduzíveis e do todo irreproduzível, reconhecendo o reproduzível e encontrando o novo, o desconhecido, o irreproduzível. Estes devem fundir-se, indissolivelmente, no ato da compreensão. A irreproduzibilidade de um todo se reflete em cada um dos elementos reproduzíveis que participam do todo.

Complementa Bakhtin (1997a): o encontro vai ocorrer num mesmo tempo e lugar e com um motivo. Esse está ligado a diferentes motivos, como separação, perda, reconhecimento e não reconhecimento, entre outros. O cronotopo real do encontro é universal em diferentes campos da cultura e dos costumes de uma sociedade. Uma compreensão ativa não renuncia a si mesma, ao seu próprio lugar no tempo, na cultura, ela nada esquece. O importante é a exotopia do compreendente a respeito do que ele quer compreender num tempo e espaço. Esse sentido para o indivíduo ao que é resposta a uma pergunta não se atualiza sozinho, procede de dois sentidos que se encontram e entram em contato. O sentido existe somente para outro sentido e se situa entre os sentidos formando um elo na cadeia de sentidos.

¹⁹ (tradução própria)

Essa complexa relação com a palavra do outro em todas as esferas da cultura e da atividade, impregna toda a vida do homem.

Como pode ser visto, é inevitável identificar as proximidades nas concepções de Bakhtin e dos dois outros filósofos. Embora Bakhtin tenha tido com ambos uma coexistência de aproximadamente 70 anos, parece-me, de acordo com o material a que tive acesso, ser Buber o mais admirado e citado nas obras bakhtinianas (BAKHTIN, 1993, 1997b)²⁰. Entretanto, como diz Faraco (2009) o entendimento da relação Eu-Outro em *Para uma Filosofia do Ato Ético* foi escrito, provavelmente no início da década de 1920, antes de Buber publicar sua obra *Eu-Tu* em 1923.

Tomando uma visão mais contemporânea: na dialogia de Emersom (2003) com Bonetskaia sobre a relação Eu-Outro em Bakhtin, esta é interpretada/ traduzida estando a psique estruturada de fora para dentro. Portanto, para conhecer a verdade do Eu, será imprescindível a relação com o Outro. Mesmo quando o sujeito se olha no espelho, é a reação do Outro à imagem de seu Eu que personifica. Entendem que o referido filósofo apresenta um modelo tripartite do Eu: eu-para-mim-mesmo e a dualidade eu-para-o-outro/o-outro-para-mim. Na interligação entre as duas últimas categorias do Eu-Outro é gerada a *dusha*, alma, tendo elas a capacidade de compartilhar uma linguagem e comunicar-se, além de certa conclusão formal, diferente de *dukh*, espírito, eu-para-mim-mesma, destituída de voz própria articulada. Esse *dukh* é capaz de filtrar, domesticar, integrar e questionar, mas é incapaz de formar uma imagem fixa a partir de seu instrumental inerente. Portanto, a segurança no tempo e espaço é concedida ao Eu somente por outra pessoa que, inevitavelmente, vê o Eu mais estável e completo do que ele poderia um dia se ver.

Diante da vista panorâmica pela escotilha de Bakhtin, Emersom (2003) dialogiza com o filósofo ao entender que o modelo tripartite proviria de um eu consciente de ter um *álibi* para o existir. Mesmo assim, diz ele, temos de reconhecer que o eu-para-mim-mesmo dentro desta perspectiva, possui um considerável poder de negociação e uma consciência razoavelmente plena de como reagir a pressões e influências. Ao traduzir palavras de Bakhtin ele salienta e complementa sua ideia de a consciência ser muito mais aterrorizante do que qualquer complexo inconsciente e a mente estar equipada para lidar adequadamente com esse horror. Um Eu saudável sempre procuraria expor-se a múltiplos insumos e perspectivas do mundo exterior, ele se esforçaria para atingir um estado romanceado.

²⁰ (tradução própria)

Reconheço, no texto de Emerson, seu desejo de levantar questões sobre o inconsciente, ele chega a formular o não reconhecimento de Bakhtin do id e da força do superego, entretanto, como psicanalista, respeito a seleção bakhtiniana. No meu entender, é possível olhar por certa escotilha somente esse ângulo do panorama, principalmente, na contemporaneidade quando sob uma visão massificada, tendente à despersonalização, ao descartável, o *fast food*, muitos indivíduos não pensam sobre o que pensam não se responsabilizando por seus atos.

Pensar um pensamento é não estar indiferente diante dele, mas estabelecer um vínculo essencial entre o conteúdo e seu tom emocional e volitivo, isto é, seu valor deve ser sustentado por aquele que o pensa. O sujeito se responsabiliza pelo que pensa. O ato de pensar, diferente do pensamento-ato, obedece a uma *nécessitance*, não lógica, mas ética (BAKHTIN, 1997b)²¹. A *nécessitance* de pensar um pensamento ou de a ele aderir é o dever do pensamento, que pela adesão irrevogável do sujeito singular promove sua participação no ser universal e idêntico, completando-o e atualizando-o com o que não é idêntico, nem repetível: o ser real no acontecimento único do *ato de pensar*. O dever de pensar e a impossibilidade de não pensar são dados pela *nécessitance*, pela posição que ocupo em dado contexto e época (AMORIM, 2009).

O ato, diferente da ação, é responsável e assinado. Ninguém pode prestar conta de minha posição, não existe nenhum alibi para que eu não pense ou assuma o que penso. Somente quando assumo o que penso, valoro com minha entonação, terá sentido o meu pensar. Portanto, o sentido está na participação da verdade²² do sujeito singular e concreto na verdade universal e abstrata. É no ato enquanto movimento do pensamento, o vir-a-ser, verdade universal que se completa com a verdade singular, que o indivíduo comunga com a arquitetônica real do mundo vivenciado (BAKHTIN, 1997b)²³.

Embora esse ponto de articulação entre o singular e o universal, o meu-lugar e o não-lugar, entre o tópico e o atópico, seja efeito do ato, Amorim (2009) entende que Bakhtin não deixa de reconhecer os limites do ato, ou melhor, de que o indivíduo possa provar seu alibi no ser, viver de sua passividade, apoiado em valores adotados como dominantes, por exemplo, na cultura, eximindo-se assim de pensar sobre o que pensa e da responsabilidade de reconhecer esses valores.

²¹ (tradução própria)

²² Bakhtin identifica duas verdades utilizando palavras em russo como *pravda* – composta de momentos singulares e irrepitíveis, tem uma dimensão moral e *istina*, composta de momentos universais, repetíveis, tem uma dimensão epistemológica. O ato realizado concentra e correlaciona, num contexto único, o universal e o individual, o real e o ideal, tornando o pensar um dever ético (AMORIM, 2006b).

²³ (tradução própria)

“É nesse lugar da arrebentação das ondas, onde o oceano se choca contra os barrancos de areia que o real eclode, o mundo aparece e o pensamento se liberta” (BEUQUE, 2004, p.18).

Nos momentos de fundeado na rotas percorridas, como não pensar que o ser humano tem necessidade de pensar e, mesmo sendo invadido pelo *Tsunami* da vida contemporânea, ele sempre será o que sempre foi: um ser pensante e de interação/narração. Como não pensar no lugar *trans* do estrangeiro quando precisa desse espaço intermediário na relação consigo mesmo e com o Outro para transitar na tradução das línguas, nos silêncios que o acompanham, nos valores éticos/estéticos, nos espaços geográficos de origem/conhecido e novo/desconhecido, nas ausências/presenças afetivas? Enfim, como não pensar na translinguagem, no sentido de Nicolescu (1999; item 4.1 da tese), que acompanha o ser estrangeiro na dualidade de sua identidade quando vai em direção ao Outro?

3 O ESTRANGEIRO E SEU PASSAPORTE

“O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada” (KRISTEVA, 1994, p.15).

3.1 A “estrangeiridade” do comandante Bakhtin

A mente e as mãos daquele que comanda o timão são fundamentais na viagem marítima, principalmente, se o comandante é Mikhail Mikhailovich Bakhtin. No decorrer da travessia, foi surgindo uma curiosidade: quem é aquele que baliza meu olhar, minha escuta, minha escrita e minha voz nessa tese? Qual sua identidade? Qual a relação existente entre sua vida e obra? Enfim, qual é sua possível história biográfica? Mas sem a pretensão de tentar responder às inquietantes questões, nesse momento vou limitar-me a reunir alguns dados da biografia deste “estrangeiro”, filólogo e filósofo que, na minha visão, muito me aproximou de um entendimento dos conceitos utilizados na tese.

Por acreditar na importância de conhecer a vida do autor para melhor me aproximar do significado de sua obra, a seguir faço uma modesta navegação por sua história, viabilizada, principalmente, pela narrativa oral biográfica da entrevista dirigida por Viktor Duvakin (1909-1982) em 1973. Estudioso da literatura, este biógrafo dedicou seus últimos 15 anos de vida às memórias orais sobre a cultura russa no início do séc. XX (BAKHTIN; DUVAKIN, 2008). Entendendo que os dados restritos sobre a vida pessoal do pensador russo falam de seu modo de ser, mas sempre a partir do *encontro*: cada sujeito vê o rosto identitário na singularidade desse *encontro*. A seguir, antes da biografia, um espaço para reflexão segundo Emerson (2003).

O referido autor delineaia diferentes rostos de Bakhtin, a partir de vozes referências na área, entretanto, pontua que o modo de ser desse “re-conhecido” (talvez nem tanto) pensador gerou visões paradoxais. O filósofo era de escrever poucas cartas pessoais; evitava conversas por telefone; não deixou nenhum diário nem memórias escritas; escreveu até o final de sua vida com lápis de ponta afiada; optava por ser um ouvinte contemplativo e tolerante mais do que falante, mudava suas ideias e seus temas com excepcional vagarosidade; não era seu forte falar de sentimentos. Entre os preenchimentos das lacunas biográficas referidas por Emerson é citado Fridman, ao retratar Bakhtin como um homem de regiões distantes que se sentia bem às margens da sociedade. “Bakhtin permanece sem lar e sem laços” (ibidem, p.19). Esclarece

o autor: não está claro o lugar de onde veio, a tradição filosófica que o nutriu; onde e como vivia, não há biografia sua em russo (dado que Emerson discorda); e nem quem é ele na verdade, obras assinadas por colegas do Círculo.

Na voz dos estudantes de Saransk, alunos de Bakhtin, outro perfil. Ele era um pedagogo indisciplinado, obstinadamente independente, impaciente com os controles políticos sobre a literatura e, perigosamente, dedicado a ensinar o texto literário original. Assim como um palestrante apaixonado e competente, gerando respeitoso silêncio na platéia; nos seminários mantinha atitude de liderança; orgulhava-se de seu rigor filosófico e as inter-relações do mundo do texto vinham sempre em primeiro lugar.

Outra imagem, pelo negativo do retrato (a mais excêntrica segundo Emerson) é a do culturologista e historiador literário Gachev. Para este, Bakhtin não tinha nenhum senso, nenhum conhecimento do mundo natural. Não teve filhos; nenhum cão; não gostava de luz natural (chás e cigarros noite adentro eram o seu contexto favorito); há dúvida se consumou o casamento; não nasceu para a paternidade nem para a reza. Com esses diferentes perfis, entendo ser válida a observação já referida por Emerson.

Pensando psicanaliticamente: uma “tábula rasa” pode dar margem a inúmeras projeções do outro, entretanto, cabe considerar que, em 80 anos vividos entre momentos históricos sociopoliticamente conflituosos e traumáticos, duas grandes Guerras (1914-1919; 1939-1945) e uma revolução (1917), as interinfluências também deverão fazer-se presentes a cada instante na vida de Bakhtin. Assim ocorreu com sua própria obra que, a cada tempo e espaço, foi e continuará sendo interpretada por diferentes ângulos ou por diferentes autores sob “o mesmo ângulo”. Como disse Bakhtin (1997a), o rosto do Outro muda de acordo com o leitor desse mesmo rosto. A seguir minha leitura, um ensaio embasado, quase em sua totalidade, na entrevista acima referida, de DUVAKIN, portanto, não será citada esta referência bibliográfica a cada momento da síntese, somente os autores que acrescentarem novos dados.

Nascido em Orel (sul de Moscou), 1895, Mikhail Mikhailovich Bakhtin diz sobre a data de seu nascimento: “Precisamente 4 de novembro, segundo o calendário antigo, 17 de novembro segundo o novo” (ibidem, p. 23).

Sua família culta e de idéias liberais era de origem nobre e muito antiga, documentos do séc. XIV atestam isso, mas estava em decadência, durante a vida do pensador, haviam perdido quase tudo. Segundo Bakhtin, a ruína começou com seu bisavô que era comandante da brigada e se endividou ao criar um dos primeiros corpos de cadetes da Rússia, por isso o nome Bakhtin no Ginásio Militar. Contribuindo com a má fase pela linha paterna, o avô,

presidente do Conselho Administrativo do Banco Comercial de Orel, devido à sua bondade e confiabilidade, em contraposição à malandragem e à limitada inteligência de outros membros do Conselho, foi preso. Mesmo liberto, ao ser provado sua inocência por ter *colocado sua assinatura* sem dar-se conta da operação proposta, perdeu todas as enormes propriedades devido à sua grande responsabilidade civil.

O pai era financista, importante funcionário de um Banco, constantemente mudava de cidade com a família. Esta era constituída pelos pais, cinco filhos: dois homens, Nicolai e Mikail e três mulheres, Natalia, Maria e Nina adotiva. Na casa com andares, trinta quartos, viviam também vários parentes, alguns com riquezas em decadência e significativas perseguições políticas, levando-os a migrar.

Quando a avó, então sob os cuidados da mãe de Bakhtin morre de tifo, ele já não estava mais em casa, em 1917, portanto, na época com 22 anos. A mãe morava em Leningrado com as filhas. Todas elas vieram a morrer das consequências da afasia durante o assédio à cidade em janeiro de 1942. A mãe e duas das filhas foram, supostamente, sepultadas em valas comuns e a adotiva viveu mais dois anos, morrendo num hospital em Leningrado. Somente sobreviveu o filho de cinco anos de Natália. O pai de Bakhtin faleceu um pouco antes do cerco à cidade, não passando pelas mesmas privações de fome e outras necessidades da época. Nesta fase o filósofo estava em Nevel, enviando alguns suprimentos à família.

Fisicamente limitado desde a infância, em torno de nove ou dez anos desenvolveu a ostiomielite, passou por vários procedimentos cirúrgicos muito agressivos, com perfurações na perna e na bacia: seu osso era quebrado e ali faziam a supuração da medula. Chegou a ter de amputar uma das pernas, com 43 anos, dois anos antes de se apresentar ao Serviço Militar, no início da Guerra. A outra perna, por consequência, embora não afetada pela doença, se amortizou.

Suas melhores lembranças são da infância, da casa natal, dos professores e da arquitetura dos palácios das Universidades nos ginásios que frequentou em Vilnius e, posteriormente, em Odessa. Sua admiração e respeito pelos professores se fez acompanhar da paixão que estes lhe transmitiam sobre os conteúdos ministrados. Via a todos eles, sem exceção, como competentes, bondosos e honestos. Cada um com suas singularidades.

Outro aspecto presente no ensino era o bilinguismo, as aulas eram em russo. Entretanto, naquelas que muitos alunos polacos frequentavam, era atendido o pedido de falar na língua deles. O polilíngue Bakhtin aprendeu, simultaneamente, duas línguas na infância, o russo e o alemão. Via governanta, por quem desenvolveu grande admiração, aprendeu esta última, considerada por Todorov, sua primeira língua estrangeira, ocorrendo com a leitura de

Kant em Crítica da Razão Pura, aos 13 anos de idade (AMORIM, 2009). Posteriormente, no ginásio, veio o latim, o grego e o francês. O inglês não era ensinado, somente na Universidade.

A cidade a 323k de Moscou, Orel, foi trocada por Vilnius, em 1905, para realizar parte de seus estudos secundários e por transferência do pai. Ele estava com dez anos, fase da primeira cirurgia. Entre 1912-1913, com 17 anos, viveu em Odessa, também devido à transferência do pai. Ali leu Buber e ingressou na Universidade. Em 1914 transferiu-se para Petersburgo, junto agora só com seu irmão um ano mais velho, Nikolai (1894-1950). Deu continuidade a seus estudos universitários no Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade Filológico-Histórica, diplomando-se em História e Filosofia em 1918, época em que os irmãos Bakhtin separaram-se.

Nikolai²⁴, entre os irmãos, foi com quem Bakhtin mais conviveu a quem expressou grande admiração. Enquanto viveram juntos, as relações recíprocas foram intensas, com uma orientação comum de seus estudos. Em 1920, Nikolai serviu na Legião Estrangeira francesa, sendo várias vezes ferido. Após, continuou seus estudos na Sorbonne, defendendo a tese de doutorado em Cambridge. Voltado para os estudos clássicos relacionou literatura e arqueologia grega, participando de escavações arqueológicas. Publicou vários trabalhos. Vindo a falecer por problemas cardíacos em 1950.

O começar a estudar filosofia por conta própria, nos originais em alemão desde muito cedo, retrata a ideia de Bakhtin de que limitar os conhecimentos ao estabelecido pelas instituições *escolásticas* é tornar-se um *funcionário do saber*. Dizia ser um apaixonado por filosofia e literatura, sendo conhecedor de Dostoiévski desde seus onze, doze anos. Reconhecia-se como um filósofo, um pensador mais do que filólogo, valorizando duas coisas, consideradas grandes perdas na vida do século XX: a profundidade e a duração.

Em Vitebsk, onde conheceu e casou com Elena Aleksandrovna Okolovich, permaneceu de 1918 a 1923. Também nessa cidade e em sua casa, foi fundada a base do Circulo de Bakhtin, posteriormente transferido para Leningrado (denominação posterior a Petrogrado, até maio de 1924). Surgiu, pela primeira vez, na cena editorial em 1919, com um pequeno parágrafo sobre *Arte e Responsabilidade*. Em Vitebsk ensinou no conservatório de Música e conheceu o diretor da Escola de Arte, Malevich, o qual tornou-se amigo íntimo do casal Bakhtin. Malevich em sua sólida formação artística se ocupava também da astronomia numa leitura sobre a totalidade do universo. Explicou ao filósofo como apreciar uma obra de

²⁴ Segundo Duvakin ele foi o Outro mais significativo que Bakhtin encontrou. Sendo a alteridade uma característica fundamental para a Filosofia de ambos.

arte, nas infinitas dimensões do mundo, cósmicas e universais, ressaltando a posição do artista que vê a obra, diferente da posição das demais pessoas. O artista que criou está fora das três dimensões representadas na obra, está numa quarta dimensão se contada aritmeticamente, mas não se pode contar desse modo, são inúmeras as dimensões.

Provavelmente, no início da década de 20, alguns escritos ficaram inacabados: *Para uma Filosofia do Ato Ético*, somente publicado em 1986 e *O Autor e o Herói na Atividade Estética*. Nessa mesma década, Bakhtin recorda a entrada das obras de Freud e seus discípulos, na Rússia mas continuadores do freudismo de fato ali não aconteceram. Diante de tantas traduções e distorções, entendo ser importante transcrever, literalmente, as palavras de Bakhtin na entrevista sobre sua posição frente ao psicanalista e sua obra.

De qualquer forma, Freud foi uma das grandes figuras do séc. XX, certamente um genial descobridor. Pode-se compará-lo...bem...a quem?...Bem a ...Senhor, meu Deus! A Einstein.....Uma figura grandiosa. Independente do fato de concordar ou não com a sua concepção, não existe nenhuma dúvida que tenha descoberto algo que antes dele não se via e não se conhecia. Foi precisamente um descobridor, um grande descobridor (BAKHTIN; DUVAKYN, 2008, p.207)

Em dezembro de 1928, início de 1929, com as perseguições em massa contra os intelectuais durante os primeiros anos stalinistas, qualquer excentricidade poderia servir de pretexto. Bakhtin foi preso com a acusação de suposta atividade na Igreja Ortodoxa Russa, que operava secretamente. Devido à sua saúde precária e à intervenção de amigos influentes, sua sentença de dez anos em campo de concentração transformou-se em seis anos de exílio. Na prisão, diz ter sido bem tratado, sem palavrões nem agressões físicas. Devido à doença, estava por amputar uma das pernas quando lhe propuseram ir para Kustanai, ele e a esposa, atitude vista como gerada por espírito humanitário. Trabalhou como economista numa organização comercial e, posteriormente, ensinou particularmente, noções de economia. Entre 1929-1930 publicou *Problemas da Poética de Dostoiévsky* e as *Introduções dos volumes XI e XII das Obras escolhidas de Tolstoi*.

A cidade de Kustanai fora habituada, desde o tempo dos czares, a tratar bem os exilados. As pessoas mesmo na carestia, sempre acrescentavam ao pensador um pouco mais nas aquisições dos suprimentos. Tinha privilégios e comodidades, via um cartão, *não lhe era solicitado assinar nada*. Recebia salários superiores à população em geral, por ser considerado mais culto. Em 1936, o casal tentou Saransk, 20hs de Moscou, mas o cerco sobre as pessoas era intenso, levando-os à opção de fugir do exílio, vivendo em residência não fixa entre Moscou (residência de uma das irmãs casadas) e Leningrado (residência da mãe e

demais irmãs). Seu registro estava na cidade de onde emigrou. Posteriormente, foi para Savelovo, cem quilômetros de Moscou, onde realizou sua cirurgia. Nesse período não precisava mais apresentar-se, periodicamente, à polícia de Saransk.

Em 1941, submeteu sua tese de doutorado: François Rabelais e a Cultura Popular Medieval e do Renascimento, à banca em Moscou. Ela foi escrita ao longo da década de 30 e durante a Guerra, somente sendo aprovada em 1946 e publicada em 1965.

Após a morte de Stalin, 1953, a quem o pensador resistia ferrenhamente, mesmo com direito, não solicitou sua reabilitação, achava inútil a revogação da sentença. Era avesso a burocracias. Valorizou o apartamento destinado ao casal Bakhtin, sua arquitetura e localização frente ao Palácio do Governo e da Comissão Regional de Saransk. Em 1960, após revisão, republicou Dostoiévski.

Em 1969, foi hospitalizado no Kremlin, Moscou, devido ao agravamento de sua doença. Em 1971, morreu sua esposa, parceira inseparável. Somente em 31 de julho de 1972, obteve permissão para voltar a viver em Moscou. Na Casa dos Inválidos, após o Hospital onde o casal permaneceu, de 1970 a 1971, não houve registro.

Várias fontes soviéticas, entre elas o renomado cientista Ivanov, divulgam, em 1973, Bakhtin ser o autor ou coautor de três livros e de vários artigos publicados com outros nomes: Voloshinov e Medvedev. Entre as obras tem-se *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e *O Freudismo* (BAKHTIN, 1997a).

Momento de fundeado. A pergunta que, na minha escassa abrangência de leitura, não quer calar é: por que não assinar suas próprias obras? De acordo com Vasilev (2006), muitas foram e continuam sendo as possíveis respostas, entre elas: a falta de laços de amizade entre Bakhtin e o mundo acadêmico-editorial; a incapacidade de levar ao fim os trabalhos iniciados; a tentativa de ajudar os amigos na carreira acadêmica; a reação peculiar e aventureira do estudioso e seu Círculo para a desconstrução geral do que os circundava; a proteção de sua identidade no momento da ditadura ideológica, entre outras. O cientista Ivanov, que divulgou a verdade parcial das autorias, assinala a última possibilidade de resposta: a razão da máscara identitária foi a censura.

Uma pequena escotilha se descortina para lembrar e situar o leitor quanto ao momento de expressão da palavra impressa na vida cultural russa do século X ao XX. Segundo Emerson (2003), a palavra impressa foi tida como sagrada e em degraus diversos não livres. No século XIX, foram desenvolvidas estratégias para iludir a palavra autoritária não livre, entre elas a *linguagem esopiana*, um mecanismo hermenêutico aperfeiçoado pela *intelligentsia* radical russa. Tal linguagem supõe ser o mundo alegórico, ninguém fala ou

escreve diretamente e todo o texto oficialmente público ou publicado contém um subtexto “mais honesto” oculto que somente os iniciados serão capazes de decifrar. O “crítico educador” tornou-se a estrela guia da vida intelectual russa do século XIX: os artistas se perderiam por diferentes caminhos se não fossem os críticos-jornalistas que indicam o rumo a seguir. Entretanto, em 1990, com a Lei da Imprensa russa, foi abolida a Glavlit, agência de censura cujo selo de aprovação tinha de estar presente em tudo que continha a palavra impressa, e foi legalizada a publicação autônoma. A nação tornou-se legalmente pluralista.

A partir de março de 1975, Mikhail Bakhtin nunca mais faz sua assinatura, mas deixa suas últimas palavras a Deus ou a sua companheira: “Eu vou a ti” (HIRSCHKOP, 2006, p.146)!

Agora, um momento de fundeado, novamente, uma pausa para algumas palavras sobre uma dialogia que se foi construindo na caminhada da tese: a relação entre o comandante estrangeiro Bakhtin e seu mundo musical. Como já referido, a relação entre o estrangeiro e a música me acompanha desde a pesquisa em 2004, portanto, meu olhar sempre atraído por essa possível relação brilhou ao encontrar um mundo musical acompanhando Bakhtin em suas várias migrações.

Alguns amigos de *Mich Miche*, como era por eles chamado, serão aqui, brevemente, referidos pelo que identifico como relevante. Entre os componentes do Círculo de Bakhtin, estava o musicólogo professor no conservatório de Leningrado e estudioso de teatro, Ivan Ivanovich Sollerstinki (1902-1944), o mais jovem do grupo, nascido em Vitebsk. Ele escreveu com Bakhtin e Maria Veniaminovna Yudina (1899-1969): *A Linguagem Musical no Círculo de Bakhtin*.

A grande amiga hebreia Yudina, inicialmente sua aluna, uma adolescente com 18 anos na época que se conheceram, gostava de filosofar embora não fosse filósofa. Com capacidade para tal, era avaliada por Bakhtin com uma característica rara entre as mulheres da época. Transitava pelas línguas principalmente latim e grego antigo, além da literatura. A admiração maior do pensador era seu lado musical. Segundo ele, ela tocava esplendidamente. Era uma musicista célebre, com uma mão não feminina, cuja força extraordinária foi interrompida aos 70 anos, devido a um atropelamento automobilístico, fraturando os dedos da mão direita.

Bakhtin, na entrevista com Duvakin em 1973, precisamente na sexta conversa, dedica a ela um espaço de grande admirador e de intimidade, revelada em lapsos de linguagem e numa poesia que ele recita e o leitor pressupõe referir-se a Yudina; ao final, ele confirma. Nas revelações percebe-se uma identificação com a amiga, quanto ao fato de tudo

que era oficial lhe pesar, assim como ele também não suportava. Após ser muito elogiado por Duvakin por sua capacidade de recitar, Bakhtin atende ao pedido. Finaliza a poesia a seguir, explicando que lhe lembrara Yudina... e sua música.

Resplandecia a noite. O jardim era cheio de lua.
Os raios sobre nossas pernas na sala sem luz
O piano de caudas era todo aberto, e as cordas nele vibravam,
Como o nosso coração seguindo seu canto.
Tu cantaste até o amanhecer, acabando-te em lágrimas
Que tu foste a única, em toda a vida, o único amor
E querias viver sem deixar cair o som
Para amar-te, abraçar-te e chorar sobre ti.
E são passados muitos anos, penosos e tristes
E no silêncio da morte, ouço novamente a tua voz
E sopra, como então, nesses encantáveis sonhos,
Que tu foste a única por toda a vida, o único amor
(BAKHTIN; DUVAKIN, 2008, p. 266).

Volochinov (1895-1936), outro componente do grupo era professor do conservatório de Música de Vitebsk. Após a guerra civil, ele fez formação filológica na Universidade de Petrogrado e doutorado no Instituto de Estudos Comparados das Literaturas e Línguas do Ocidente e do Oriente. Desenvolveu ideias conjuntas e ideias e pesquisas independentes de Bakhtin. Nesse mesmo conservatório de Música, mais tarde, ao final de 1920, Bakhtin também veio a lecionar, no caso História e Filosofia da Música.

Bakhtin, descrevendo-se como amador na área dos amigos, reconhecia seu entendimento musical ao desenvolver cursos sobre a estética da música, relacionando-a ao mito. Ele informa algumas de suas principais referências na área de Filosofia que estabeleciam relação estreita com a Música: Schelling e Vasilevich.

Nos textos de Bakhtin em *Estética da Criação Verbal* (1997a) algumas páginas referem-se literalmente à música, por exemplo, 108; 110; 123; 125; 184; 214; em *Para Uma Filosofia do Ato Ético* (1997b), página 23²⁵. Termos como entonação, tom, ritmo e metáforas como apoio coral e polifonia fazem parte do corpo da obra bakhtiniana, especialmente, nos itens 2.1; 2.2 e 4.3 da tese.

Tentando dar um fechamento, algumas palavras do filósofo sobre como via a música.

“Filosofia, mitologia, religião e música são as coisas mais afins no mundo, que existem no mundo, as mais afins. A música, em essência, é filosófica e religiosa por sua própria natureza. É simplesmente religiosa, não no sentido restrito confessional..”
(BAKHTIN; DUVAKIN, 2008, p.257).

²⁵ (tradução própria)

A seguir, um rápido olhar pelas escotilhas, agora não tendo mais o próprio Bakhtin no comando, mas sua obra com diferentes aprendizes, tentando navegar nos mares bakhtinianos. Emerson (2003). Faraco; Tezza; Castro (2006) e Zavala (1996, 2009) respaldam o referido olhar. *Problemas da Poética em Dostoiévski*, traduzido em francês pela psicanalista Julia Kristeva, inaugura no Ocidente, em 1970, o pensamento bakhtiniano. Na Rússia, em 1975, após sua morte, uma primeira coletânea de seus escritos surge e uma segunda em 1979. A coletânea de sete volumes está aos poucos sendo lançada, com alguns já publicados. O primeiro *Questões de Literatura e de Estética*; o segundo, em 1979, *Estética da Criação Verbal*; o terceiro surge em 1986, *Por uma Filosofia do Ato Ético*.

Na década de 80, seu trabalho acontece no Brasil, mais precisamente em 1988, com Faraco como organizador de uma coletânea de ensaios: Uma introdução a Bakhtin. Diante da ressonância em expansão de suas obras e do Círculo de Bakhtin no Brasil, há quem diga que o pensador também “falasse o português”.

O ano de 1989 na cidade de Saransk foi considerado por um filho da terra, Eremeev, O Ano de Bakhtin. Em sua homenagem publicou *The Aesthetics of M.M. Bakhtin and the Present Day*. Outra publicação nesse período, por três colegas muito próximos, foi a primeira bibliografia sobre o autor: Mikhail Mikhailovitch Bakhtin em Saransk. Em Moscou na Universidade Humanística da Rússia, é fundado o Seminário Bakhtiniano, em 1990.

Segundo Wall (2006), atualmente, existem quatro grandes línguas nos estudos de Bakhtin: russo, inglês, espanhol e português. Esse multilinguismo se complementa com uma expansão multidisciplinar: arte, literatura, religião, cultura popular, feminismo e psicanálise entre outras disciplinas que integram Bakhtin em sua escuta, fala e escrita. É inevitável pensar que existem tantos “Bakhtins” quantos leitores e escritores bakhtinianos em diferentes idiomas e disciplinas, além, é claro, de contextos e épocas. São diferentes identidades, na concepção da palavra considerada na tese, dialogizando com Bakhtin!

3.2 A identidade, a identificação e a subjetividade

Um tanto diferente da época de nosso comandante, a era virtual, globalizada, permite-nos estar em vários lugares ao mesmo tempo, interagindo com diferentes culturas – étnicas, socioeconômicas e geográficas. Espaço e tempo interligam-se num movimento fascinante e desconcertante. De acordo com Bauman (2005), a experiência de deslocamento, de estar total ou parcialmente deslocado em qualquer espaço, não estar totalmente em lugar algum, faz parte da atualidade.

A cada dia temos mais consciência de a identidade não ser mais um porto seguro, como definida por Houaiss (2001, p.1565): a) estado do que não muda, do que fica sempre igual; b) consciência da persistência da própria personalidade. A fragilidade e a condição provisória se revelam!

As identidades flutuam no ar, algumas por nossa própria escolha, outras infladas pelo contexto. Assim, a identidade é questionada por alguns: devemos globalizar-nos ou defendê-la? Por que nos sentimos tão desconfortáveis quando ela está em crise?

Somam-se a essas, outras questões do presente trabalho: será que, hoje, a crise já foi absorvida pela identidade? A crise é nossa mais recente aquisição de identidade? Para responder a tais quesitos, nada melhor do que refletir sobre a vivência do estrangeiro, pois como diz Kristeva (1994), existe uma parte de nós estrangeira a nós mesmos. Numa época em que nos sentimos estranhos a nós mesmos – época do não sentir – pensar no estrangeiro é pensar um pouco nesse estranho que habita nosso interior. Por sua vez, a identidade, dita por muitos em crise, é outra questão da contemporaneidade, investigada inter e multidisciplinarymente.

Portanto, falar sobre identidade, hoje, é muito complexo devido aos vários ângulos de um mesmo prisma que se podem visualizar. Ao evidenciar uma determinada óptica, não estou desconsiderando as demais existentes, apenas desejo contribuir para um tema encontrado nas primeiras visualizações de meu telescópio de navegação. Uma visão subjetiva, sim e, ao mesmo tempo, marcada pelo contexto identitário nesse momento da história de quem escreve.

Fazer referência à identidade do estrangeiro se faz necessário nesse momento, para ir definindo a identidade em geral.

Assim, amparada em Lévi-Strauss (2010), ao assinalar que toda sociedade humana tem uma língua e uma cozinha para caracterizar sua identidade, em Sebben (1996), ao dizer serem o idioma e o alimento dois pontos críticos na experiência migratória ou ainda em Woodward (2000) ao afirmar “nós somos o que não comemos”, na medida em que existem proibições culturais distinguindo as identidades entre os que estão incluídos daqueles que estão fora, a seguir focalizo o ângulo primário da oralidade. Entendendo, como aspecto indissociável do desenvolvimento humano, “o alimento introduzido pela língua materna”: a língua constituinte da identificação e da subjetividade do sujeito.

Refletir sobre a identidade nos remete, inicialmente, às bases do processo identitário: o sujeito. Sabe-se, numa linguagem psicanalítica da Teoria Vincular (Winnicott, 2000. Stern, 2007, 1997. Mahler, 1982. Mahler; Pine; Bergman, 2002. Bowlby, 1990. Lebovici, 1987.

Cramer; Palacio-Espasa, 1993. Golse, 2003) que as bases subjetivas do indivíduo estão pautadas em modelos de identificações (projetiva e introjetiva) com as figuras parentais. Num movimento sincrônico pelo lado dos pais, estes reconhecerão o filho: parte de suas identificações com o filho fala deles mesmos enquanto filhos de seus pais, e de seus próprios modelos parentais, enquanto outra parte fala de uma nova representação, o outro, o bebê, sujeito estranho, surgido com características singulares.

A capacidade de espelhamento dos pais, que narcisiza os filhos e as identificações parentais destes últimos que narcisizam os pais – assemelhar-se ou diferenciar-se (*separação-individuação* nas fases pré-edípica, edípica, adolescência e adulto jovem) dos pais internalizados – contribuem para a resultante: Eu-sujeito (MAHLER, 1982. OSÓRIO, 2001). Esta dança sincrônica da díade é precedida pela *mãe-ambiente*, aquela que supre as demandas do bebê enquanto este não tiver desenvolvido sua própria competência para tal (WINNICOTT, 2000).

Portanto, será num espaço fusional do grupo primário, que o bebê incorpora os códigos culturais ali compartilhados e, aos poucos e ao mesmo tempo, realiza sua *separação-individuação* da mãe. No momento de ele se autodenominar EU, por volta dos dois anos, marca simbolicamente, pela palavra, a subjetividade em seu psiquismo. Em torno dos três anos, estabelece a constância objetal, uma subfase do Processo de Separação Individuação (MAHLER, 1982. MAHLER; PINE; BERGMAN, 2002). Nesta fase, com a figura materna internalizada (constante internamente) e o auxílio da representação paterna, pode separar-se da mãe sem se desesperar, pois a leva dentro de si, para onde for. O envoltório de sons, odores, cores, paladares e de sensações táteis, registrado junto com as relações parentais, constituem as primeiras marcas, sobre as quais se estabelece o código no psiquismo. O vínculo entre a parte cultural da identidade e o grupo primário é reforçado pelo pertencimento aos grupos secundários – demais grupos que o indivíduo integra, além da família.

Assim, no espaço transicional de Winnicott (2000), um espaço de criação, o indivíduo encontra sua subjetividade. Compartilhado esse espaço com o espaço mental da mãe, o sujeito pode ir e vir coconstruindo sua identidade, aqui considerando a linguagem como um objeto de transição, um fio condutor a ligar e desligar a criança da mãe em direção a um espaço social. A subjetividade, portanto, se desenvolve num tempo-espaço, instante presente inserido em um contexto – histórico, geográfico, cultural e étnico – que irá delinear o posicionamento do indivíduo, isto é, sua identidade.

Por a identidade atualmente ser vista como nunca concluída, ela somente pode ser considerada em processo (identitário), algo dinâmico, em constante construção. Processo

pautado em uma rede de representações que ressignificam a subjetividade, levando à resultante em um determinado espaço e tempo. Como diz Bauman (2011), a identidade não é herdada, ela se cria e necessitamos passar toda nossa vida redefinindo-a pois nossos estilos de vida, na pós-modernidade, mudam muitas vezes.

Pode-se dizer também ser a identidade coconstruída e marcada pela diferenciação de um fundo, o Outro, a contrastar. A conjugação identidade-alteridade se torna presente e é necessária. Desde o início do desenvolvimento e sob diferentes ângulos nas fases posteriores, o olhar do Outro é necessário para a autoformação do Eu enquanto sujeito que, em sua emergência, reconhece o Outro como outro, diferenciado de si.

Segundo Silva (2000), a *mesmidade* ou a identidade porta sempre o traço da outridade ou diferença. A afirmação da identidade e a demarcação da diferença implicam operações de incluir e de excluir. Ao dizer o que somos também delimitamos o que não somos.

Embora seja intrínseca a associação entre identidade e diferença, não se pode deixar de lembrar que o par antitético: diferença-semelhança anda sempre junto. O ser humano necessita diferenciar-se, encontrar seu próprio Eu, mas também sentir-se inserido em um grupo, seja ele familiar, social ou étnico. Portanto, os sentimentos de individuação – identidade – e de pertencimento – identificação com – permeiam o conflito humano, resultando em movimentos subjetivos de ambivalência nas histórias de vida.

Para os autores referidos, o processo de identidade oscila entre dois movimentos: aqueles tendendo a fixá-la e a estabilizá-la; e os tendentes a subvertê-la e a desestabilizá-la, sendo a fixação uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade, por sua constante transformação. Entende-se que, pautado nesse movimento de sentimentos ambivalentes de individuação e pertencimento, o sujeito, foco do presente trabalho direciona-se à condição de estrangeiro.

3.3 A identidade do estrangeiro

Diante da caminhada percorrida surge a necessidade de apresentar, explicitamente, o sujeito da pesquisa, tendo em vista ele sempre estar presente até este capítulo. Para conhecê-lo ou reconhecê-lo, nada melhor do que o contato com sua linguagem verbal.

Numa tentativa de aproximar o leitor do estrangeiro e minimizar a minha própria tradução, foi transcrito o enunciado a seguir, expressão do conflito afetivo viabilizado pela palavra. Tanto *o quê* quanto *o como* falam, auxiliam-nos a entender esse momento de

transição do estrangeiro: entenda-se de sofrimento/conflito, ao lhe ser questionado seu processo de migração.

H (homem) mexicano, desempregado; M (mulher) francesa, diplomata; filho (4 anos) mexicano e filha (1ano 8m) francesa. Permanência no Brasil: 5 meses.

Pq- Como foi para vocês a adaptação ao Brasil?

H : Foi um pouquinho,..um pouco difícil. Estávamos...Primeiro morávamos em... México, ficamos seis anos, depois para a França, três anos, e depois.... para cá (Brasil).maiscomo V(mulher) é francesa e eu mexicano, sempre mudamos! Eu me formei nos Estados Unidos, depois já fui para a França. Estamos acostumados a.... mudar muito, mas dessa vez foi diferente, um pouco mais difícil porque... eee....não era o país dela nem o meu, mas... foi um pouco difícil. A princípio, os lugares... o cérebro não reconhece, porque ...o Brasil é muito grande.

[...]

Não é fácil... às vezes ...é muito difícil, porque ..porque a nós falta contato físico. É muito difícil fazer amigos. Hay muitas pessoas que caem em depressão muito forte, é muito, muito forte a depressão nesses câmbios... Ontem fomos a uma festa e uma argentina... ela tem uma vida bonita...mas não conhece nada, não tem amigos, não trabalha, não tem filhos...Como você pode... Eu não percebia isso.... eu no percebia no México, porque nos temos família, amigos, tem todos em torno. É muito importante o contato... Para vocês é mais fácil, mas para nós estrangeiros

Não tendo, neste momento a intenção de analisar o corpus, mas de ir alimentando o imaginário do leitor e efetivar uma aproximação com esse estrangeiro, passemos à História, a História deste viajante na humanidade.

A expressão “o estrangeiro” realizou uma longa caminhada, cruzou o tempo e o espaço, até chegar à atualidade. Sua passagem pela Grécia é testemunho da identidade desse ser caminhante que, no decorrer da História e dos contextos, foi alterando seu significado. Nesse momento, os deuses gregos estão presentes: Hermes, a divindade masculina, mensageiro, viajante, vindo de longe, sempre pronto a retomar a estrada e Héstia, a deusa feminina, símbolo do espaço doméstico, da permanência e da imobilidade. Mas será Ártemis, a deusa dos confins, das zonas limítrofes, quem velará para se articularem as margens e o centro, zelará pelas fronteiras. Ao encontrar-se próxima tanto a Héstia quanto a Hermes, ela é a representante da alteridade, tanto no plano temporal quanto no espacial. Portanto, é quem

possibilita às crianças gregas realizarem sua aprendizagem de identidade social e de alteridade (KOLTAI, 2000).

Entendo que a resultante identidade do estrangeiro, será protegida pela deusa Ártemis na medida em que Hermes e Héstia estabeleçam uma proximidade/distanciamento que possibilite a regulação subjetiva do pertencimento versus individuação.

Para a Psicanálise, é no interior de si mesmo que o indivíduo vive, com inquietação e sofrimento, o que lhe é estrangeiro. No *setting* terapêutico se aproximará de sua parte estrangeira, viabilizando a mudança em sua relação singular com o Outro, o que não deixa de ser uma parte de si, uma representação do Outro no psiquismo.

Será a ausência de códigos habitualmente compartilhados, mesmo quando o indivíduo não tem consciência deles, que o expõe ao sentimento do não familiar, *unheimlich*, o sinistro, em termos freudianos (FREUD, 1919/1976a). Isto pode ser visualizado já na fase de estranhamento do bebê, aos oito meses: quando em contato com quem não é sua mãe, ele reage, fase esta denominada por Mahler (1982) e Mahler; Pine; Bergman (2002) de diferenciação.

A subjetividade que leva o indivíduo a buscar a vivência de estrangeiro é variada: diferenciar-se do grupo de origem; encontrar seu grupo identitário, além de outras razões, sintetizadas no desejo de encontrar o Outro, diferente de si. Psicanaliticamente falando, é o desejo de encontrar o estrangeiro habitante de seu interior. Independente das razões que o impulsionam, é inevitável a presença de alguns sentimentos nessa vivência, pois, ao mesmo tempo em que o estrangeiro é vivido como estranho pelo Outro, também dentro de si próprio suas referências, seus códigos não mais respondem, desestabilizando, assim, sua própria identidade.

Ao migrar, o indivíduo reage não somente com angústia diante do novo, mas também com sentimentos depressivos, visto a mudança significar a perda de vínculos prévios, além da perda de aspectos de si mesmo.

Portanto, o processo de migração implica, inevitavelmente, uma incursão ao desconhecido; um comprometimento com fatos futuros não previsíveis e o enfrentamento das consequências (GRINBERG; GRINBERG, 1980)²⁶. Segundo Bauman (2005), é na crise das próprias referências que a identidade se autodefine, ela emerge no campo de batalha e silencia quando desaparecem os ruídos.

²⁶ (tradução própria)

No caso do estrangeiro, podemos dizer que ela estará constantemente pulsando e, ao mesmo tempo, evidenciando o que, em essência a caracteriza: suas mais intrínsecas raízes – a cultura do grupo primário. Tomando a definição de migrar: transitar – mudar de um lugar para outro – podemos pensar que, para o estrangeiro, o importante não está na saída nem na chegada a um determinado lugar, mas na condição mesma de transitar.

O estrangeiro, ao ir ao encontro do Outro, leva em sua bagagem uma representação, mesmo que rudimentar, sobre a língua estrangeira – uma língua imaginária – e fará uma adaptação em seu psiquismo a uma língua mais real caso Ártemis se faça presente. Em outras palavras, caso exista um ego suficientemente flexível para o ajuste necessário entre o interno e o externo, a gratificação e a frustração.

Não sendo o foco do estrangeiro a saída de sua terra nem a chegada à terra do outro, mas o transitar entre elas, qual é o sentido deste movimento em diferentes espaços temporais? Bauman (2005), ao refletir sobre esta questão, traz o depoimento de dois especialistas no assunto: Goytisolo, renomado escritor espanhol, com diversas experiências de migração, ao referir-se a elas diz que a intimidade e a distância criam uma situação privilegiada. Ambas são necessárias. Fato reforçado por Steiner, crítico cultural, avaliando três escritores por ele admirados: o que os unia, colocando-os acima dos demais, era a capacidade deles de movimentar-se com facilidade em diferentes universos linguísticos. As contínuas transgressões de fronteiras lhes permitiram espiar a inventividade e a engenhosidade humana por trás das sólidas e solenes fachadas de credos aparentemente atemporais e intransponíveis, dando-lhes, assim, a coragem necessária para se incorporar, intencionalmente, à criação cultural.

Morin (1990) vem subsidiar o foco aqui priorizado: nestes últimos decênios, o homem deu-se conta de a ordem e a desordem, sempre inimigas uma da outra, cooperarem para organizar o universo. É ao desintegrar-se que se organiza. O autor faz referências a Pascal, remetendo-nos à necessidade do vaivém que corre o risco de formar um círculo vicioso, mas pode constituir um circuito produtivo como um movimento de cá para lá tecendo o pensar.

Segundo Grinberg; Grinberg (1980)²⁷, no processo de mudança há elementos internos que evoluem e outros que permanecem estáveis (como se repetissem). Esta dupla dinâmica permite a mudança, evitando a desintegração do objeto total que muda; as partes não

²⁷ (tradução própria)

mudadas ou quase não alteradas introjetam o novo, mantendo a coerência e a continuidade da identidade.

Certamente, nem todas as experiências de migração têm a resultante integradora, quando o indivíduo não deixa de considerar seus valores étnicos, ao mesmo tempo em que integra os valores do novo grupo. A migração também pode levar o indivíduo a ter atitudes diversas como referido na introdução dessa tese e melhor esclarecido no quadro e comentário a seguir (SARRIERA, 2000; 2001).

Quadro 1 – Modalidades de adaptação no processo de aculturação

COMUNIDADE ACOLHIDA	COMUNIDADE IMIGRANTE				
	Integração	Assimilação	Separação	Anomia	Individualismo
Integração	Consensual	Problemática	Conflituosa	Problemática	Problemática
Assimilação	Problemática	Consensual	Conflituosa	Problemática	Problemática
Separação	Conflituosa	Conflituosa	Conflituosa	Conflituosa	Conflituosa
Exclusão	Conflituosa	Conflituosa	Conflituosa	Conflituosa	Conflituosa
Individualismo	Problemática	Problemática	Problemática	Problemática	Conflituosa

Fonte: Jorge Sarriera

Resultantes de comportamento não integradores segundo o autor referido:

a) Assimilação - transvestir-se com a roupagem do novo grupo, estabelecendo uma pseudoidentidade (expressão da autora); b) Separação - manter os valores étnicos, mas sem relação favorável com o novo grupo; c) Anomia - não manter a identidade étnica original, nem boas relações com o novo grupo; d) Individualismo - manter seus valores originais como realidade essencial, não considerando o novo grupo.

Nas três últimas situações, de forma mais explícita do que na pseudoidentidade, evidencia-se uma resistência a mudanças e à descontinuidade temporal que diferencia o passado do presente. O indivíduo necessita reassegurar-se de que nada, ou quase nada, mudar externamente, pois internamente sente sua identidade desintegrada, fragmentada.

Entende-se que, assim como nas bases do processo identitário, a relação sincrônica na díade mãe-bebê é fundadora para a identidade do sujeito, também no processo identitário do estrangeiro a resultante sincrônica depende tanto da capacidade de reconhecimento (ZIMERMAN, 1999) do país imigrado, quanto da flexibilidade do eu-sujeito até então constituído. Os sentimentos frustradores ou gratificantes com as figuras parentais, agora num outro contexto, serão diferenciados ou reafirmados. Tudo vai depender da força egóica

resultante – flexibilidade ou rigidez de ambos os egos – estrangeiro X país de imigração. Esta é uma resultante muito singular.

O desmame da própria cultura sempre levará o indivíduo ao luto, podendo ser elaborado ou não. Para tanto, será colocada em xeque sua flexibilidade e a estabilidade de ego; sua capacidade em recuperar a carga libidinal investida em relações afetivas anteriores será necessária, agora, para novos vínculos. Enfatizo dois momentos da fase diádica mãe-bebê: tanto o da representação paterna apresentada pela mãe ao bebê, antes de ele assimilar a figura do pai pelo contato direto, quanto a fase da *constância objetal*, referida anteriormente. Na hipótese de elaboração do luto, a língua materna, raiz que fixou o indivíduo (mas não o imobilizou) à sua Terra, contribuirá para a aquisição de sua segunda língua.

Diante do percorrido nas diferentes leituras – algumas vozes foram referidas, outras, certamente, muitas outras, estão presentes sem minha devida consciência – e, numa relação dialógica com os autores, cria-se um espaço de reflexão para o lugar do estrangeiro. Hoje, numa época de globalização e de avanços tecnológicos, sabe-se todos serem, mais do que em qualquer outro momento da história, estrangeiros a si mesmos. Portanto, entende-se que a crise – mudança num curto espaço de tempo – é um modo de viver constante e deixou de ser crise, mesmo que se continue a chamar assim nosso "modus vivendi". Este é um fato de que as novas gerações dão testemunho ao assimilarem, com facilidade, as constantes transformações da época, às vezes chegando ao extremo de se confundirem com as mudanças, sentindo-se indivíduos descartáveis.

Aquilo que antes se acreditava chegar a um suposto lugar: uma identidade estável e constante, atualmente, admite-se não levar a lugar algum. Concebe-se a incompletude humana como um ser em constante desenvolvimento, aperfeiçoamento e transformação. Portanto, mais do que em outra época, convivemos com o estrangeiro de nós mesmos.

Retomando a frase do capítulo anterior (2.2.2), ao que se sabe dita, num outro tempo e espaço – algo no enunciado já o diferenciou de quando foi escrito pela primeira vez – tem-se: “Nascemos aptos a nos comunicar em qualquer das três mil línguas faladas por 200 Estados politicamente individualizados” (MELMAN, 1992, p.16). Entende-se, pautado neste enunciado, a condição de estrangeiro possibilitar a atualização da competência linguística presente no nascimento, mas “*esquecida*” pelo indivíduo com a eleição da língua materna. Deste modo um ser de interação, dialógico e plurilíngue que, na diferença e na crise, se redefine e cria, encontra sentido em sua existência numa identidade em transformação.

Mas, para o indivíduo transitar em direção à língua estrangeira, desfrutar de sua competência multilíngue, subtende-se uma base segura com relação à língua materna. Só nos

separamos de quem estivemos muito unidos, apegados (BOWLBY, 1990). Sendo o ser humano um ser de interação, ele separa-se/individualiza-se, para integrar o universo de outros sujeitos e será nesse momento que, simultaneamente, ressignificará sua relação com a língua materna. Na diferença ele se tornará mais íntimo com sua própria língua.

Sabe-se que a identidade de gênero se define na resolução do conflito com as figuras parentais, mas não só, também quando o sujeito se descobrir competente para realizar a síntese daquilo vivido como antítese. Descobre em sua fluidez interior, para transitar entre dois mundos: materno e paterno, a coconstrução do espaço para transitar em seu próprio mundo. Da mesma forma compreende-se a integração entre as línguas materna e estrangeira, pois leva o sujeito a *descobrir-se* mais do que capaz de aprender outro idioma, competente para transitar entre diferentes universos linguísticos, definindo, assim, sua identidade na criação linguística.

Pode-se dizer, reafirmando Nicolescu (1999) e sob o foco priorizado, que não se é defensor da torre de Babel, mas acredita-se nas competências inatas do ser humano em poder viver o que Kovadlof (2003, p.63) aponta: “Decisivo não é conhecer e sim, tornar a desconhecer-se”. Na condição de estrangeiro, mestre da sincronia do espaço-temporal contemporâneo, o sujeito redescobrirá sua competência para a transculturalidade, para viver o silêncio do presente, do instante e do hiato entre sentir o distanciamento do lugar de ser amado em sua língua materna e aproximar-se a uma língua na qual ainda não é reconhecido, não tem o seu lugar.

Esse instante presente e impensável é o centro do processo transcultural, designa a abertura de todas as culturas àquilo que as atravessa e ultrapassa, atualizando a potencialidade do estrangeiro num lugar bem determinado da terra e num momento bem determinado de sua história.

Na tentativa contínua de aproximar o leitor à ideia que se deseja transmitir, segue parte do diálogo entre Said – crítico literário, filho de árabes cristãos, nascido em Jerusalém, educado no Egito e com cidadania americana – e Barenboim – pianista e regente, filho de judeus russos, nascido em Buenos Aires, posteriormente, transferido para Israel, com experiência em quase todas as capitais internacionais. Ao se referirem à frequente e intensa experiência de migração:

Said: Deslocado: uma das minhas lembranças mais antigas é de saudade, do desejo de estar em outro lugar.....E viajar é o que mais gosto de fazer .

Barenboim: Quando se exerce uma profissão que é mais do que isso, é um estilo de vida... a localização geográfica importa menos....ter múltiplas identidades é não só

possível, como eu diria, desejável. A sensação de pertencer a diferentes culturas só pode ser enriquecedora (SAID; BARENBOIM, 2003, p.22).

A partir das experiências vividas Said conceitua identidade: “Identidade é um conjunto de correntes, correntes em movimento e não um lugar fixo ou um conjunto de objetos estáveis. Com certeza é o que sinto em relação a mim mesmo” (ibidem, p.23).

3.4 O estrangeiro multilíngue e suas diferentes faces

Dando continuidade a um pensar desenvolvido desde 2000, sobre as vicissitudes que acompanham o ser estrangeiro num tempo e espaço hodierno, proponho-me a dar seguimento ao roteiro de viagem. Pensar no estrangeiro é pensar no sujeito multilíngue! Ser que expressa na língua a resultante do conflito contemporâneo: global versus local, os deslocamentos, os desvios e as pluralizantes identidades, efeitos da globalização. O empenho de alguns autores em caracterizar, por exemplo, o sujeito bilíngue (UYENO, 2003) ou o multilíngue (AMATI-MEHLER; ARGENTIERI; CANESTRI; 2005) lembra o mito de Babel.

Babel, tendo um dia significado somente cidade do Pai, de Deus, a cidade Santa, passou também a ser utilizada, metaforicamente, para representar a confusão²⁸. Relaciono, neste momento, a fase inicial do desenvolvimento, fase indiscriminada do bebê na relação não com o Ba (significando pai), mas com o Ma (significando mãe). Fase referida por Mahler como simbiótica, filho e mãe indissociados, fundidos, confundidos. Fase de transição, necessária ao momento seguinte, de *separação e individuação*, referida nos itens 2.1 e 2.2.

Sob uma ótica contemporânea, a que valoriza a riqueza das diferenças e a etapa já referida, vou considerar a possibilidade de, na tradução, transformar a *confusão* em *com-fusão*, palavra que delinea o Eu-Outro, separados e discriminados, mas ao mesmo tempo, juntos, interligados pela língua. A seguir, a riqueza da criança estrangeira, polilíngue, descrita pela mãe ao transitar em diferentes línguas na contemporaneidade.

H e M cubanos; filha, 1 ano e 8 meses cubana; filho, 5 anos cubano.

Permanência no Brasil: 3 anos.

M - *Ela assim, ... Como agora tá começando a fala dela, claro que faz ... eu tenho visto... ela faz seleção das duas língua. Quando a.. a.. gente passa a palavra a ela...*

²⁸ Babel deriva do latim bíblico Babel-elis; do babilônico Bab-ilu, porta de deus ou Bab-ilâni, porta dos deuses.; do hebraico Babel, balal (confundir). Para AMATI-MEHLER.; ARGENTIERI; CANESTRI (2005) a confusão invoca Babel e Babel joga com a confusão encravada nas próprias versões bíblicas.

em espanhol o tempo todo...todo mundo aqui fala espanhol, então, ela pega as palavras mais fácil das duas línguas. Não sei... mais fácil dizer caer; em espanhol, fala-se cayó, do que falar em português caiu, mais fácil caiu. Sai, sai é mais fácil. Em espanhol se fala salir, então.. para ela é mais fácil sai, aí é mais fácil... mas quando vê.. obrigado ela fala gracias em espanhol, mais fácil. Ela fala as duas línguas... Na creche ...ela fala português para as tias. Ela tem que aprender o português. As tias falam para ela e ela entende bem

Para contrastar, um rápido olhar pela escotilha de tempos históricos, apontando as diferentes interpretações/traduições: no início do séc. XX havia quem dissesse: “Aquele que tem duas línguas perde sua alma” (AMATI-MEHLER; ARGENTIERI; CANESTRI; 2005, p.31). Agora, porém, no séc. XXI, o multilinguismo é visto por alguns como uma forma de pluralidade discursiva conjugada em línguas diversas, que será reforçada e se tornará significativa através das diferenças de códigos, podendo reparar o não dito na língua materna.

Numa tentativa remanescente de falar a mesma língua e, ao mesmo tempo, ciente da incompletude das traduções, entendo que, ao ingressar no mundo do multilíngue, “na condição de estrangeira”, impõe-se a necessidade de conhecer melhor os “mares” em que me proponho navegar. O primeiro ponto a considerar é o referencial teórico/conceitual utilizado para entender o multilinguismo. A começar pela palavra utilizada: se multilíngue, plurilíngue, polilíngue ou bilíngue como pode ser observado em alguns autores citados no presente texto.

De acordo com as “línguas” embasadoras da presente tese, farei referência à multilíngue no contexto psicanalítico e a plurilíngue no bakhtiniano, por desejar respeitar suas aproximações e distanciamentos. Como pode ser observado no capítulo anterior, é realizada uma diferenciação psicanalítica entre o bilíngue (a segunda língua é a do pai) e o multilíngue (após instrumentado a falar a língua do pai, o indivíduo estará mais capacitado a falar outras línguas, inclusive a social e a científica).

Ciente de, na Psicanálise, uma palavra poder ter diferentes representações e uma representação, diferentes palavras para significar, é indispensável a contextualização socio-histórica e étnica de cada indivíduo para o significado/sentido ser compreendido.

Ainda numa visão Psicanalítica, importa diferenciar se o multilinguismo é considerado, de acordo com a teoria tomada como referência, como causa de uma cisão no psiquismo do indivíduo ou como um “sinal”, em que o processo de cisão explora os diversos registros linguísticos: meio para organizar-se e exprimir-se. É nessa segunda modalidade, entendida na concepção kleiniana, de a cisão surgir como mecanismo de defesa frente à

angústia da perda e à ansiedade do novo, que o presente trabalho foi embasado. Esse referencial é adotado desde o primeiro projeto investigativo sobre imigração (GRIGOLETTI, 2001).

Como segundo aspecto, é imprescindível também contextualizar a condição do sujeito multilíngue: se poliglota ou polilíngue. Estes são dois momentos de vida muito distintos na constituição do psiquismo e, certamente, farão seu diferencial na resultante identidade. Enquanto o último (polilíngue) teve acesso a mais de uma língua desde seu nascimento, as quais funcionam no nível de uma *interlingualidade materna*, para o primeiro (poliglota) a aquisição de outra ou outras línguas ocorreu após a primeira infância e depois da língua materna. Torna-se necessário ao poliglota, segundo Amati-Mehler, Argentieri, Canestri (2005), adquirir novas vias associativas e de conexão entre sistemas de representações que antes não estavam disponíveis em seu psiquismo: o intrapessoal.

O terceiro a considerar é a relação com a língua materna, o afastar-se desta, “o desmame” e o aproximar-se da ou de outras línguas. Ele (o desmame) suscita intensa ansiedade e poderá ser vivido com mais ou menos culpa. Quando o sujeito se aparta da “língua materna” por ansiedades persecutórias, mantendo as línguas cindidas: enquanto uma é idealizada, a outra é considerada um objeto mau – posição esquizo-paranoide, segundo Klein (1921-1945/1996) – ele expressa, nas entrelinhas de seu enunciado, o conflito não resolvido mas sim, muitas vezes atuado ou somatizado. Caso possa reconhecer a importância da língua materna para até mesmo tomá-la como ponto de referência diferencial da nova aquisição, portanto, caso se reconheça como dependente dela, assim como reconheça o valor da nova língua, movido pelo instinto de preservação, ele irá reparar os possíveis danos que imagina ter causado à sua língua materna, ao interessar-se por outra ou outras línguas. Utilizando-se da sublimação, ele tende à resolução integradora de seu conflito. Logo, esse movimento psicoafetivo refere-se à outra posição de Klein (1921-1945/1996), denominada depressiva.

Se o transitar intrapessoal da língua materna para outras línguas for integrador, dificilmente será vivido de forma traumática. Dificilmente, pois o processo de *tradução* não é vivido sem a presença do Outro, tem-se de levar em consideração se este *re-conhecerá* a *tradução* do multilíngue. É ele quem irá legitimar a identidade do sujeito híbrido.

Portanto, como quarto aspecto, tem-se o mundo externo, o Outro ou Outros ou as circunstâncias que irão legitimar a identidade do sujeito multilíngue – o interpessoal. Assim como a mãe inaugura no psiquismo a língua materna, o Outro, o grupo de acolhida, irá inaugurar as demais línguas ao exercer a *função de espelho* (ZIMERMAN, 1999) na nova aquisição. Este *re-conhecimento* pelo outro, teoria do vínculo do reconhecimento do autor

antes referido, é vital para a manutenção da autoestima e, mais do que isto, do sentimento de existir enquanto sujeito. Segundo o mesmo autor, qualquer pensamento, conhecimento ou sentimento requer *re-conhecimento* pelos outros para adquirir uma existência, ou seja, para passar do plano intrapessoal para o interpessoal e vice-versa.

Dedicando um espaço ao Outro o psicanalista Landa (2006) ao abordar sobre o *Hóspede Mal Recebido* lembra Derrida, Ferenczi²⁹ e Lévinas quando ressalta a proximidade das atitudes de hostilidade e de hospitalidade na acolhida de outrem. Segundo o autor o primeiro criou o neologismo *hostipitalidade* para definir a tensão entre as duas condutas.; Ferenczi entendia ser do carinho do hospedeiro que depende o gosto do recém-chegado, frágil e desprotegido pela vida, estando está ligada a atitude do hospedeiro por um fio tênue, porém essencial; o estrangeiro, equiparado a viúva e ao órfão tornariam para Lévinas a obediência às leis mais pungentes. Conclui Landa (p.57): “[...] a proximidade inquietante entre hospitalidade e hostilidade suscitaria uma atividade mais crescente de reflexão a sistemas de pensamento que geram, estetizam e sustentam a violência”.

Numa tentativa de contextualizar o pensamento dos referidos filósofos no tempo atual, cabe aludir a Matos (2006) ao dizer que o sentimento de ser estrangeiro na contemporaneidade não se realiza mais por sua compensação no cosmopolitismo, na hospitalidade e no acolhimento, tendentes à unidade da multiplicidade dos povos, mas resulta sim, do particularismo, da exclusão e do nacionalismo. Numa época de *personalidades desengajadas*, de sentimento de um não lugar na sociedade e no mundo, diz o autor, a subjetivação se dá na recusa do estrangeiro, em vez de sua idealização, em lugar da fascinação do diferente que o cosmopolitismo e a hospitalidade supunham.

Considerando essa ideia de Matos de o lugar do homem atual ser o da fronteira: estar constantemente na condição de estranho para si mesmo e num mundo de universalização – experiência alucinatória de imprecisão dos contornos de diferenciação do homem e das coisas, das demarcações entre o Eu e o não Eu, entre o próprio Eu e o estranho – assegurar-se do lugar fixo do Outro, o conhecido e desprezível estranho, nos casos extremos, por exemplo, de xenofobia, parece compreensível embora não contribua para a alteridade da relação dialógica Eu-Outro.

Dando seguimento a essa visão telescópica, é imprescindível ressaltar, como quinto aspecto, a capacidade de tradução do indivíduo no âmbito de sua constituição psíquica, a translíngua. Frente à relevância da tradução, será dedicado a este tema o capítulo a seguir.

²⁹ Ferenczi escreveu três artigos sobre trauma entre 1928 e 1932, período crítico entre as duas Grandes Guerras. Em 1929 publica *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*.

Fazendo parte da capacidade linguística, mas não sendo objetivo do presente texto estender-se no assunto por demandar um olhar bem mais focalizado, encontram-se outros dois aspectos: a diferença de identidade de gênero e a diferença entre a tradução oral e a escrita. Quanto ao penúltimo, é necessário considerar que segundo a neurociência, as mulheres apresentam maior habilidade linguística do que os homens (HAUMANN, 2006) e, quanto ao último, o conflito de quem traduz por escrito é maior do que quando fala. Neste cabe enriquecer com Coracini (2007), ao dizer que mesmo quando se escreve sobre o outro e o escritor se esconda nas formas da escrita objetiva ou ainda se escreva na primeira pessoa, fale-se do Outro, do que nos constitui enquanto sujeitos (palavras minhas e do outro). Complementa a autora, lembrando Foucault: escrever é, pois, mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao Outro. “Ao ex-screver, me in-screvo” (CORACINI, 2011, p. 43).

Diante de tantas paisagens que, a cada momento, se redimensionaram no transcórre da viagem, certamente, será possível uma conclusão somente se concebida no *microkairos* da vida. Focalizando a questão central sobre o processo do multilíngue, questiona-se: línguas integradas ou cindidas?

Respondo a começar por minha própria experiência. Ao realizar o percurso, me percebi tendo de *transitar*, *transladar*, não somente entre a Linguística Aplicada (língua estrangeira) e a Psicanálise (língua materna), mas até nesta última, foi necessário *traduzir*, em distintos aportes teóricos, os diferentes ângulos do mesmo prisma. Foi assim que, redimensionado minha visão, deparei-me com uma resposta para a questão motivadora.

No processo do multilíngue existem diferentes aspectos a considerar e, dependendo do arranjo entre eles, múltiplas resultantes, nunca podendo serem esgotadas em um texto (tradução escrita) ou em uma palavra falada (tradução oral). Portanto, há múltiplos arranjos nos níveis intralíngua, interlíngua e na translíngua que se interinfluenciam para se chegar à resultante do conflito cisão versus integração. Dependendo dos arranjos entre os sete aspectos referidos e aqueles certamente existentes, mas, fora do alcance de meu olhar, pode-se inferir o processo da resultante do conflito do multilíngue.

Ao realizar o desligamento do presente capítulo, deixo minha última impressão (GRIGOLETTI, 2007): a identidade do estrangeiro é marcada por um movimento paralelo e em espiral entre as línguas, podendo chegar à integração e ao resignificar. Sem desconsiderar a possibilidade de uma resultante dicotômica e cindida, o movimento “trans”, silencioso e num espaço-temporal – transição, transgressão e transculturalismo – é da linguagem, a translinguagem. Esta é a identidade do estrangeiro: um ser em transformação. Ao transformar-

se, o sujeito modifica o meio e ao modificar o meio, modifica a si mesmo.

Como a cada movimento realizado a visão do telescópio náutico nos surpreende também aqui, ao final desta narrativa, outros enunciados já estão configurando-se: um ser em transformação, inacabado. A própria transição que exclui a parada! O que exige uma nova tradução!

4 TRADUZINDO A TRADUÇÃO DURANTE A NAVEGABILIDADE

Desde a mais remota antiguidade até nossos dias, a filosofia da palavra e a reflexão linguística fundamentam-se, especificamente, na apreensão da palavra estrangeira e nos problemas que a língua estrangeira apresenta para a consciência: a saber, o deciframento e a transmissão do que foi decifrado (BAKHTIN, VOLOCHINOV, 1999, p.100).

4.1 Traduzindo a tradução

O fluxo cultural estabelecido entre as nações e os próprios indivíduos torna as identidades desvinculadas, desalojadas no tempo e no espaço, parecendo flutuarem livremente. Elas se evidenciam no discurso de uma espécie de língua franca internacional, em que todas as diferentes identidades podem ser traduzidas: homogeneização cultural (Hall, 2005). Sem deixar de considerar o movimento contraditório identitário – tradução versus tradição – ressaltado pelo mesmo autor, o foco, nesse momento, será na tradução. Etimologicamente do Latim, a palavra significa transferir, transladar.

Segundo Amati-Mehler, Argentieri; Canestri (2005), Derrida (2006) e Coracini (2007), a tradução é impositiva e resultante da incompletude de qualquer língua. E nessa incompletude – é impossível para um signo de uma língua ocupar o mesmo lugar que ocupa na sua o signo com o qual é traduzido – o conflito cisão X integração se desenvolve.

Todo ser humano é um tradutor: o poliglota, o polilíngue ou o monolíngue. Se multilíngues, somos, inevitavelmente, tradutores e traduzidos. Isso é evidenciado também por Hall (2005), ao denominar homens traduzidos todos aqueles pertencentes a culturas híbridas. Eles retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas são obrigados a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural perdida ou de absolutismo étnico. Eles não têm a ilusão de um retorno ao passado. Eles, produto das novas diásporas, deverão aprender a habitar, no mínimo, duas identidades – duas línguas culturais – a traduzi-las e a negociar entre elas.

Considerando essa modalidade de hibridismo como o extremo de uma escala multilíngue, pois fala de relações de poder, exílio – imposição de uma nova língua, impedimento de retorno às origens, espaço e tempo – eu entendo ser a tradução uma das formas mais expressivas e de acesso existentes para identificar a resultante do conflito do multilíngue estrangeiro. Segundo Benveniste (1989), ao traduzir, o sujeito enuncia e, na medida da sua enunciação – linguagem posta em ação e entre parceiros – se declara locutor,

assumindo a linguagem. Ele implanta o Outro diante de si, acentuando uma relação discursiva com esse Outro real ou imaginário (monólogo), individual ou coletivo. Toda enunciação será uma alocação, pois postula sempre um alocutário.

E aqui uma breve pausa: ao pensar em Coracini e Derrida, fico a meditar, diante de tantas leituras realizadas: o que é original em meu pensamento e o que é traduzido? Lembrando Derrida (2006), ao diferenciar a tradução do original, tranquilizo-me: é a oposição entre os termos que reconhece alguma originalidade à tradução. No *microkairos* do presente texto, percebo-me identificada com o lugar do estrangeiro, um lugar fronteiro. Lugar, em vários momentos, ocupado conscientemente nos intervalos, nas pausas dos enunciados em construção. Esse estar entre é muito bem abordado por Coracini (2007, p. 180), ao discorrer sobre o tradutor e seus sentimentos daí decorrentes. Diz ela:

O tradutor se encontra entre [...] o desejo do conforto da determinação e a contingência desconfortável da indeterminação, terreno movediço onde os sentidos deslizam, escapam, adiando ad infinitum o tão desejado porto seguro e o desejo da totalização; entre o desejo da invisibilidade e o desejo de um reconhecimento social (e econômico); entre a língua do outro e a língua dita materna [...].

Pode este último ser *traduzido* em Psicanálise, como a impossibilidade de revivência do sentimento oceânico, origem do psiquismo. Pautado no sentimento de plenitude, quando ainda o Eu ignora a presença do Outro, na tradução, inevitavelmente, o Outro se impõe e frustra tal desejo.

“A palavra do outro impõe ao homem a tarefa de compreender esta palavra” (BAKHTIN, 1997a; p.383). Para este autor, a palavra do Outro é qualquer palavra que não seja a minha, esteja ela em minha própria língua materna ou em outra língua pronunciada ou escrita. Uma compreensão ativa não renuncia a si mesma, ao seu próprio lugar no tempo, à sua cultura, ela nada esquece. A compreensão implica em duas consciências, no mínimo dois sujeitos. Ela é dialógica. O importante, no ato de compreender, é a exotopia do compreendente no tempo e espaço, na cultura do que ele quer compreender. Assim como ter uma atitude fecunda para com a língua, não separar a palavra da voz. Em cada palavra existem muitas vozes: longínguas, anônimas, quase despersonalizadas, inapreensíveis e vozes próximas que soam simultaneamente. Complementam os bakhtinianos (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1999): todo *ato de compreensão* é uma resposta, na medida em que introduz o objeto da compreensão em novo contexto potencial da resposta. A *descodificação* de uma língua implica na *compreensão* do signo em seu contexto e na identificação do sinal (conteúdo imutável).

Na assimilação da língua estrangeira, quando a “sinalidade” e o reconhecimento da língua não foram dominados, a língua ainda não se tornou uma língua. A assimilação ideal é quando o sinal é completamente absorvido pelo signo e o reconhecimento, pela *compreensão*.

Portanto, a palavra do Outro, ao impor ao indivíduo a tarefa de compreendê-la e redistribuir tudo o que está expresso no universo de palavras desse Outro, dotando cada ser humano do pequeno mundo constituído de suas palavras pessoais, representa o fato primário da consciência humana

Continuando a traduzir em uma linguagem psicanalítica, pode-se dizer que a tradução de uma língua ocorre em três níveis: intrasubjetivo, intersubjetivo e transubjetivo. Em outras palavras, primeiramente, na intralíngua, o indivíduo traduz para si mesmo, utilizando-se de sua língua materna, acompanhada ou não do idioma que inaugurou seu psiquismo. Na interlíngua, ele traduz para o outro – a tradução é sempre dialógica. Numa relação com a História da Humanidade, tem-se a translinguagem. Tomando o conceito de Nicolescu (1999), essa última passa de geração em geração nas entrelinhas da comunicação não verbal, ela é transgeracional. Segundo o autor, será essa linguagem universal que possibilitará o diálogo entre todas as culturas. Está referindo-se a uma translinguagem que fala da experiência da totalidade do ser, além de suas aparências; fala da capacidade de transitar em diferentes universos linguísticos e da contínua transgressão de fronteiras.

Para Grigoletti (2007), o estrangeiro tem uma linguagem muito singular que ultrapassa o idioma. Assim, como cada indivíduo tem “a sua língua”, pode-se dizer que existe “a língua do estrangeiro”, permitindo a este traduzir de uma cultura para qualquer outra, pela decodificação do sentido que liga as diferentes culturas. Dependerá a tradução, portanto, do modo como cada sujeito irá integrar, simultaneamente, os três níveis referidos – intra, inter e transubjetivo.

Ao finalizar este item, cabe lembrar a tradução para Derrida (2006) e Ricoeur (2005)³⁰, devido à proximidade de concepção com Grigoletti (2007). Ambos os filósofos, em algum momento relacionam o ato de traduzir a um sentimento de amor do tradutor ao Outro. O primeiro diz que é uma *forma de expressão* e deve, de preferência, em um movimento de amor e quase no detalhe, fazer passar na sua própria língua o modo de intenção do original. Esse crescimento e renascimento infinito das línguas são possibilitados pela tradução devido à suplementariedade linguística, pela qual uma língua dá à outra aquilo que lhe falta, inclusive o próprio sentimento de distanciamento. A temporalidade presente na expressão *différance*³¹

³⁰ (tradução própria)

³¹ Ance, diferente de ence, tem valor de gerúndio em francês.

criada por Derrida, consiste no fato de as línguas serem distintas e isto ser a resultante do ato de se diferirem no tempo. Portanto, para o autor a tradução não busca dizer isto ou aquilo, a transportar tal ou tal conteúdo, a comunicar tal carga de sentido, mas a remarcar a afinidade entre as línguas, a exibir sua própria possibilidade.

Ricoeur (2005)³² destaca a felicidade do tradutor ao procurar a possibilidade de comunicação com o Outro, na capacidade de acolher o forasteiro, no desejo de desafiar o fantasma da impossibilidade, enfim, ele fala da *hospitalidade linguística*: o prazer de receber na própria casa a palavra do estrangeiro. Essa concepção lembra outro filósofo, aquele que considera ser a essência da linguagem a amizade e a hospitalidade, Lévinas, referido no item 2.3 da tese.

Entretanto, assim como Derrida, a concepção de Ricoeur não deixa de considerar a “frustração”, infira-se incompletude, o intraduzível: a diversidade das línguas não é somente por sua maneira de recortar o real, mas também em recompô-lo no discurso. O que leva Ricoeur a falar do luto frente à *tradução perfeita* e da superação da resistência ao estrangeiro, ameaça dirigida a nossa própria identidade linguística.

Entendendo ser na linguagem o *encontro-reencontro* entre o Eu e o Outro, cabe descortinar, com lentes de um binóculo, a vista panorâmica do estrangeiro que, no momento de habitar o espaço físico do Outro, vive a constante tradução – ou da palavra do Outro para a sua língua, considerada materna, ou de sua própria palavra para a língua do Outro, considerada estrangeira. Nesse diálogo, o sentido da palavra interpelante sempre escapa à hermenêutica do Eu que nunca conseguirá interpretá-la/traduzi-la adequadamente. O Outro e sua palavra não podem deixar de ser desfigurados em seu rosto/identitário.

Concluindo segundo Ricoeur (2005): o mito da Torre de Babel introduziu a dimensão ética da comunicação humana, a vontade e o trabalho de compreender o outro e a sensibilidade da estrangeiridade em nossa própria língua.

Portanto, a palavra do estrangeiro e todas as implicações do seu deciframento e da transmissão do decifrado, desempenharam um importante papel histórico no processo de formar a civilização, a cultura, a religião e a organização política. Sua força e desempenho organizador fizeram com que, na consciência da história dos povos, a palavra estrangeira se fundisse com a ideia de poder, de força, de santidade e de verdade (BAKHTIN; VOLOCHINOV; 1999).

³² (tradução própria)

4.2 Tempo/espaço em que ocorre a tradução

“O tempo se revela acima de tudo na natureza: no movimento do sol e das estrelas, no canto do galo, nos indícios sensíveis e visuais das estações do ano” (BAKHTIN, 1997a, p.243).

Ainda, complementa o autor: temos os sinais do tempo histórico, propriamente dito, suas marcas visíveis impressas pelo homem, por sua mão e espírito criativo nos espaços das cidades, ruas, casas, obras de arte entre outros. Como não relacionar tudo isso à arte de traduzir? Assim, a seguir, será vinculado à tradução o referencial tempo, considerado na agoridade, no instante, no *microkairos* – momento transitório no qual algo acontece à medida que o tempo decorre – e em *kronos* – ponto em movimento no tempo em direção apenas a um futuro.

Nos subitens – tempo/espaço – os aspectos evidenciados servirão de *entourage*, ou seja, de contorno, de enquadramento para o que me proponho a analisar. Toda aquisição de uma nova língua ocorre num tempo e espaço, portanto, falar no multilíngue é referir-se a um sujeito iniciando-se em uma arte e, como toda arte, expressa em um tempo e um espaço.

Inicialmente, cabe lembrar ser o tempo uma invenção da mente humana e, segundo o psicanalista Stern (2007), no mundo de *kronos*, o instante presente é um ponto que se move em linha reta, em círculo ou em espiral, devora o futuro e deixa o passado em seu rastro. Sem desconsiderar tal concepção, o autor ressalta a importância de *kairos*, o momento transitório, sugerindo, portanto, focalizar o *microkairos*.

Para tal análise, nada melhor do que a concepção de enunciado de Bakhtin (1997a) como pano de fundo. Primeiro, tem-se de reconhecer que ele possibilita um caminho psicológico para ajustar a vida à realidade de *kronos* (antes, depois, de novo etc). Segundo, o enunciado está acontecendo no aqui e agora. A duração de um momento presente é a duração de uma frase. Esta é a menor aglomeração capaz de nos fornecer o máximo de significado para podermos entender-nos no mundo da linguagem. Terceiro, sempre pressupõe enunciados precedentes, e subsequentes, pois é o elo de uma cadeia. Quarto, ele tem fronteiras nítidas determinadas pela alternância dos sujeitos falantes. Então, criar algo que antes dele nunca existiu, algo novo e irreproduzível, relacionado com um valor, numa aparição momentânea, é denominado pelo filósofo de enunciação, acontecimento constituído pelo aparecimento do enunciado.

Para Stern (2007), a linguagem é o veículo usado a fim de transpor a experiência para uma narrativa. A construção da narrativa envolve não apenas palavras, mas também

experiências diretas existentes no domínio implícito. Três momentos presentes, paralelos, estão envolvidos: o momento de pôr na forma de narrativa verbal a experiência original; o momento presente criado no narrador durante a narração para alguém e o momento presente evocado no ouvinte durante a narrativa.

Relacionar à tradução os conceitos já mencionados bakhtinianos, *cronotopia e exotopia*, faz-se necessário nesse momento. A *exotopia*, na qual predomina o situar-se em um lugar exterior – tradução de *exotopia* do russo para o francês proposto por Todorov – assim é referida por Bakhtin (1997a): é quando me vejo, desde fora de mim mesmo, é o lugar de onde é possível fixar algo do devir e dar-lhe a forma de um todo.

Como me imagino quando penso em mim, na medida em que somente posso ver, diretamente, fragmentos de meu corpo? Somente o Outro pode construir meu todo que definidor, somente ele pode dar uma imagem *acabada* de mim. Somente as fronteiras do Outro, que vivo no plano estético, asseguram o *acabamento positivo*. Elas são vividas por dentro pela autoconsciência e, por fora, pela vivência do Outro.

Quando vejo o Outro a partir de minha posição exotópica, eu o vivo empaticamente. A *empatia ativa* é meu ato e somente nele existem a produtividade e a novidade do ato: algo não existia no objeto da empatia nem em mim antes do ato da empatia. Este algo, uma vez realizado, enriquece o acontecimento do ser, que não permanece igual a si mesmo. O *ato empático*, de *acabamento*, um ato generoso de *quem dá de si* trata, portanto, de uma criação individual (BAKHTIN, 1997a, 1997b³³. AMORIM, 2006a, 2006b).

Num mundo que lhe é exterior, o Outro se oferece por inteiro à visão, enquanto elemento constitutivo deste mundo. A cada instante o indivíduo vive distintamente todas as fronteiras do Outro, podendo captá-lo por inteiro com a visão e o tato. Há sempre duas vozes ou dois olhares que não se misturam, cada um com um tempo e espaço muito próprios. Somente o Outro pode construir o todo que me define, sendo o ambiente uma espécie de moldura, uma delimitação dada por aquele situado fora. O ato de compreensão do Outro em relação a mim, o tentar colocar-se no meu lugar e retornar ao seu lugar, sintetizando ou totalizando de acordo com seus valores, é viabilizado por sua exotopia no espaço e no tempo a respeito do que ele quer compreender. Portanto, somente o Outro pode captar-me e compreender-me em minha totalidade, construir o todo que me define, em virtude de sua exotopia e pelo fato de ser Outro. “Na cultura, a exotopia é o instrumento mais poderoso da

³³ (tradução própria)

compreensão. A cultura alheia só se revela em sua compleitude e em sua profundidade aos olhos de outra cultura” (BAKHTIN, 1997a, p.368).

Segundo Bakhtin (ibidem), o estrangeiro é alguém falando de fora a língua do Outro (país de imigração): ao mesmo tempo que, num primeiro momento, ao enunciar, tenta colocar-se no lugar desse Outro, posteriormente, pode tirar proveito de sua exotopia temporal e cultural, formulando à cultura alheia novas perguntas que ela mesma não se formula. Ele busca nela uma resposta a perguntas suas e a cultura alheia responde, revelando seus aspectos novos, suas profundidades novas de sentido.

Já a cronotopia, termo oriundo da matemática e da teoria da relatividade de Einstein, embora enfatizada pelo tempo por Bakhtin, é considerada indissociável do espaço, existindo grande analogia entre o significado das fronteiras temporais e espaciais na autoconsciência e na consciência que se tem do Outro. As fronteiras da minha vida, diz o autor (1997a), não têm o mesmo significado formal, organizador de sentido, que elas têm para a vida do Outro. As dele estão inseridas num espaço e num tempo por inteiro, para mim. Eu estou parcialmente no tempo, vivo a maior parte de mim fora do tempo. O Outro se situa à minha frente na qualidade de objeto; sua imagem externa se insere no espaço e sua vida interior no tempo. A vida deste Outro, eu não a organizo num tempo cronológico e matemático, mas num tempo mensurável em termos de valores e de emoções, um tempo ritmo-musical.

A cronotopia traça maior equilíbrio entre tempo e espaço, o primeiro sendo considerado enquanto movimento e transformação: a cada novo tempo, um novo homem. A cada tempo se articula um espaço e juntos formam uma unidade na qual se desenrola o enunciado. O tempo é a dimensão do movimento, da transformação e dos acontecimentos, estabelecendo a relação alteração/identidade no desenrolar das sociedades e das gerações. Este tempo-espaço, do qual várias histórias se contam ou se escrevem, fala de um lugar coletivo, estando ligado ao gênero discursivo – formas coletivas típicas encerrando temporalidades também típicas – e a sua trajetória. Assim, o tempo do estrangeiro é concebido como dimensão do movimento, da transformação incessante e inevitável. Essa grande temporalidade projeta a humanidade e o mundo para um além do contexto conhecido e representado. Aqui, sentido não morre, é constantemente renovado e, novos sentidos serão criados (AMORIM, 2006a).

A unidade indissolúvel tempo-espaço está presente na concepção de *encontro*, termo referido anteriormente, item 2.3, implicando, para qualquer *encontro*, um tempo e um espaço quase matematicamente definidos. Pode haver o *não encontro*, o *des-encontro*, mas até para isto acontecer, a unidade será tomada como referência.

O tempo compartilhado, coletivo, integra o passado e o futuro, ressignificando o porvir a cada vez. Ele se define como grande temporalidade por projetar a humanidade e o mundo para um além do contexto conhecido e representado. Esta abertura de novas possibilidades que renova os sentidos do passado e cria sentidos futuros na utopia de um tempo no qual não estou mais mas outras gerações poderão advir, trata de uma produção histórica (BAKHTIN, 1993. AMORIM, 2006a, 2006b).

Portanto, o processo de enunciação/tradução do estrangeiro ocorre sempre em relação a Outro: ao mesmo tempo em que, num primeiro momento, ao enunciar, ele tenta colocar-se no lugar desse Outro, posteriormente, pode tirar proveito de sua exotopia temporal e cultural e compreender a língua estrangeira, desvelando novos sentidos. Ao falar de fora a língua do Outro, prioriza tanto a criação individual (exotopia) quanto uma produção histórica (cronotopia), espaço temporal de onde várias histórias se criam e se narram.

Nesse movimento de criação individual e histórica constituinte do sujeito multilíngue, cabe lembrar Silva (2000) quando refere serem os atos de fala atos de criação linguística. Por meio deles se define a identidade (*mesmidade*) e a diferença (outridade), as quais somente ocorrem devido à intersubjetividade, uma condição essencialmente humana.

Logo, refletir sobre a aquisição de outras línguas exige uma contextualização não somente das competências do multilíngue como da capacidade de quem acolhe essa *língua estranha*. Entre as duas mentes se processa um diálogo cocriativo contínuo, por Stern (2007) denominado de *matriz intersubjetiva*. Duas mentes criam o intersubjetivo mas, igualmente, a intersubjetividade dá forma às duas mentes. A participação na vida mental do Outro cria um senso de sentir/compartilhar, com/compreender o Outro, em particular, suas intenções e sentimentos.

Para Silva (2000) é de fundamental importância, nesse momento presente, nomeado por ele de *agoridade*, o compartilhar, a consciência intersubjetiva. As experiências entre o sujeito e o Outro são distintas, mas semelhantes o bastante para, quando as duas experiências forem mutuamente validadas, emergir uma consciência de compartilhar a mesma paisagem.

No processo do multilíngue é fundamental se estar consciente de dois aspectos temporais:

➤ o valor da agoridade permeia o processo: o momento é mentalmente apreendido enquanto ainda se está desdobrando, portanto, o saber a respeito dele não pode ser verbal, simbólico e explícito. Estes atributos somente são anexados depois de o momento passar;

➤ na intersubjetividade do presente se encontram as bases motivacionais como ocorre no emergir da linguagem: o sujeito só fala com alguém por acreditar que este poderá compartilhar sua paisagem mental e agir de acordo com ela.

Ao ressaltar a influência da intersubjetividade no *microkairos*, não tenho a intenção de minimizar a importância do conhecimento explícito coletivo nem as experiências passadas, mas focalizar outro prisma de um mesmo objeto de estudos: a possibilidade co-criativa, na agoridade da experiência intersubjetiva/interlíngua entre o estrangeiro e quem o acolhe: ambos, dependendo do momento, na condição de tradutores ou traduzidos.

Embora o tempo se revele na natureza ou em indícios da criação do homem, ele não se deixa, diretamente, ver, tocar, ouvir, saborear ou respirar. Como mensurar algo invisível para os sentidos? Em seu silêncio, ele nos fala! O que o silencioso tempo nos fala na tradução?

4.3 Entrando na Zona de Silêncio

Esta Zona, próxima à ilha de Vancouver, foi assim denominada por ser de risco, onde muitos navios repousam no fundo do mar, pois ali nenhum ruído de alerta dá sinal, por muitas milhas nenhum ruído exterior ali penetra (NASIO, 1989). Navegar nessa zona com o mesmo código de escuta de outros itinerários é levar os passageiros e a tripulação ao naufrágio. É necessária a escuta com o terceiro ouvido: não escutar somente o que está nas palavras, mas também o que elas não dizem, detectando o que o discurso esconde e o silêncio revela (REIK, 1989).

Sabe-se que o impensável não pode ser verbalizado, mas se faz presente no silêncio entre as palavras, como a seguir refere Nicolescu (1999, p.188).

“Se existe uma linguagem universal é a do silêncio sem fundo daquilo que uma palavra expressa. A percepção do transcultural é uma experiência que diz respeito ao silêncio das diferentes atualizações e é viabilizada pela translinguagem”.

Em outra escotilha, Orlandi (2007, p.33) refere-se à impossibilidade de observar o silêncio e o sentido que nele se esconde.

Como para o mar, é na profundidade, no silêncio que está o real do sentido. As ondas são apenas o seu ruído, suas bordas (limites), seu movimento periférico (palavras). ... Em sua grande extensão e com certo movimento que retorna, produz um deslocamento. O final da onda que o mar sempre adia.

Quando se pensa as palavras nas representações verbais, há um valor diferente de quando são pronunciadas, além de existirem inúmeros sentidos de silêncio. Ele é suspensão, é espera, é o adiado. Como refere Reik (1989, p. 20), ao citar Carlyle em *On heroes and hero-worship: o discurso faz parte do tempo e o silêncio, da eternidade*.

Agora um espaço para o monólogo que estabeleço neste momento.

Quanto silêncio na escrita de uma tese.....! Quantas horas de monólogo! Mas certamente, foi escrevendo sobre o silêncio que mais tempo fiquei silenciosa e, a cada leitura, a sensação de mais um navio naufragar. Batia em rochedos invisíveis! Orlandi, Kovadloff, Nasio e outros mais já fazem parte da longa viagem. A sensação de muito haver para colocar em palavras foi acompanhada da limitação delas, da incompletude da linguagem. Neste momento, o silêncio foi sentido como falta.

As dificuldades para ultrapassar a Zona perto de Vancouver levaram a alguns questionamentos: será que vou conseguir montar algum navio a partir desses destroços e levantar âncora desse Silêncio? Essa foi a mais silenciosa parte da tese e, em Orlandi (2007), entre os autores pesquisados, mais encontrei eco à tradução em palavras do silêncio da agoridade: “Escrever é uma relação particular com o silêncio. A escrita permite distanciamento da vida cotidiana, a suspensão dos acontecimentos. Ela permite que se signifique em silêncio” (p.83).

Falar sobre o silêncio na tradução do multilíngue torna-se imprescindível na medida em que ele (silêncio) dá tempo ao tradutor de transportar o significante de um tempo e/ou cultura para outro, possibilitando, assim, o entendimento das relações entre significante/significado em cada época e contexto implicados nessa troca. Às vezes, o silêncio, na condição de pausa, é identificado na fala do multilíngue estrangeiro, exigindo do Outro um aguardo, uma espera caracterizada pela descontinuidade da tradução e logo se rompe com a palavra traduzida, dando seguimento ao discurso.

H e M são franceses; filho francês, 1 ano 4 meses. Permanência no Brasil: 4 meses.

Pq - Poderia falar sobre as mudanças de lugar, o período em hotel. Como foi para vocês?

M - Ahmmm....Nus....Nus....Nós fomos na França.... em nossa casa...depoisdepois nus, depois ahmm...nus...nus... lue...(pesquisador traduz e questiona: alugar?) Sim, alugar nossa casa, depois da França nus fomos.... depois nossa casa.... nus fomos na casa de minha mãe... que mora ao lado de nosso país....ahmmm porque ahmmm..

nossa casa foi....foi alugueil mia mãe... depois aqui nosso amigo aqui no Brasil.... durante um mês e meia... em condomínio foi muito difícil ... sempre cachorro sempre au au... e depois aqui.... Um, dois lugar...diferentes...

Pq - Muitas mudanças em curto espaço de tempo!

M - *Sim, sim...minha mãe uma semana, nosso amigo um mês... eee meiae ahmmm..aqui.*

(Pesquisadora questiona a estada em hotel relatada pelo casal na primeira entrevista. Este foi o ponto de partida da pergunta inicialmente aqui destacada. M não lembrava o hotel.)

M - *Ah! Hotel??!...Não nus temos amigos....*

(Pesquisadora precisou relembrar vários fatos. Em certo momento, achou que se tivesse equivocado em sua tradução ou no sujeito da pesquisa. M, após alguns segundos, recorda a semana no Rio, foi para fazer uma *pausa* em estada, momento difícil, na casa dos amigos.)

M - *AH!!! Ah!! Sim..sim...porque nos fomos no Rio, ahhhh nus fomos hotel com a família, durante uma semana no Rio. Mas ...ahmmm a semana, muito difícil.... mas no Rio foi boa.*

(Ela logo volta a falar do período difícil. Pesquisadora entende que ela faz questão de continuar sua narrativa.)

E.....quando nus chegamos aqui...mudança...ahmm chegueii.. um mês depois... um mês depois cheguei aqui... muito difícil..nus alugueis... adaptação sim, foi difícil para todo mundo.

Pq - O que considera mais difícil neste período?

M - *Mais difícil ...ahm...cada vez nos troquemos de lugar! Foi difícil.... Porque ahh nus ...em casa de nus.. nosso amigos elas não tem criança e que a casa não adapta....adaptação para criança. Foi uma andar ...um andar ...perigoso...ahmm.. tudo foi perigoso! U..um mês e meia... é muito longe... Porque ele (marido) traveill...eu ficava casa com N (filho)... nos não tivemos caro...sempre casaa muito difícil...porque foi muito perigoso... N (filho) não....não podíamos ahh dormir porque cachorro... nus não pude..podíamos....ahmm... nós não podemos andar condomínio.... sempre o cachorro ...foi muito difícil ...muito difícil, muito difícil para nus... nus....não... estivemos nossa casa...mes e meia é muito muito....*

Depois.. ahnn um mês e meia em nosso amigo chegamos aqui... e um mês aqui a mudança chegou....são muitoooo...todo mundooo ahmmm..emprete...sim emprestou

coisas ahmmm coisas. Foi ahhh unicamente essaa mesaa e essa cadeiraa....só... e telefone. Depois foi bom... mas tem sempre um momento que mudança....

(M fala baixo não se escuta na gravação o que fala. É mais consigo, uma reflexão, um monólogo. Pesquisadora apenas acompanha seus sentimentos).

Novamente é Orlandi (2007) quem melhor traduz em palavras o silêncio, agora não o meu na escrita, mas o da estrangeira acima. Ele é respiração, fôlego da significação, lugar de recuo necessário para se poder significar, para o sentido fazer sentido. Enquanto reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito. Relação incerta entre mudança e permanência que se cruzam, indistintamente, no silêncio.

Kovadloff (2003) coloca em palavras um momento da pesquisadora quando registra algo silencioso no enunciado referente à *pausa no hotel*, assunto ocorrido na primeira entrevista. A pergunta inicial refere a mudança, fazendo alusão, exatamente, a palavra hotel. Situação em que M havia dado uma pausa em sua memória: um “bom momento” no Rio de Janeiro encobrindo o sofrimento não traduzido pela palavra.

Ao falar sobre a pausa, diz o autor: ela age da mesma forma que o som, ela remete a algo, cujo peso e significado não passam despercebidos, mesmo quando não se sabe defini-los. Entende-se ser na falta, na incompletude, no intervalo da tradução que o ato criativo do enunciado se faz representar seja pela integração ou pela cisão.

Para ocorrer a tradução, faz-se essencial a identificação e, como diz Silva (2000) na *différance*, sempre há (na identificação), um demasiado ou muito pouco, uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Isto é reforçado por Kristeva (1994): por mais que se julgue parecido com um deles, o estrangeiro jamais será um nativo. Portanto, será na *différance*, no intervalo, no silêncio da tradução, que todo indivíduo, seja ele monolíngue, polilíngue ou poliglota, viverá a angústia frente à *perda/separação da* conhecida e constituinte língua materna e a ansiedade persecutória frente à aquisição/pertencimento da desconhecida língua estrangeira.

Na separação enquanto integração, Klein (1936/1996, p.330), ao falar sobre o desmame diz: “[...] quando este é bem sucedido, ele dá um impulso positivo para a aceitação de substitutos e a busca mais ampla de novas fontes de gratificação”. Embora Klein tenha realizado sua leitura no processo de desenvolvimento num sentido amplo do indivíduo como referido, entendo ser viável focalizar sua abordagem no referente à aquisição de uma segunda, terceira língua.

Ao desvincular-se, viver o silêncio ao “desmamar” a língua materna, desde o mamamês até o idioma nacional, o sujeito sente-se culpado, pois teme ter destruído sua primeira referência identitária. Frente ao temor de ter perdido aquilo que o reconhece como ser existente – ao denominar-se Eu, o sujeito inaugura em seu psiquismo a condição de existir – sente a perda como uma punição pelo ato cometido – abandono da língua materna e aquisição de uma nova língua. Ao sentir culpa, procura repará-la, pois *re-conhece* sua dependência daquela que o constitui enquanto sujeito, mas também se diferencia dela. Numa tentativa de resolver o conflito, integra a parte que se identifica àquela que se diferencia, podendo ter consciência de um conviver harmonioso entre elas.

Nesse momento, Klein (1996) constata a posição do sujeito, não mais Esquizo (cisão) - Paranóide (sentimentos persecutórios), mas Depressiva (reconhecimento da dependência e da culpa que o levam a reparar o objeto materno que acredita ter danificado). Posteriormente, ele integra os objetos até então tomados parcialmente num objeto total, sublimando e criando um idioma subjetivo/coletivo. Esta última posição, a Depressiva, é responsável pela aquisição da língua subjetiva, resultante construída pelo indivíduo a partir da integração entre a língua materna e a estrangeira, pautada na vivência do momento de silêncio, de suspensão da língua materna e não domínio da língua estrangeira.

Na separação, “desmame”, enquanto cisão, o indivíduo não elabora a perda da língua materna integrando-a à estrangeira como antes referido. Ele não suporta *re-conhecer* a *différance*, o intervalo da tradução, o silêncio da incompletude. Teme deparar-se com o vazio, a falta de sentido, o silêncio da ausência de seu próprio ser. Predomina o sentimento de culpa frente à perda da língua materna ou o sentimento persecutório frente à língua estrangeira.

Neste último caso, pode-se relacionar à contemporaneidade, onde um indivíduo em silêncio é visto como um indivíduo sem sentido. O silêncio/falta, precisa ser preenchido pela fala, pois o silêncio fala o que não é dito. Cria-se uma tensão entre sujeitos.

Como pontua Orlandi (2007), na contemporaneidade foi dado um lugar subalterno ao silêncio em relação à fala. Há uma ideologia da comunicação verbal, um apagamento do silêncio, levando à urgência do dizer decorrente da multidão de linguagens a que estamos submetidos no cotidiano.

Na interrelação Eu-Outro, o silêncio do Outro mobiliza o não dito a ponto de muitas vezes ser insuportável, este fundeado no tempo, levando a uma interrupção: Por que você está assim? Em que está pensando? Nesse momento o sujeito exerce seu controle e sua disciplina fazendo o silêncio falar ou, ao contrário, supondo poder calar o sujeito silencioso. Ao falar, ele afasta sentidos não desejados, por isso, para compreender um discurso deve-se perguntar:

O que ele cala? No silêncio, o sentido se faz em movimento. Como *o mar*, a palavra segue seu curso e o sujeito cumpre a relação de sua identidade e de sua diferença. O silêncio é o espaço diferencial que permite à linguagem significar (Orlandi, 2007).

A interação entre o tradutor e o traduzido, dependendo da visão caleidoscópica, alterna as imagens sobre cada um deles, possibilitando a ambos, uma vivência até certo ponto paradoxal: quanto mais se aproximam da língua estrangeira e vivem o “silêncio” verbal da língua materna, tanto o tradutor quanto o traduzido, mais têm oportunidade de *re-significar* e se vincular à esta última, pois *des-cobrem* e *re-descobrem* na *différance* sua própria língua, podendo *coconstruir* um apego mais seguro com ela.

Portanto, o silêncio media as relações entre linguagem e pensamento; resiste à pressão de controle exercida pela urgência da linguagem; atua na passagem entre pensamento-palavra e coisa. E, para o multilíngue transladar, de forma integrada, em outra ou outras línguas, é necessário um vínculo seguro à *língua materna*, que lhe permita pensar, contemplar, viver a introspecção em seu silêncio interior.

Será, simultaneamente, na agoridade e na *différance*, no silêncio da tradução que irá coconstruir, junto ao Outro, sua língua subjetiva/coletiva. Irá *des-cobrir* sua competência na translíngua ao traduzir e traduzir-se e ao transmitir, no silêncio, a transmissão em qualquer língua.

Coescrevendo e inscrevendo sua história em outra língua e em outro contexto de linguagem, resgata sua competência de natureza individual – pulsão epistemofílica e escopofílica³⁴ – e social enquanto ser de interação e narração. Numa relação de interinfluência com o meio, permite também o renascimento infinito das línguas. Assim, *des-cobre* a própria competência de transitar, de transformar-se e historicizar-se como sujeito autônomo em seu saber implícito: competência para comunicar-se nas três mil línguas faladas, línguas interinfluenciadas/ traduzidas no silêncio, paralelas e em espiral (GRIGOLETTI, 2007)!

4.4 A música que ecoa na travessia

Esse é o último item do capítulo a ser escrito antes da análise dos dados/conclusão. No entanto, para mim, ele não é somente mais um item, é parte da síntese da *riqueza da viagem*. Entendo ser inevitável apresentá-lo, como o próprio leitor poderá concluir.

³⁴ Pulsão do olhar (LAPLANCHE; PONTALIS, 1983, p. 506-539).

Qual a relação entre o estrangeiro e a música? Existe alguma, possível? Quem já sentiu a estrangeiridade em sua própria *pele sonora* sabe muito bem qual a resposta. Embora possa nunca ter generalizado tal experiência a seus iguais.

Nesse contexto, a música é vista como uma assessoria, uma tentativa de balizamento na travessia do estrangeiro, como no Serviço de Praticagem utilizado pela Marinha. Ao proporcionar maior eficiência e segurança à navegação e garantir a proteção da sociedade e preservação do meio ambiente, o prático evidencia sua capacidade em coordenar com movimentos seguros, a *atracação e a desatracação* do navio nos portos, pontos comprovadamente de maior risco. A relação entre o prático (música interna/externa) e o comandante (estrangeiro da tese) se faz presente: cabe ao primeiro, a habilidade no curto e desafiante trajeto transcorrido e ao segundo, a responsabilidade pela embarcação.

Na *viagem* com os sujeitos da pesquisa, a relação entre o estrangeiro e a música se estabeleceu pela primeira vez para mim, não mais deixando de estar presente. A cada dia, no *mundo da tese*, novos sons e tons contribuíram para melhor delinear a vista da irresistível paisagem musical.

Entre as leituras, foi na biografia e nos trabalhos do árabe Edward Said (1935-2003), um dos maiores críticos literários e culturais de nosso tempo, que mais encontrei apoio literário na relação estabelecida. Nascido de pais árabes cristãos, educado no Egito e, posteriormente, com cidadania norte-americana, alfabetizado simultaneamente em inglês e árabe, Said narra seu doloroso processo de identidade, marcado pela sensação de estar *fora do lugar* por sua condição de apátrida. Entretanto, foi na música e na literatura que buscou a constituição de uma pátria pessoal, a única em que veio a sentir-se plenamente em casa. Na obra *Paralelos e Paradoxos*, ele diz a música continuar sendo essencial em sua vida intelectual e pessoal.

Não sou um sujeito muito preocupado com bens materiais. Não me importo muito com móveis ou com reminiscências do passado. Não coleciono lembranças – portanto, minha sensação de estar em casa em qualquer lugar é realmente uma sensação de transição, como tudo na vida. A música também é transição (SAID; BARENBOIM, 2003, p.22).

Intercambiando com os dados dos sujeitos pesquisados no item sobre o que consideram importante no desenvolvimento/educação dos filhos, a música foi eleita em 91,7% (11) das doze famílias deles. A seguir, uma mostra da relação do estrangeiro com *sua música*.

**H e M são chilenos; filho chileno, 1ano 1m; filha peruana, 3anos 2m.
Permanência no Brasil: 10 meses.**

M: *Eu ensinei muito música, botava música para ela (filha), cantava com ela...Eu acho que isso é genético pois eu tenho um bom ouvido, meu marido também tem bom ouvido...Ele (marido) já tocou música, aprendeu piano quando criança. Ele gosta de música. Eu tenho bom ouvido também porque falo muitos idiomas (francês, inglês, português e espanhol). Eu creio que é genético, é natural.*

Ao considerar o Outro na relação com os sujeitos pesquisados, registrei, não somente no explicitado a presença das notas musicais, mas também no implícito, uma sinfonia de vozes nas quais a cada nacionalidade, descortinava um novo tom. A voz do estrangeiro para a escuta de minha pele sonora soava sempre musical, diferente da língua materna, o português.

Neste aspecto, cabe destacar Lévi-Strauss (2010), o qual dizia que a música opera a partir de um duplo contínuo: um externo, marcado pela série ilimitada dos sons fisicamente realizáveis, cada sistema musical selecionando sua escala e outro, interno, com lugar no tempo psicofisiológico, do indivíduo que escuta – uma escala de sons musicais variando de acordo com a cultura. Portanto, além do tempo psicológico-cultural, a música se dirige ao tempo fisiológico e até visceral: todo contraponto age silenciosamente sobre os ritmos cardíaco e respiratório. A música expõe ao indivíduo seu enraizamento psicofisiológico e cultural!

Segundo Borchgrevink (1991), a despeito das diferenças óbvias entre tradições, existem certos elementos ou aspectos musicais comuns a todas ou à maior parte das diferentes tradições. Acordes e intervalos consonantes (combinações de frequências harmônicamente relacionadas) são encontrados em acordes e linhas melódicas da maioria das culturas musicais. Experimentos psicológicos demonstraram ser os acordes consonantes preferidos a outras combinações tonais em nossa cultura ocidental. Esta preferência é, possivelmente (pesquisas realizadas) decorrente da predisposição neurobiológica, sendo uma consequência estética, perceptiva dos efeitos das leis acústicas sobre o sistema auditivo específico dos mamíferos.

A psiquiatra e musicoterapeuta Frohne (1991) utilizou-se do referencial mahleriano, referido no item 2.2.1, o principal da Teoria Vincular embaixador da presente tese, para ler o psiquismo de seus pacientes, relacionando-o a terapêutica musical. Como salientado anteriormente, sendo a música o recurso do estrangeiro de balizamento em sua travessia, importa apresentá-la, mesmo de forma sintética. Para a autora o processo de separação/individuação do desenvolvimento do indivíduo e sua relação com a música podem ser assim descritos: a fase simbiótica normal (0-4 meses), antecessora da

separação/individuação, se caracteriza por o bebê perceber a mãe de forma difusa, não a discriminando dele mesmo. Nessa camada, o indivíduo vivencia a música com um prazer sensorio mais ou menos agradável. Mergulha em um oceano de sons, é envolvido, acalentado e acariciado, levando-o a sentir-se seguro, confortável e com bem-estar natural. A música não é vivenciada em conjunto com a visualização (da mãe), pois a criança nessa fase não está em condições de integrar a cena.

Na seguinte fase, a primeira da separação, portanto, uma subfase, denominada de diferenciação (4-8 meses), o bebê começa a discriminar a mãe dele mesmo: ela é, ao mesmo tempo, uma extensão de seu eu e também algo mais. Quando há regressão do indivíduo a essa camada, a música tem o significado de objeto transicional. Este representa o eu e ao mesmo tempo o mundo, não tendo a função de estabelecer relações interpessoais, como os chamados objetos intermediários, pois satisfazem necessidades pessoais, voltadas ao eu. Na segunda subfase, de treinamento, o mundo interno e o externo são estabilizados na medida em que a criança aprende a andar, falar e observar a realidade que a circunda. A ausência da mãe, notada conscientemente, é vivida com ansiedade de separação e perda. A música tem a função de satisfazer o narcisismo e a onipotência da criança. O ser visto, admirado pelos demais permite que o indivíduo seja identificado e sua identidade se desenvolva.

Na fase de reaproximação (1 ano $\frac{1}{2}$ - 2 anos), o bebê se reaproxima da mãe, agora já ciente de suas competências (locomotoras e de linguagem) e de sua limitação onipotente e narcísica. Sentimentos ambivalentes se apresentam: autonomia e proteção. Danos nesta fase dificultam vivências de distanciamento e proximidade afetivas. A fase confluyente de música é típica da camada simbiótica normal da personalidade, no entanto, a executante é própria da fase de treinamento. As formas musicais de improvisação que lidam com a regulação da proximidade e do distanciamento, do dar e tirar, do contato e afastamento, são típicas da reaproximação.

A fase da individuação (2 anos $\frac{1}{2}$ - 3 anos) refere-se à autonomia do falar (a linguagem literalmente estabelecida com a mãe, é ampliada para a linguagem social) e a capacidade de autorregular-se nas funções orgânicas/esfincterianas, evidenciando a constância objetal, a mãe física podendo ser substituída por mãe representada. A execução da música, nesta fase, tem a função de oferecer um campo de experimento que permite a descoberta de normas grupais e pessoais de comunicação.

Por que entender estas fases do desenvolvimento infantil se os sujeitos estrangeiros são adultos? Antes de responder vou reportar-me a duas pesquisas: a primeira (GRIGOLETTI; NASCIMENTO, 2006) fundamento da tese no referente ao processo

migratório, quando a Separação (perda/luto) das origens, dos vínculos com figuras de referência, das identidades parentais, e a Individuação aquisição (introjeção) de outra identidade com a nova cultura, resulta na ressignificação da identidade de origem. A segunda pesquisa, A importância da musicalidade no desenvolvimento das competências da criança de 1 a 4 anos (GRIGOLETTI, 2011), entre os resultados obtidos cabe destacar os de interesse: a mãe foi a via incentivadora para o ingresso da criança na música, seja diretamente ou indiretamente, ela autorizou o terceiro, o pai ou os cuidadores, a estimular o filho; a criança que ainda não fala, mesmo com idade para tal, utiliza-se da música como via de comunicação. Podemos associar as duas investigações e levantar um segundo questionamento: o estrangeiro, sendo um aprendiz da nova língua/cultura, entra em contato com suas primeiras experiências de separação/individuação, utilizando-se da musicalidade para viabilizar seu processo de migração?

Frohne (ibidem) responde às questões lançadas por mim: através da música alguns adultos expressam sua dor, seu conflito na improvisação musical regressiva (regressão enquanto mecanismo de defesa utilizado na perda das funções egoícas) e ao mesmo tempo, é através da música que saem dessa etapa regressiva. Então, apresentar este modesto ensaio sobre a função terapêutica da música no psiquismo em conflito (separação/individuação) foi uma maneira de aproximar o leitor do lugar de balizamento que a música pode ter na identidade do estrangeiro pesquisado.

Sendo assim, não será mera coincidência – como diz Freud, nada é coincidência – ter escolhido Bakhtin para traduzir/interpretar *o idioma musical* do estrangeiro. É fato a ser ratificado tanto no texto a seguir quanto pela já referida relação de Bakhtin com a música, em sua vida e obra. Na música, sente-se a resistência de uma possível consciência viva, que não dispõe de um princípio de acabamento em seu interior. Somente quando se percebe a força, o peso dos valores, constata-se, em cada um dos degraus subseqüentes, ter ela transposto a vitória obtida sobre o que lhe compete superar. Não se cria a forma musical num vazio de valores ou entre outras formas (uma música dentro de outra música), igualmente musicais. Ela é criada no acontecimento da vida, sendo somente isto que lhe confere seriedade, caráter de acontecimento significativo e peso (BAKHTIN, 1997a).

O referido filósofo ao estreitar os vínculos com a música destaca reflexões de Schopenhauer sobre a percepção da música quando diz:

[...] sou eu quem vive empaticamente o objeto, a empatia é meu ato, e somente nela consiste a produtividade e a novidade do ato (Schopenhauer e a música). Mediante a empatia se leva a cabo algo que não existia nem no objeto da minha empatia, nem

em mim antes do ato de empatia e este algo uma vez realizado enriquece o acontecimento do ser, que não permanece idêntico a si mesmo (BAKHTIN, 1997b, p.23).

Na concepção de Schopenhauer (2003), a vontade, não racional e diferente do ato, gera dor e sofrimento e a música é a via momentânea de aliviar esse sentimento. Ao empatizar com a música, o indivíduo centra sua atenção, libertando-se de sua dor, vai ao encontro do prazer estético. Essa liberdade se dá pelo puro som, domesticando a vontade, entenda-se insatisfação intensa do momento. É estimulado o conhecimento das ideias como toda a arte o faz, mas a música, com sua peculiaridade universalizante e íntima (vai além das ideias e do aparente), fala a todos os corações: “A música é a linguagem do sentimento e da paixão, assim como as palavras são a linguagem da razão” (ibidem, p.232).

Segundo o autor, como expressão do mundo, ela é uma linguagem universal no mais supremo grau, assemelha-se às figuras geométricas e aos números. Nada lhe pode ser estranho, pois exprime a essência de todas as coisas, revelando o sentido das cenas e imagens da vida e é seu comentário mais correto e claro. Apesar de resolver e esclarecer tantos enigmas dá também origem a um novo enigma, a relação de sua linguagem com a razão. “A música em seu todo é a melodia da qual o mundo é o texto” (ibidem; p. 235).

O lugar científico da música em laboratórios tem seu início segundo Jourdain (1998) no século passado, levantando ainda muitas questões sobre sua influência no cérebro do ser humano na contemporaneidade. Para ele, investigador da relação da música na sensação de êxtase no cérebro ela, além da beleza, atrativo a muitos ouvidos, proporciona ao cérebro um meio ambiente artificial, forçando-o atravessá-lo de maneira controlada. A música dá os meios para se experimentar relações mais profundas do que as encontradas no cotidiano.

Como não é foco da presente tese investigar a relação referida neste item, cabe finalizar com as palavras de Said (SAID; BARENBOIM, 2003, p.107): “Para mim, que gosto tanto de música, uma parte muito importante da prática musical é que, num sentido profundo, a música talvez seja a resistência final à aculturação e à mercantilização de tudo”.

5 O TIMÃO QUE DEU RUMO À VIAGEM

[...] a imagem do discurso alheio é como uma espécie de caixa chinesa ou boneca russa: o discurso no discurso, enunciado dentro de enunciado, mas ao mesmo tempo discurso sobre outro discurso enunciado acerca de outro enunciado (BAKHTIN, 1997b, p.194)³⁵.

5.1 A carta náutica

Para o leitor melhor *viajar* pela “carta náutica” metodológica adotada na tese, a seguir a interrelação entre os princípios da Epistemologia Qualitativa e a Psicanálise e, posteriormente, entre os primeiros e a Análise Dialógica do Discurso. Estas interrelações foram construídas no decorrer das leituras e da práxis realizada. Há três princípios da Epistemologia Qualitativa referidos por Rey (2002) e que identifico alguns pontos de proximidade com a Psicanálise: a) o caráter interativo do processo de produzir conhecimento, isto é, a relação interativa entre pesquisador-pesquisado, analista-analisando, é uma condição essencial nos dois *settings*; b) a interpretação gerada pela necessidade de dar sentido às expressões do sujeito (pesquisado/analizado), em momentos particulares vinculados a um processo geral, ele enquanto sujeito social, histórico; c) a singularidade da história subjetiva converte-se em aspecto significativo sem ter de repetir-se com outros sujeitos, pois a legitimação do conhecimento se produz pelo que significa um resultado em relação às necessidades atuais do processo de pesquisa ou da Psicanálise enquanto tratamento.

A interligação entre a Metodologia Qualitativa e a Análise Dialógica do Discurso, embora estas sejam abordadas sob ângulos diferentes, ressalta a necessidade de ser apresentada a mesma consideração dada à Psicanálise: sua relevância.

As cinco especificidades da Metodologia da Pesquisa Social (Qualitativa) segundo Minayo (1993) são: a) o objeto das Ciências Sociais é histórico, as sociedades humanas existem num determinado espaço, num determinado tempo; b) os grupos sociais que as constituem são mutáveis, bem como as instituições, leis, visões de mundo são provisórias, passageiras e em constante dinamismo e, potencialmente, tudo está para ser transformado; c) o objeto de estudo possui consciência histórica, o pensamento e a consciência são frutos da necessidade, eles não são um ato ou entidade, mas um processo que tem como base o próprio processo histórico; d) o sujeito (observador) e o objeto (observado) de pesquisa têm identidades comuns que os tornam solidariamente imbricados e comprometidos; e) o objeto das ciências sociais é complexo, contraditório, inacabado e em permanente transformação, só

³⁵ (tradução própria)

sendo apreendido por aproximação – o que, inevitavelmente, faz pensar nos conceitos de Bakhtin já referidos, principalmente, cronotopia e exotopia.

Considerar as proximidades e as singularidades entre a teoria de Bakhtin focalizada na linguagem dialógica e as Ciências Sociais a partir dos grupos sociais, e integrá-las na produção de conhecimento é, no mínimo, enriquecedor para quem pesquisa. Desde este momento, focalizo dois aspectos da abordagem adotada, primeiramente a Metalinguística em Bakhtin e a seguir, a História Oral Biográfica.

Bezerra (2010) ratifica a ideia de Brait (2006) e de Faraco (2009) ao dizer que o grande filósofo imaginava uma disciplina como método de Análise do Discurso, o que podia ser identificado em sua obra sobre Problemas da Poética em Dostoiévski, na concepção Metalinguística ali presente. Entretanto, Brait (2006) destaca e reconhece que, em nenhum momento de sua obra, o filósofo e o Círculo tenham postulado um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para uma teoria analítica. Por minha parte, compartilho da impressão da disciplina imaginada como método pois nas leituras realizadas sobre a obra baktiniana foi inevitável associar exotopia, compreensão simpática, posição neutra, análise biográfica, posição do terceiro, do observador e do experimentador, à relação entre pesquisador e pesquisado.

A bivocalidade dialógica situada no objeto e na maneira de enfrentá-lo caracteriza essa abordagem Metalinguística do Discurso, não podendo dar-se somente a partir de um ponto de vista interno ou de uma perspectiva externa. As relações dialógicas são extralinguísticas, focalizando o estudo das significações do enunciador, em especial dos efeitos de sentido. Elas não podem, ao mesmo tempo, ser separadas do campo do discurso. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam, constituindo o verdadeiro campo da vida da linguagem. Por isso, as relações dialógicas devem ser estudadas pela Metalinguística, que ultrapassa os limites da Linguística e possui objeto autônomo e metas próprias (BAKHTIN, 1997a).

Portanto, a Metalinguística, por certo período denominada de Translinguagem por Bakhtin, tem nas relações dialógicas o seu objeto, desvendando a articulação constitutiva do que há de interno e externo na linguagem. Nessa nova Linguística, o objeto para Bakhtin não é o enunciado, mas sim, a enunciação, ou seja, focaliza a interação verbal.

O trabalho metodológico, analítico e interpretativo com textos/discursos se dá herdando da Linguística a possibilidade de esmiuçar campos semânticos; descrever e analisar micro e macro-organizações sintáticas; reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam os discursos e indicam sua heterogeneidade

constitutiva, assim como a dos sujeitos ali presentes. O filósofo/filólogo reconhece o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam; descobre a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chega à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos (BRAIT, 2006).

Para Faraco (2009), Bakhtin ultrapassa a Linguística ao focalizar as relações dialógicas entre enunciados, relações de significação que não se reduzem aos contextos imediatos e sim, constituem-se no encontro de diferentes vozes/línguas sociais. Entende o autor que a proximidade da concepção bakhtiniana e da Teoria do Discurso está presente nas formulações de Authier-Revuz sobre questões da heterogeneidade discursiva, na medida em que a primeira causou profundo impacto e influência nos desdobramentos e redesenhos dessa segunda teoria na contemporaneidade. Lembra ele de Bakhtin: as vozes sociais não têm propriamente um espaço social, elas vivem nas fronteiras, em pontos de contínua tensão socioaxiológica, de contínuas interanimações, contraditoriedades, entrecruzamentos e reconfigurações.

As contribuições bakhtinianas para uma Teoria Dialógica do Discurso constituem uma postura dialógica diante do corpus discursivo, da metodologia e do pesquisador. Como diz Brait (2006, p.29):

A pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem, e do compromisso ético do pesquisador com o objeto que, dessa perspectiva, é um sujeito histórico.

Não tendo a intenção de esgotar esta análise, mas sim de estimular o leitor a pensar nas proximidades e distanciamentos das teorias referenciais, cabe citar Bakhtin (1997a, p.368): “O encontro dialógico de duas culturas não lhes acarreta a fusão, a confusão; cada uma delas conserva sua própria unidade e totalidade aberta, mas se enriquecem mutuamente”.

A abordagem qualitativa, mais especificamente focalizando a História Oral Biográfica e de acordo com a Análise Dialógica do Discurso, deu rumo à pesquisa realizada, tendo grande influência na resultante obtida. Não somente o quê explicitado, mas também e, principalmente, o como, presente na narrativa da própria história de vida do estrangeiro, criou um grande diferencial na caracterização identitária deste.

Inicialmente, devido à minha trajetória enquanto pesquisadora utilizando a História Oral Biográfica, desde 1997 e a própria profissão enquanto psicóloga e psicanalista, sinto a

necessidade de contextualizar o leitor no tempo e espaço deste método de pesquisa, por mim tão valorizado. Iniciar destacando as palavras de Thompson (1992, p.208) ao referir-se à História Oral, parece pertinente: “Recordar a própria vida é fundamental para o nosso sentimento de identidade; continuar lidando com essas lembranças pode fortalecer ou recapturar a autoconfiança”.

A primeira pesquisa baseada na História Oral surgiu, possivelmente, em 1948, com Allan Nevis, professor na Universidade de Colúmbia, Nova York. Neste período pós-guerra, certamente, não foi mera coincidência a humanidade, após viver profundas e inúmeras perdas, voltar-se para a infância, necessitando sentir o pulsar de suas memórias, fazendo um resgate da própria história. Assim, ao final do século XIX, início do XX, os historiadores recorreram a uma formação diferenciada, investindo tanto no doutorado em pesquisa quanto no ensino sistemático de metodologia histórica. No século XX, a humanidade voltou-se, cada vez mais, à investigação de sua trajetória ontogenética, suas origens: início do universo, da vida biológica, da existência de vida em outros planetas.

No final da década de 60 e início de 70, na Alemanha, com Schütze, ocorreu o *boom* da História Oral. O manuscrito do autor, datado de 1977, mesmo sem ser publicado, difundiu-se largamente como literatura não oficial e se tornou o foco de um verdadeiro método de pesquisa Qualitativa, segundo ele, entre outros que surgiram abrangendo Análise de Temática e Análise Estruturalista. Em 1971, em São Paulo, no Museu de Imagem e de Som, órgão dedicado a preservar a memória cultural brasileira, pela primeira vez a História Oral se fez presente. Assim, Thompson contribuiu para contextualizar e problematizar tal método de investigação no Brasil.

Hoje, a História Oral possui caráter interdisciplinar, tendo Thompson dado grande contribuição ao Brasil, principalmente por não existir, no país, uma tradição de valorizar o patrimônio histórico nacional. Quando muito, existe a preservação de conjuntos arquitetônicos, posicionamento que faz eco com a sabedoria popular: *Brasileiro não tem memória*. Nesse momento, uma importante questão vem à minha mente: devido a essa característica do povo nativo, tem-se menor índice de pesquisas conforme o método de história de vida e de tratamentos com resgate do passado, como a Análise e a Psicoterapia Sistemática, do que em países onde o *background* valoriza a memória nacional? A seguir, será destacada a Narrativa da História Oral, mais especificamente, História de Vida sob o timão de Thompson e da visão telescópica de outros pesquisadores da abordagem Qualitativa-narrativa na Pós-Modernidade.

A História Oral é tão antiga quanto a própria história e foi a primeira espécie de história. Inicialmente, não havia um número suficiente de indivíduos letrados, ela era oralmente passada de geração para geração, ficando nos registros da memória de cada homem, grupo ou cultura. Como tudo tinha de ser lembrado, surgiram sistemas e pessoas especializadas como em Ruanda, na África, os genealogistas – tinham de memorizar listas de reis e rainhas; os memorialistas – dedicados aos acontecimentos mais importantes de cada reinado; os rapsodos – preservavam os panegíricos aos reis; os *abiiru* - memorizavam os segredos da dinastia, além dos portadores de tradição das aldeias. Diziam eles: ‘Nós somos a mente da humanidade [...] Ensino aos reis a história de seus ancestrais, de modo que as vidas dos antigos possam servir de exemplo, pois o mundo é antigo, mas o futuro brota do passado’ (ibidem, p.47).

É de riqueza ímpar, principalmente na atualidade, quando tudo é transitório e descartável, a capacidade de, em épocas passadas, ter sido preservada oralmente e com tamanho rigor, a tradição de cada povo. Na Grécia antiga, por exemplo, transcorreram seiscentos anos até surgirem as primeiras versões escritas da *Ilíada*. Na Europa Ocidental, os primeiros textos históricos grafados remontam, possivelmente, a três mil anos antes.

Entre as diferentes abordagens de pesquisa da História Oral, será focalizada a Biográfica. A partir de fins do século XVII, ela se expandiu rapidamente, havendo, no decorrer dos tempos, uma mudança de bases biográficas: tanto os indivíduos com vida reconhecidamente pública quanto aqueles considerados comuns, conjuntamente à história de suas famílias, passaram a fazer parte dessas pesquisas, representando os grupos sociais da época e do contexto.

Neste momento cabe destacar o olhar de Coracini (2011) sobre a memória e o esquecimento na narrativa da história de vida, contrastando épocas anteriores (reconhecido valor da tradição e da história) com a Pós-modernidade (predomínio do anonimato, do global sobre o singular e do egocentrismo; o lucro e o consumo como maior bem): nunca se testemunhou tanta necessidade de deixar – ainda que ilusoriamente – traços de si num mundo que é de todos e de ninguém. Deixar traços de si implica em sempre permanecer, fragmentariamente, com a esperança da ilusória eternidade na memória de um povo, grupo social ou de alguém. Uma das maneiras de deixar traços de si é falar de si, dizer-se, o que exige memória. Esta, segundo Andrade (2011), se (des) organiza no momento da narrativa, constituindo-se de fragmentos (imagens e discursos) “selecionados”, consciente e inconscientemente, pelo eu-narrador, que, ao dizer, é também dito.

O ato de contar histórias, relativamente simples, é uma forma elementar de comunicação humana, é um ato universal. Segundo Bauer e Gaskell (2003), o método, oriundo da palavra latina *narrare*, implica duas dimensões: cronológica, referente à narrativa como uma sequência de episódios e a não cronológica, que implica a construção de um todo a partir de sucessivos acontecimentos ou a configuração de um enredo. Este último é essencial, pois é devido a ele que: a) as unidades individuais (pequenas histórias dentro de uma história maior) adquirem sentido e coerência na narrativa; b) é definido o espaço de tempo que marca o início e o fim de uma história; c) são fornecidos critérios para a seleção dos acontecimentos que devem ser incluídos na narrativa.

O contar histórias parece seguir regras universais e ter um esquema gerador com as seguintes características: a) textura detalhada, com o informante tendendo a fornecer tantos detalhes dos acontecimentos quantos forem necessários para tornar plausível a transmissão entre ele e o entrevistador; b) fixação de relevância: o contador narra àqueles aspectos do acontecimento que são relevantes, de acordo com sua perspectiva; c) fechamento da Gestalt: a narrativa tende a ser contada em sua totalidade, sendo a estrutura tríplice (início, meio e fim) que leva a história a fluir uma vez começada: o começo tende para o meio e o meio para o fim.

Proposições norteadoras da narrativa, segundo os autores referidos (*ibidem*), explicitam-se a seguir:

✓ Privilegia a realidade experienciada pelo contador: a realidade de uma narrativa refere-se ao que é real para quem conta.

✓ Não copia a realidade do mundo fora dela: ela propõe representações/interpretações particulares do mundo.

✓ Não está aberta à comprovação e não pode ser simplesmente julgada como verdadeira ou falsa: ela expressa a verdade de um ponto de vista, de uma situação específica no tempo e no espaço.

✓ Está sempre inserida em um contexto social histórico: a narrativa somente pode ser entendida em relação a um contexto mais amplo. Ela representa o indivíduo e o contexto onde ele se insere.

Segundo Thompson (1992), toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras na expectativa de atingir a verdade oculta.

Faz parte da postura do pesquisador a neutralidade, na concepção Qualitativa do termo (MINAYO, 1993. DENZIN; LINCOLN, 2007) ou considerando a observação de Bakhtin de em algumas disciplinas, ser possível atingir um elevado grau de cientificidade, mas a análise do conteúdo é extremamente difícil e, em geral, não se pode escapar a certa dose de subjetividade, condicionada pela própria essência do objeto estético: “... porém, o rigor do pesquisador sempre pode mantê-lo nos devidos limites e levá-lo a recusar o que há de subjetivo na sua análise” (BAKHTIN, 1993, p. 44).

Portanto, o pesquisador é alguém sabendo pouco ou nada do que o sujeito vai contar, não possuindo interesses particulares sobre sua narrativa, com exceção do foco. Por parte do narrador, constroem-se hipóteses sobre o que o entrevistador gostaria de ouvir, podendo alternar-se entre fornecer uma autêntica narrativa dos acontecimentos ou provocar uma arena onde ele defenderá seus pontos de vista, com fins mais amplos do que os propostos pela pesquisa. Desta forma se estabelece um pretense jogo de ingenuidades, especialmente com respeito a uma série de entrevistas sobre as quais o informante sabe não ser ele o primeiro a ser ouvido e, por parte do entrevistador, sua memória e seu desejo não lhe permitem ficar indiferente ao foco delimitado. Este clima de expectativas procura ser minimizado com regras próprias para a metodologia de entrevista de narrativa.

Para Thompson (1992), os historiadores orais têm muito a aprender com os psicanalistas e com os terapeutas de família, a começar por estarem atentos àquilo que não está sendo dito, assim como ao significado dos silêncios. Conclui ele sobre os significados mais simples serem, provavelmente, os mais convincentes, tornando-se, portanto, de suma importância considerar as sutilezas da memória e da comunicação. Outros pesquisadores qualitativos também são partidários de tal concepção, identificando culturas que cultuam o silêncio, sendo este quem fala mais alto. Nessa direção é ressaltado o lado terapêutico da libertação da memória frente à narrativa da história de vida: as lembranças narradas podem liberar sentimentos poderosos, levando o indivíduo a novas buscas.

Mas, atenção, podem também levar a subproduções: o indivíduo *não tem ou pouco há que contar* frente a sofrimentos profundos como foi a narrativa das lembranças de sobreviventes do primeiro genocídio do séc XX, o massacre de um milhão de armênios em 1915-1922. Ansiedades podem conduzir a um narrar compulsivo, mobilizando uma vívida imaginação com pouca base em acontecimentos reais ou experienciados. Quanto às distorções – relação entre narrativa e realidade – é importante considerar serem elas parte de um mundo de fatos e factuais como narrativa, assim devendo ser consideradas (THOMPSON, 1992. BAUER; GASKELL, 2003).

Ainda segundo Thompson e de acordo com minha própria experiência, os pesquisadores recebem durante e após as entrevistas, depoimentos que os fazem sentir-se como uma caixa de ressonância, chegando a confessor e arrimo emocional. Diante do exposto, torna-se essencial refletir sobre o quanto o pesquisador tem de saber escutar não só com os ouvidos, mas também com os sentimentos e o senso ético, a ponto de respeitar a dor do pesquisado e não ir adiante sobre determinados conteúdos ou indicar, quando se fizer necessário, um terapeuta para aquele quem narra a própria história.

Objetivando não me distanciar do foco do presente trabalho, não serão contemplados outros aspectos instigadores do método de Narrativa de História de Vida. Entretanto, é preciso ressaltar o mérito da sensibilidade psicanalítica de Thompson (1992), que o leva a concluir não ser somente o sujeito importante para a história, mas também esta ser importante para o sujeito. Portanto, falar sobre a metodologia adotada na presente tese é também contextualizar o trabalho realizado em uma práxis muito subjetiva, isto é, sob o olhar e a interpretação/tradução do próprio pesquisador e por isto mesmo, numa abordagem teórica Qualitativa.

5.2 A metodologia adotada para navegar nos “doze mares”

É importante reconhecer que foi e tem sido sempre uma longa viagem com muitos momentos de “fundeado”. Desde 2000, inúmeras questões foram *coconstruindo e desconstruindo* as bases teóricas até então tomadas como referência para melhor entender a voz estrangeira que ecoa na atualidade.

Durante os anos de navegação, desde quando comecei a investigar as relações vinculares em processo de imigração, uma diversidade de panoramas foram descortinando-se e demandando respostas às questões dali decorrentes. Isto gerou uma significativa produção bibliográfica e palestras em jornadas e congressos, assim como motivou três pesquisas: A influência da aculturação na relação vincular em crianças de 0-3 anos/UCPEL (2001-2003); Relação vincular entre a criança de 1 a 3 anos e a mãe imigrante /UnB (2003-2004); A influência da musicalidade no processo de autorregulação da criança (estrangeira X não estrangeira) de 1 a 4 anos/UCPEL (2006-2008) .

Em 2007, na apresentação do projeto para o doutorado no Pós-Let / UCPEL, outro “fundeado” visualizando nova paisagem. A riqueza dos dados obtidos na Especialização na UnB (Relação vincular entre a criança de 1 a 3 anos e a mãe imigrante) possibilitou uma releitura, isto é, realizar um olhar e uma escuta sobre outro ângulo do corpus, agora voltada

não mais para a interação pais e filhos, mas sim, para o adulto estrangeiro, tendo como contexto doze famílias. Estes “doze mares” suscitaram questões, entre elas: Sabemos escutar o estrangeiro? Que língua fala? Qual sua identidade?

Na pretensão de responder e, ao mesmo tempo, ciente de uma validade delimitada por uma época e um espaço em constantes transformações, algumas características do contexto investigado serão apresentadas. A seguir os passos percorridos.

5.2.1 A fase exploratória em terra firme

Para melhor contextualizar a imigração no Distrito Federal foram realizadas 14 entrevistas com instituições, sendo viável o projeto em 5 delas: Polícia Federal de Imigração / DICRED (Divisão de Cadastramento e Registro de Estrangeiros); IBGE (pesquisa com funcionário e no banco de dados local); Secretaria da Educação do DF/ Setor de Desenvolvimento Econômico (SDE); Creche do Senado e de Cabo Frio. As Escolas Francesa e Americana, embora disponíveis, necessitavam de um tempo para sondagem com os pais estrangeiros, que ultrapassava o limite da pesquisa.

Na época houve boa receptividade por parte dos responsáveis pelos setores privados, mas limitação dos órgãos governamentais quanto às condições de registro dos dados sobre o processo migratório internacional. Até o penúltimo censo, o IBGE divulgava os dados de imigração nacional, mas não internacional. Segundo reportagens de jornais e textos no site do IBGE, em 2010 houve o primeiro Censo Demográfico identificando a imigração internacional. Entretanto, meu empenho e de outras pessoas que me auxiliaram – via: site IBGE; envio de vários e-mails; ligações telefônicas para o DICRED em Brasília; envio de documentação exigida (xerox da carteira de identidade e CPF, requerimento solicitando os dados e atestado do doutorado Pós-Let UCPEL) por este órgão – resultou infrutífero na obtenção dos dados que acredito serem enriquecedores para contextualizar o momento atual do imigrante/estrangeiro no Brasil. Por outro lado entendo a caminhada retratar, um pouco, o lugar do estrangeiro/imigrante em meu País.

Retomando o canal de acesso ao estrangeiro. Foi possível localizar dois profissionais para intermediar as relações pesquisador-estrangeiros: professores/pediatras do Curso de Especialização em Saúde Perinatal, Desenvolvimento e Educação de Bebês / UnB, que atendiam filhos de estrangeiros. Esse grupo de sujeitos rapidamente se disponibilizou e se articulou para a pesquisa, possivelmente devido à boa relação com os pediatras. Uma das

estrangeiras tomou a iniciativa, por livre vontade, de contatar outras integrantes do *Play Group* (Grupo de encontro de estrangeiras vinculadas ao Itamaraty).

A rede formada espontaneamente pelas 12 estrangeiras do *Play Group* tornou acessível o primeiro contato por telefone e, posteriormente, o realizado na residência. Este início foi considerado um *setting* motivacional decisivo para a sustentação e o desenvolvimento das 24 entrevistas, duas por sujeito. A seguir: Quem são os estrangeiros, sujeitos da pesquisa?

5.2.2 As características dos navegadores

Para melhor realizar a análise dos dados na abordagem Qualitativa, serão apresentadas algumas características do contexto familiar dos sujeitos.

Quadro 2 – Contexto familiar dos estrangeiros

Contexto familiar dos estrangeiros														
Mulher				Homem			Criança/Filho referência					Outros filhos		
Sujeitos	Idade	Nacionalidade	Trabalha	Nacionalidade	Trabalha	Tempo Brasil	Idade	Sexo	Nascim.	Posição na Família	Irmãos	Sexo	Idade	Nascim.
A	27a	Francesa	Não	Francesa	*Sim	1a	1a/2m	F	França	1º	---	---	-----	-----
B	38a	Canadense	Não	Espanhola	*Sim	2a	1a/4m	F	Brasil	3º	2	F/M	8a/6a	Bélgica
C	30a	Francesa	Não	Francesa	*Sim	2a	1a	M	Brasil	2º	1	M	2a	Brasil
D	29a	Uruguaia	Não	Uruguaia	*Sim	3a/5m	2a/7m	M	Brasil	1º	1	F	7m	Brasil
E	28a	Francesa	Não	Francesa	*Sim	4m	1a/4m	M	França	1º	---	---	-----	-----
F	34a	Neozelandesa	Sim	Neozelandesa	*Sim	2a/6m	2a	M	Brasil	2º	1	M	5a	Nova Zelândia
G	31a	Chilena	Não	Chilena	*Sim	10m	3a/2m	F	Peru	1º	1	M	1a/1m	Chile
H	30a	Colombiana	Não	Brasileira	*Sim	1a/8m	2a	M	Brasil	1º	---	---	-----	-----
I	30a	Cubana	Sim	Cubana	*Sim	3a	1a/8m	F	Cuba	2º	1	M	5a	Cuba
J	30a	Francesa	*Sim	Britânica	Sim	3a	1a/7m	F	Brasil	2º	1	M	3a/6m	França
K	36a	Francesa	*Sim	Mexicana	Não	5m	1a/8m	F	França	2º	1	M	4a	México
L	32a	Americana	Não	Americana	*Sim	6a	2a/6m	F	Brasil	2º	1	F	4a	Brasil

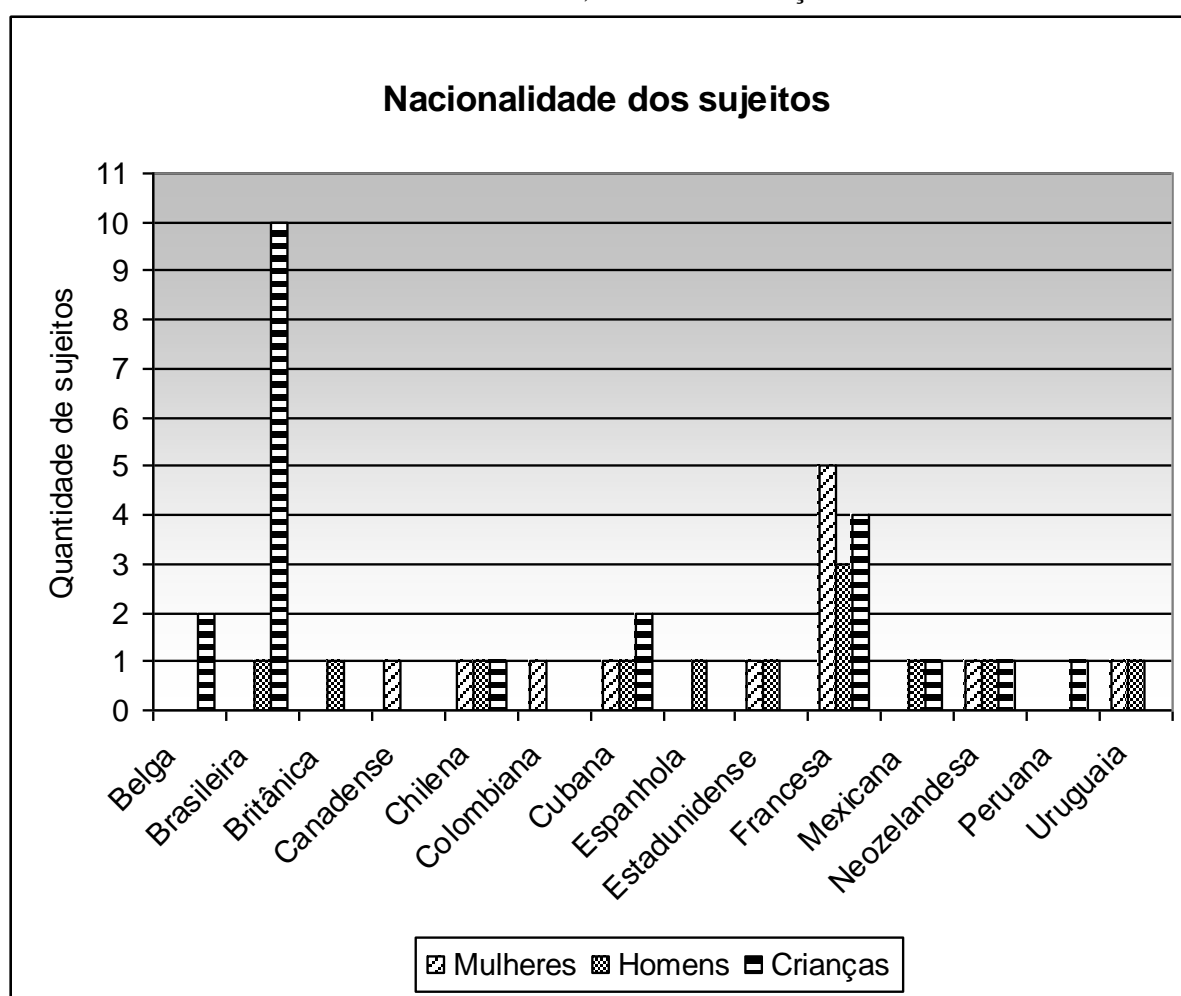
Fonte: Lúcia Grigoletti

* Sujeito trabalhador, motivo da migração.

Os sujeitos pesquisados, numa faixa etária entre 27 a 38 anos, encontravam-se no Brasil entre 5 meses a 6 anos, contemplando, no contexto familiar, um total de 14 nacionalidades. O trabalho foi a causa de 83,33% dos 12 homens migrarem e de 16,67% das mulheres (francesas), embora entre elas, outras 16,67% também trabalhassem contribuindo para a renda familiar. Portanto, 66,66% das mulheres, dedicavam-se, predominantemente, aos filhos e à administração da casa. Quanto ao número de filhos, têm-se 75% das famílias com dois, variando o grupo entre um e três filhos numa faixa etária de 7 meses a 8 anos.

A seguir, a vista panorâmica dos sujeitos pela escotilha da nacionalidade.

Gráfico 1 – Nacionalidade: mulheres, homens e crianças



Fonte: Lúcia Grigoletti

Dos 46 sujeitos, predominam entre os adultos, 52,2 %, os franceses, dos quais 62,50% são mulheres. Os demais adultos se distribuem unitariamente entre as nacionalidades: brasileira/colombiana (dupla nacionalidade), britânica, canadense, chilena, colombiana, cubana, espanhola, estadunidense, mexicana e uruguaia. Entre as crianças, totalizando 22 e

oito nacionalidades, as nascidas no Brasil, representam 45,45%, seguidas da França com 18,18%; 9,01% em Cuba; 9,01% na Bélgica e, unitariamente tem-se no México, na Nova Zelândia, no Chile e no Peru.

É importante salientar, quanto às crianças nascidas no Brasil, estar-se ciente de, legalmente, terem direito de solo e de sangue à dupla nacionalidade. Entretanto, dependendo do tipo de vínculo profissional que os pais estabeleceram com o referido país, caso dos diplomatas e militares, não lhes é outorgada tal condição. Para fins de pesquisa, optei por registrar como nacionalidade o lugar em que as crianças nasceram. Além da brasileira e da francesa tem-se, com pouca expressão quantitativa, a dos países: Peru, Cuba, Nova Zelândia, México, Chile e Bélgica.

Durante as entrevistas realizadas nas residências, no DF/Brasília, algumas peculiaridades surgiram, entre elas as observadas e explicitadas a seguir.

- ✓ Ser a entrevista na residência dos estrangeiros, num espaço familiar onde parte de suas culturas se reproduzia (língua e costumes), levou muitas vezes a sentir-me a própria estrangeira.
- ✓ A consciência de ser investigadora numa pesquisa de abordagem Qualitativa, mas também objeto de estudo foi um exercício constante de alteridade, num contexto de trabalho diferente do *setting* psicanalítico.
- ✓ O fato de serem estrangeiros geralmente, com instrução superior, criou uma rede de fácil troca pelo nível intelectual em que se estabeleceu o diálogo.
- ✓ A participação dos homens foi bem diferenciada: 3 interagiram ativamente na entrevista; 4 marcaram sua presença na residência com alguma atividade próxima à entrevistadora como um observador participante com poucas intervenções; os demais, no caso 5, no momento da entrevista estavam fora da residência, entretanto, responderam ao primeiro instrumento e deram o consentimento.
- ✓ O espaço aberto durante as entrevistas para falar das histórias biográficas de migração suscitou uma descarga afetiva intensa nos estrangeiros, associada ao fato de eu ser também psicanalista. Esse aspecto, inevitavelmente, levou-me a realizar um entendimento mais complexo do que estava sendo verbalizado, ao mesmo tempo reforçando o limite entre a pesquisadora e a psicoterapeuta. Tal experiência – diferenças e semelhanças entre o *setting* terapêutico e o de pesquisa – levou-me a

escrever o trabalho Narrativa da história de vida nos mares pais-bebê (GRIGOLETTI, 2005).

- ✓ Embora diretamente associado, ao item acima, mas merecedora de destaque, a segunda entrevista criou um grande diferencial na pesquisa de abordagem Qualitativa. Possibilitou, no caso, maior proximidade do sujeito com sua história e com o pesquisador. Porém, exigiu mais atenção nas mobilizações afetivas desencadeadas nos sujeitos. A cada questão aberta era necessário estar ciente da hora a ser fechada.
- ✓ A situação acima muito exigiu um olhar ético, atento aos limites da investigação, a fim de não torná-la iatrogênica – desencadear sentimentos vinculados a lembranças traumáticas e não dar um continente terapêutico. Focalizar a história de vida é focalizar os afetos, é mobilizar defesas até então necessárias ao psiquismo para enfrentar o processo de migração. Um dos estrangeiros, desempregado, solicitou a indicação de um terapeuta.
- ✓ Foi reconhecida a riqueza dos resultados, destacando serem 14 nacionalidades distintas, entretanto, sabe-se serem eles válidos para um grupo com características muito peculiares: serem estrangeiros e não imigrantes; todos estarem muito identificados com o processo de afiliação – filhos em início do desenvolvimento; e ser uma opção o estilo de vida: migrar com o grupo familiar.

5.2.3 Os instrumentos de navegação

Na época da investigação, foram aplicados dois instrumentos (anexos A e B) em momentos distintos. Anteriormente ao uso, eles foram analisados por três profissionais de Psicologia. Os dois estrangeiros oriundos do Uruguai e da Espanha, mas radicados no Brasil foram, respectivamente, Graciela Maldonado Lock, Mestre e conhecedora da linguagem psicanalítica pais-bebê e Jorge Sarriera, Pós-doutor, com pesquisas na área de migração. A profissional nativa e pesquisadora com profundo conhecimento sobre questionários e roteiros de entrevista em pesquisas foi a Psicóloga Doutora Vera Figueiredo. Além da escolha pela competência dos investigadores referidos, o projeto foi aprovado pelo Conselho de Pesquisa da Universidade Católica de Pelotas (período em que a pesquisa ia ser realizada em Pelotas). Posteriormente, o projeto e os instrumentos foram submetidos ao olhar da especialista em Etnopsicanálise, Dra. Mari-Rose Moro, radicada na França e professora da Paris XIII e, no

Brasil, do Curso realizado na UnB. Os instrumentos, antes de aplicados ao grupo como um todo, passaram por dois casos-piloto para os devidos ajustes (ordem das questões).

O primeiro instrumento (anexo A) autoaplicável era uma ficha com dados sobre as características dos sujeitos. Este norteou e melhor delimitou o grupo no relativo, principalmente, ao tempo de imigração e à origem da emigração. A delimitação foi necessária para selecionar os sujeitos no momento seguinte. O segundo (anexo B), aplicado em ambiente natural – residência, caracterizado como história de vida tópica, foi constituído em duas partes: a primeira contemplando a história dos filhos e a segunda referindo-se à história do casal, especialmente a da mulher. Ambos foram aplicados em dias distintos, focalizando o processo de adaptação à nova cultura brasileira.

Após os casos-piloto, foi estabelecido, por telefone, dia e hora para apresentar, mais detalhadamente, a proposta da pesquisa. Ao serem, pessoalmente, esclarecidos os objetivos do trabalho e confirmada a disponibilidade e o interesse do sujeito, foram marcadas as duas entrevistas. Também foi entregue o questionário autoaplicável (anexo A), referido anteriormente, e o termo de consentimento informado (anexo C), para, juntos aos cônjuges, ser dada a permissão para a filmagem e a utilização do material, sendo esclarecido e garantido:

- ✓ sigilo sobre as respostas obtidas no conjunto do trabalho;
- ✓ direito a desistir durante o processo;
- ✓ encaminhamento à psicoterapia caso fossem detectadas dificuldades na interação entre pais-filho e os primeiros desejassem ajuda.

5.2.4 O procedimento de coleta e análise durante a viagem

De acordo com a abordagem Qualitativa/História Oral Biográfica para fins da Análise Dialógica do Discurso, acompanhada da interpretação psicanalítica, foram analisadas 24 entrevistas (duas por família) de 40min, gravadas, filmadas e transcritas. Em seis delas (três famílias) houve a participação não somente da mulher como também do parceiro e, em todas, a participação das crianças.

Após a análise do corpus sob o ângulo do doutorado – A voz do estrangeiro: sabemos escutá-la? Qual sua identidade? – foram identificadas duas grandes categorias que, aos poucos, se delinearão em minha mente: temas explícitos e predominantes na linguagem oral e análise do implícito, o entrelinhas. Cada uma delas se distribuiu em subcategorias: a primeira, em duas categorias e a segunda em seis.

Além da leitura na horizontalidade do grupo, foram realizadas leituras na verticalidade, quando sujeitos foram considerados porta-vozes da estrangeiridade.

Convido o leitor a participar dessa vista panorâmica descortinada durante a viagem de muitos instantes, momentos, horas e anos de investigações. Só para recordar, em 2012, ano de defesa da tese, terão sido percorridos 12 anos com o olhar, a escuta e os demais sentidos voltados para esse foco.

Outro momento de monólogo: nesse instante, *confesso* (subtende-se culpa) ao leitor um drama interno: o desnudar o mundo do estrangeiro e, mais do que isto, colocar em palavra pública, seja ela escrita ou verbal, esse conhecimento. O quanto estou sendo coerente e ética com o sofrimento e as alegrias desse indivíduo? Com certeza, esses sentimentos vão muito além dos trâmites científicos de pesquisa e de uma tese, pois falam de mim, de minha escala de valoração.

Ciente de duas grandes categorias, temas explícitos verbais e implícitos, não verbalizados, coexistirem, não pretendo dissociá-las, mas, sim, realizar uma leitura Gestalt, focalizando, num primeiro momento, uma como figura e outra como fundo e, posteriormente, elas se alternam. Colocá-las em momentos distintos não fere os pressupostos teóricos que respaldam a tese, como poderá ser confirmado na análise do corpus de cada categoria, apenas visa olhar com uma lente de aumento, via uma metodologia de abordagem Qualitativa, a relevância desses dois focos.

Nas duas abordagens far-se-á presente a valoração, encontrada na entonação da palavra, no entrelinhas, a palavra oral (sujeitos) e a escrita (pesquisadora) sob a ótica da Análise Dialógica do Discurso. Tal valoração é acompanhada da análise do contexto extraverbal do enunciado referido anteriormente neste capítulo.

Seguindo a ótica bakhtiniana, formou-se um horizonte espacial compartilhado pelos sujeitos e pesquisadora e por esta última e seu contexto de doutorado; pelo conhecimento e compreensão comum (sujeito e pesquisadora) da situação de pesquisa e pela valoração por ambos no *microkairos* das entrevistas.

Nesse momento, com uma vivência considerável, anuncio a proximidade da terra e, portanto, com uma posição exotópica e cronotópica serão descortinadas, gradativamente, as diferentes paisagens e, posteriormente, a vista panorâmica decorrente do desejo de conhecer os traços identitárias do estrangeiro na pós-modernidade.

6 AS VÁRIAS ESCOTILHAS INTEGRANDO O PANORAMA

[...] a palavra não somente designa o objeto com certa presença como também o marca mediante uma entonação enquanto minha atitude valorativa, desejo ou não desejo, diante do objeto [...] (Bakhtin, 1997b; p. 40)³⁶.

São tantos os ângulos do panorama pelas diferentes escotilhas! Todos eles encantadores! Como integrá-los e ser o mais autêntico possível com o leitor e mais real com o estrangeiro? Sinto um grande desafio ao ter de lidar com minha estrangeiridade na língua bakhtiniana e com o mundo muito próprio dos sujeitos estrangeiros. A preocupação surge! O rigor científico, a ética, estão presentes! A exigência da pesquisa Qualitativa, ao mesmo tempo em que permite um lugar confortável (proximidade com a Psicanálise), faz emergir um paradoxo: coloca-me frente à responsabilidade e ao rigor científico, na profundidade e no refinamento da interpretação de uma tese.

Colocar em palavras, interpretar o corpus ao meu orientador no pós de Letras, aos colegas em sala de aula e nos congressos viabilizou os primeiros ensaios. Quão importantes foram esses momentos! Ter uma mente *continente*³⁷ individual ou grupal a meus fragmentos de linguagem verbal possibilitou o *re-conhecimento* necessário e organizador para expressar, na linguagem escrita, aquilo que, aos poucos, foi-se integrando, tomando forma e significado. Mesmo assim, nesse momento em que escrevo num lugar exotópico, frente à minha própria criação, vejo-me, num mesmo instante, como criador e criatura! Como tal, tenho consciência da riqueza do *corpus* apresentado e das infinitas análises daí decorrentes. Entretanto, caro parceiro de viagem, terei de limitar-me a um tempo/espço que me acompanham e deixar a você o prazer das inúmeras novas rotas.

Numa tentativa de acabamento que denomino final da viagem, é mister resgatar a questão norteadora: Quais são os traços identitários presentes no discurso do estrangeiro frente à sua separação da língua materna e à aquisição de uma nova língua numa época globalizada?

Acreditando ter obtido resposta a esta questão, apresento, a seguir, a análise das categorias. Em cada uma delas serão apresentadas as narrativas de dois sujeitos, sendo a análise realizada após cada uma ou ao final das duas, dependerá da necessidade da leitura dos dados. Somente em uma das categorias a narrativa será dos 12 sujeitos, devido à sua singularidade nos resultados da tese.

³⁶ (tradução própria)

³⁷ Capacidade do terapeuta ou da mãe em conter as angústias e necessidades do paciente/filho (BION, 1970).

A primeira categoria, temas explícitos e predominantes na linguagem oral: aspectos considerados pelos estrangeiros como favoráveis e os desfavoráveis em sua transição. A segunda categoria identifica o conteúdo implícito, o observado mais significativo.

6.1 Natureza da leitura do corpus – temas explícitos e predominantes na linguagem oral

Esta categoria refere-se à capacidade de flexibilização do estrangeiro em seus comportamentos, costumes e valores éticos e estéticos ao transitar entre a individuação e o pertencimento.

6.1.1 Aspectos considerados favoráveis na transição

- A) País de acolhida, uma grande mãe!
- B) O valor do “berço”.
- C) A constância da sonoridade musical.
- D) O incentivo ao filho para manter o vínculo com as raízes, a cultura de origem.
- E) A língua do país (pais) do polilíngue e o valor da transição.
- F) A alimentação e as diferentes tentativas de adaptação.
- G) A saída encontrada diante do não letramento no português.
- H) Os diferentes significados do distanciamento da língua materna.

A seguir o detalhamento de cada subcategoria referida.

A) País de acolhida, uma grande mãe!

Numa linguagem explícita e objetiva, o estrangeiro identifica o Brasil como uma grande mãe por ser mais fácil criar seus filhos.

A.1) H e M são franceses; filho francês, 1 ano 4 mês. Permanência no Brasil: 4 meses.

Pq – Como foi para você o afastamento da família e dos amigos num período em que o bebê era tão pequeno?

M – *Aqui no Brasil, a gente não sente tanta falta da mãe, parece que o povo brasileiro é bem mais acostumado com bebês do que os franceses. Na França, os bebês são assim...uma coisa que tem que cuidar muito bem, pois pode dar problema. Não parece algo tão natural como aqui. Tem pequenos de 6 anos que já sabem*

pegar bebês e lidar com eles. Todo mundo tá interessado. Então...eu não sei...mas desde o início confio muito em todas as pessoas que me davam conselhos. Até a empregada... tem dois netos ...tem dois filhos. Ela é uma pessoa bem experiente. Somos diferentes no jeito de tratar bebês, mas fiquei assim...não fiquei desconfiada. Aqui não é um país que não se confia nos médicos. Eu confio no pediatra dela (L, filha). Confio muito em outras pessoas. Até não sei...sabe? Me sinto mais de acordo com a maneira de tratar os bebês aqui do que na França....Não sei se é a simpatia pelo país, mas no Brasil dá para se adaptar muito bem. Acho que se ela (L) ficar na França, ela não ia ser o mesmo bebê. Aqui ela tem mais espaço, mais sol, mais mamães também (ri).

A.2) H e M são americanos; filhas brasileiras, 4 anos e 2 anos 6 meses.

Permanência no Brasil: 6 anos.

Pq – Em relação a educar filhos como vê a educação aqui no Brasil e na tua cultura?

M – *Eu acho aqui as pessoas têm mais paciência para as crianças. Se está num restaurante, as crianças estão correndo, brincando...ninguém...sem problemas...Todo mundo ajuda. Porque eu acho que todo mundo adora crianças aqui. Eu fico mais a vontade... mais a vontade.....Aqui as crianças..... por exemplo, quando eu tava viajando sozinha para os Estados Unidos com as duas crianças...Aqui todo mundo quer ajudar... Oi, mamãe! Sozinha? Todo mundo quer ajudar...sem problemas. Quando cheguei nos Estados Unidos, as duas estavam dormindo! Tinha malas ...tudo mais. Perguntei a aeromoça pra ajudar ...Não é minha trabalho....Não precisa ajudar! Ok.*

As expressões *todo mundo*, *povo*, *todas as pessoas*, *muitas pessoas*, falam da necessidade do estrangeiro generalizar o novo grupo, vendo-o como uma grande mãe que acolhe, parecendo ser esta a estratégia encontrada para minimizar as diferenças frente à cultura do outro. Como diz a francesa: *Somos diferentes*. Se existe presença de mãe aqui, “o Brasil visto como uma grande mãe” é por contrastar com algumas faltas lá (país de origem). Tal visão exotópica aponta a conflitiva que aparece na expressão *não sei* da mãe francesa que confia, desconfiando e na marca do *não*, primeira palavra da criança no processo de separação-indivuação. Também no uso de *bem mais do que*, *mais a vontade*, *muito bem*, *mais de acordo* para preencher as faltas da língua/cultura de origem. Ao mesmo tempo, nesse enunciado, está presente algo que ultrapassa a própria cultura, pois fala da natureza humana

na relação pais-filhos. Embora o estrangeiro possa adaptar-se às limitações de sua própria cultura, não deixa de reconhecer e se identificar com um espaço afetivo para suas demandas de maternagem, mesmo com certa desconfiança e indiferenciação frente à cultura estranha.

B) O valor do “berço”.

O quarto de dormir do filho foi um espaço físico e o berço, um artefato que marcou a presença da barreira protetora da cultura familiar. O estrangeiro tentou evitar alterar a estrutura do espaço (físico e imaginário) e manter pulsando *seu berço na casa*, como uma célula identitária viva.

B.1) H brasileiro/colombiano (dois filhos filandeses do primeiro casamento) e M colombiana; filho brasileiro, 2 anos. Permanência no Brasil: 1 ano 8 meses

M - O que aconteceu foi que ele (marido) chegou depois de todo mundo ter chegado (ao Brasil) e não tinha mais nada. Ficamos sem casa. Ficamos uns seis meses. Ficamos em casa de minha sogra (brasileira). Nós morávamos lá dois meses. Na realidade ficamos dois meses. Depois o L nasceu. Fiquei mais um mês e com dois meses de idade, com dois meses.... viajamos para a Colômbia. Minha mãe, eu e o L. Minha mãe veio para me ajudar. Ficamos um mês lá e voltamos para o Brasil. Fomos direto para o hotel. Ficamos lá por cinco meses. Era muito stress. A mudança chegou naquela época. Aí finalmente o apartamento ficou pronto. Eu só arrumei o banheiro e um dos quartos (de L). Já dava para morar. Desde aí nos ajeitamos com calma, arrumamos certas coisas. A mudança chegava. ... Ele já estava com quase seis meses. Aí finalmente o L conheceu o seu berço (suspirou). Um berço de(material da Colômbia). Aí ele finalmente ele chegou aqui, teve seu quarto, o seu berço...o seu berço.

B.2) H mexicano e M francesa; filho mexicano, 4 anos; filha francesa, 1 ano 8 meses. Permanência no Brasil: 5 meses.

H - Então eu creio que eles vão a tener mais vantagens a comparação de que outros porqueo intercâmbio...eles vão estar mui preparados para mudanças....que o cultural..mundo. Essas mudanças terríveis da época.Eu teria uma possibilidade de vender minhas coisas, todas as coisas, antes de vir da França para cá. Podíamos vender tudo.ou deixar somente as coisas deles (filhos). É porque é muito importante

as coisas deles!. Amigos nos falaram para não comprar coisas novas para eles. É importante sua cama, suas coisas...como se diz souvenir?

Pq- Lembranças!

H – Sim, lembranças.

O verbo *ficar* marca a fala da colombiana: *ficar sem* é a falta, *ficar mais* vem com sentido de menos, *ficar em* localiza e *ficar finalmente* estabiliza a angústia do desenraizamento. De alguma forma *ficar* fala de enraizar em suas diferentes intensidades, assim como *o berço* fala das raízes que os estrangeiros trouxeram em sua bagagem. O desejo da mãe é projetado no filho em poder dormir, deitar em seu berço esplêndido, como nós os brasileiros, bradamos em nosso Hino Nacional.

O mexicano suporta (no sentido de suporte, apoio) as mudanças, *as mudanças terríveis da época*, apoiado na crença que impulsiona seu estilo de vida e que projeta na geração de seus filhos, *o intercâmbio... eles vão estar mui preparados*. Utiliza-se da experiência de seus iguais, oriundos da “pátria dos viajantes” como ele: é importante manter as *lembranças do berço dos filhos* e não descartá-las como prega a modernidade líquida.

O estrangeiro pode adaptar suas referências mais amplas no processo de migração, viver o pertencimento que lhe exige perdas, porém, está atento para preservar sua individuação referente a costumes e à identidade nuclear, *seu berço de origem*. Fato expresso por seu representante intergeracional, *o filho no berço*. Três sujeitos me convidaram a conhecer o quarto do filho, sendo opção da mãe colombiana realizar toda a entrevista nesse espaço.

O estético está enraizado na história e na cultura de cada povo, tirando dali seus sentidos e valores, absorvendo em si a história e a cultura, transpondo-as para outro plano axiológico (BAKHTIN, 1997a). Esse estético que amarra o navio com cordas invisíveis e que funciona como raízes nas lembranças do estrangeiro, também projeta o futuro, no filho.

C) A constância da sonoridade musical.

Constituindo parte da pele sonora que se perpetua independente do espaço e do tempo, a música contribui na manutenção da célula identitária, assim como na transição entre ritmos linguísticos (língua materna e estrangeira). A aula de música na rotina dos filhos ou na casa, algum tipo de espaço físico (com instrumento musical) ou temporal (horas dedicadas a cantar ou ouvir música com o filho) marca o ritmo musical pertencente a cada família e cultura. Estando esta subcategoria presente em 91,7% (11) das doze famílias, é necessário

reconhecer a riqueza do dado, assim como possibilitar ao leitor o contato com o enunciado do estrangeiro.

C.1) H e M são franceses; filha francesa, 1 ano 2 meses. Permanência no Brasil: 1 ano.

H – A gente gostaria que ela (filha) tivesse um sentimento musical. Se ela chora, fica nervosa, eu começo a cantar e ela fica quieta. Isso funciona muito bem. Sempre a acostumamos desde pequena a escutar música (pai toca piano, mãe canta e filha está em aula de música).

C.2) H brasileiro e M colombiana; filho brasileiro, 2anos. Permanência no Brasil: 1 ano 8 meses.

M – Eu ensino muito para ele...Músicas também. Tem CDs, muitos CDs com música em espanhol.....Ele já sabe música em português.Tem um filme na Tv que a música é em português mas ele começou a cantar em espanhol. Cantou a mesma música, no mesmo dia, em dois idiomas.

C.3) H britânico e M francesa; filha brasileira, 1 ano7 meses; filho francês, 3 anos 6 meses. Permanência no Brasil: 3 anos.

M – ..agora eles (filhos) podem fazer coisas juntos, como ir à aula de música...Ela (filha) já canta músicas, parece que a música ajudou (falar os idiomas: inglês com o pai, francês com a mãe, português na escola e com a empregada).

C.4) H e M são chilenos; filho chileno, 1ano 1mês; filha peruana, 3 anos 2 meses. Permanência no Brasil: 10 meses.

M – Eu ensinei muito música, botava música para ela (filha), cantava com ela...Eu acho que isso é genético pois eu tenho um bom ouvido, meu marido também tem bom ouvido...Ele (marido) já tocou música, aprendeu piano quando criança. Ele gosta de música. Eu tenho bom ouvido também porque falo muitos idiomas (francês, inglês, português e espanhol). Eu creio que é genético, é natural.

C.5) H e M são neozelandeses (M está grávida); filho neozeolandês, 5 anos; filho brasileiro, 2 anos. Permanência no Brasil: 2 anos e 6 meses.

M – *Eu toco violão, um pouquinho, não toco muito. Agora ele (filho mais velho) está aprendendo piano. Na escola que está, cultivam muito a música. Ele vai três vezes à escola para aprender a cantar, ele gosta muito de música. Ele já sabe as escalas em português (Quando as pesquisadoras iam se retirando a mãe lhes mostra os CDs de que gosta da música brasileira).*

C.6) H e M são uruguaiois (M viveu muito tempo no Canadá); filho brasileiro, 2 anos 7 meses; filha brasileira, 7 meses. Permanência no Brasil: 3 anos 5 meses.

Durante grande parte da entrevista os filhos estão perto da mãe escutando música infantil, sendo que o menino canta em espanhol, além de falar em inglês e português.

C.7) H e M são franceses; filha brasileira 2 anos; filho brasileiro, 1 ano. Permanência no Brasil: 2 anos.

Durante a entrevista, a mãe dá um tambor ao filho e ele se distrai por um bom tempo, exibindo suas habilidades.

M – *A música de N! Ele gosta muito de música!*

C.8) H e M são americanos; filhas brasileiras, 4 anos e 2 anos 6 meses. Permanência no Brasil: 6 anos.

A mãe prefere que as filhas tenham atividades fora da creche e da escola, entre elas a música.

C.9) H e M são franceses; filho francês, 1 ano 4 meses. Permanência no Brasil: 4 meses.

M – *Ele precisa de nós antes de dormir, ele não vai dormir sozinho. Isso eu sou um pouquinho culpada, porque ele foi um bebê que eu cantava muito....No próximo bebê não sei se vou fazer a mesma coisa. Para mim este é ainda um prazer, ele estar um pouquinho, um momento comigo....Ele escuta sempre a música Lulla by, and good night. Nós sentamos ao lado de sua cama e a música começa a tocar.*

C.10) H espanhol e M canadense; filha belga, 8 anos; filho belga, 6 anos; filha brasileira, 1 ano 4 meses. Permanência no Brasil: 2 anos.

M – *Ela (filha) canta muito, ela é uma menina que gosta muito de cantar e dançar. Canta e dança para elas (pesquisadoras)! Quando acorda, acorda cantando Parabéns a você!*

C.11) H mexicano e M francesa; filho mexicano, 4 anos; filha francesa, 1 ano 8 meses. Permanência no Brasil: 5 meses.

M – *Penso que o mais importante (para os filhos) é sua escola, a educação. Ler histórias. Por isso fomos nessa escola, pois havia várias matérias (artes/música, esportes e línguas). Era importante, ajuda na concentração para ler e escrever.*

H – *Eu fazia muitas coisas com eles (filhos) quando estávamos na França, mas quando soube que iríamos trocar de país, eu abandonei um pouco. ... Agora penso que ainda não estamos bem organizados. Não contamos histórias.. ouvimos músicas.*

A música ajuda, dizem os estrangeiros! É genética a atração por ela?! É uma aprendizagem?! Pode ser tudo isso! O importante é que todos eles acreditam ser ela organizadora, tendo relação com a língua materna e com as possibilidades da nova língua. Acreditam que ensiná-la aos filhos é deixar-lhes uma preciosa herança. Assim como falam de suas possíveis histórias transgeracionais e de uma cultura muito própria, a de ser estrangeiro, onde transitar por diferentes línguas é ter um ouvido musical. E, para expressar sua intimidade e alta valoração pela música, utilizam-se de palavras como *muito, bom, gostar e sempre*.

Além de uma coerência entre o verbal e as atitudes, uma dialogia correlata se faz presente. Nesse momento, não importa de que língua literal eles falam, existe muita intimidade nesse tipo de gênero, algo ultrapassa as fronteiras das línguas, elas podem ser diferentes, mas permanecem lado a lado, podendo uma ser olhada pela outra quando viabilizadas pela música. Os enunciados, segundo Bakhtin (1997a,b)³⁸ são plenos de tonalidades dialógicas.

A seguir a única estrangeira que não fez referência a música na rotina da casa.

H e M são cubanos; filho cubano, 5 anos; filha cubana, 1 ano 8 meses. Permanência no Brasil: 3 anos.

M trabalhava fora de casa, como secretária por 6h, período em que os filhos estavam na escola. Ela preferia fazer todo o serviço da casa a ter uma empregada que a ajudasse. O

³⁸ (tradução própria)

menino de 5 anos, identificado com o pai acha que dormir é *perder tempo*. Ele passou muito tempo chorando a falta do avô ao vir para o Brasil. A menina foi gestada no Brasil, porém, a mãe por temer o Sistema de Saúde daqui optou pelo parto em Cuba. Com 45 dias pós-parto, retornou ao Brasil.

Ambos os filhos faziam natação fora da escola. Segundo M, a filha preferia agir a falar, quando precisava de algo. Por sua vez a mãe mostrou-se extremamente agitada, falante (em tom alto) e intelectualizada, com dificuldade de escuta, o que parece justificar a atitude da filha que fala pouco. Durante a entrevista M expos seus conhecimentos e teorias, justificando-os por vir de uma família com muitos médicos.

Palavras da mãe sobre a filha:

Ela é muito independente, não precisa falar para fazer, resolve tudo sozinha. O que ela quer ela faz e pronto, depois mostra para a mãe.....Tudo o que eu sonhava quando eu fazia as coisas da casa era para ele (tempo em Cuba), mas com ela eu não tenho tempo para ela (tempo no Brasil).Ela é mais segura, tem controle melhor do que ele.

Pareceu-me serem estes adultos, predominantemente, operatórios³⁹, evidenciando certa angústia para pensar e sentir a falta e a solidão. As expressões *muito, não precisa, resolve tudo* representam intensidade e extremos não havendo espaço para flexibilizar, assim como a vivência da relação com o filho em Cuba, proximidade afetiva e com a filha, no Brasil, distanciamento. A menina, ao falar muito pouco sugere expressar a impossibilidade de o grupo entrar em contato com a sonoridade musical da própria cultura, a mãe não escuta ao Outro e nem a si própria. Por sua vez o menino de apenas 5 anos imita seu pai ao considerar o sono *uma perda de tempo*. Ele reafirma a angústia diante do silêncio nesse grupo. Para escutar música temos de silenciar. Portanto a ausência da música, neste contexto, fala de uma presença dolorosa, parece-me de uma sonoridade ligada às raízes, a cultura cubana (mãe retorna a Cuba somente para ter sua filha).

D) O incentivo ao filho para manter o vínculo com as raízes, a cultura de origem.

Com o objetivo de manter as raízes de origem dos filhos, os pais zelam pela comunicação transgeracional entre netos e avós, mantendo vivo, por vias sonoras e visuais, o apego afetivo às raízes.

³⁹ Funcionamento operatória – a mãe oferece a criança os cuidados básicos necessários mas desprovidos de afeto na relação. O comportamento é automatizado e adaptado na aparência, dificultando à criança um processo de mentalização, representação e simbolização necessários ao desenvolvimento da palavra (KREISLER, 1999).

D.1) H britânico e M francesa; filha brasileira, 1 ano 7 meses; filho francês, 3 anos 6 meses. Permanência no Brasil: 3 anos.

Pq – Você fala francês e o pai inglês com eles?!

M – *O pai fala francês como eu. É a língua que falamos juntos, francês. Mas ele (filho) sabe, deve falar... inglês com o pai e francês com a mãe. Isso muito cedo nós passamos para ele, a língua dos avós para poder se comunicar com eles quando visitam. Com minha famíliaH (marido) fala francês. Quando ficamosestamos na Inglaterra eu falo inglês com eles, mas mesmo assim...às vezes ele (filho) acha estranho quando eu falo português.*

D.2) H e M são franceses; filho francês, 1 ano 4 meses. Permanência no Brasil: 4 meses.

Pq – Como vocês se organizaram para essas etapas (Chamou minha atenção a minuciosidade do conhecimento dos pais sobre o desenvolvimento do filho.)?

M – *Nós temos muitos livros, nós temos muitos bons livros... psicologistas da França....porque minha mãe fez estudo de Psicologia. para saber o que é bom ...o que não é bom. Cada vez ela traz livros aqui.*

Os pais estão cientes do risco das “memórias enfraquecerem” com o distanciamento de suas raízes e, principalmente, aquela dos filhos. Temem por suas origens numa época de modernidade líquida, a impossibilidade de “comunicação”, dos filhos dialogarem com a *língua dos avós*. Preocupam-se em manter o canal aberto entre avós e netos para que valores éticos e estéticos sejam transmitidos. A educação (bem não material) dos filhos lhes exige uma atenção especial, utilizando expressões como *nós temos muitos... saber o que é bom e o que não é...* para compensar a falta de convivência com os avós. Este foi um destaque, um diferencial na cultura do estrangeiro diante da cultura *fast food* contemporânea.

E) A língua do país (pais) do polilíngue e o valor da transição.

A aprendizagem da língua materna do polilíngue – fala subjetiva da mãe e primeira língua (idioma) – e o letramento inclusive ocorrem paralelos a diferentes línguas e vivências culturais. As crianças e a família no corpus a seguir referido têm vivência de, no mínimo, dois idiomas simultâneos (francês e português) e no máximo três (português, inglês e francês).

E.1) H britânico e M francesa; filha brasileira, 1 ano7 meses; filho francês, 3 anos 6 meses. Permanência no Brasil: 3 anos.

Pq – Você quase não fala português com eles?

M – *Não...só com a babá mas como não vejo muito...temos uma babá algumas vezes..uuu... muitas vezes quando eu volto a babá sai as 6... ee..assim.. eles ficam mais só aqui ..eles é que falam português... eles traduzem para sua baba...(ri). Porque...ele começou assim...eles, os dois começaram...com palavras...eles escolheram uma língua para falar...por exemplo...ele começou por exemplo... ele começou em inglês Car...carro...e ela também. L'eau...por exemplo água, ele começou em Francês l'eau mas ela é bouter. Mas depois ele aprendeu outra palavra...por exemplo quando ele começou a...caí.. ele... caiu, caiu..mas ela é ...(fica pensativa) não é tombe... mas... usaa.... cassé.*

Para esses pais não há dúvida sobre a idade mais adequada de a criança aprender uma nova língua e se ela atrapalha ou não o letramento da língua materna. Portanto, nesse psiquismo em formação, cuja faixa etária predomina a primeira etapa da infância não ultrapassando a idade de oito anos, existem marcas linguísticas constitucionais diferentes do poliglota. Para os estrangeiros de nossa “viagem”, esse é um processo natural, algo impresso em seu ritmo de vida.

Certamente, o enraizamento dessas crianças ocorre muito mais ligado aos pais do que ao país em que nasceram, pois o tempo/espço que ali permanecem é efêmero. O apego entre pais e filhos deverá ser seguro, para tempo e espço serem transitórios. As estratégias e os caminhos opcionais da criança se comunicar ratificam a ideia de Bakhtin e Volochinov (1999) quando diz ser o sentido da palavra totalmente determinado pelo contexto. Os pais estrangeiros reconhecem a transição linguística do filho ao valorizar os esforços de tradução do pequeno ser e as saídas por este encontradas. A eles importa mais desenvolver a capacidade de transmitir, especialmente, valores adequados aos filhos, do que o uso correto da palavra traduzida e coerente com o idioma. Eles valorizam a capacidade/autonomia de os pequenos traduzirem e, como consequência, em momento posterior, a correta tradução.

O fato de esta mãe francesa falar pouco o português com os filhos não a impede de entendê-los e aceitar que eles falem a língua que quiserem (inclusive diferentes significados e sentidos numa mesma língua), assim como é perceptível seu empenho em se traduzir (colocar-se no meu lugar) o que quer comunicar, dando *exemplos* (expressão usada cinco vezes no enunciado). Deixar os filhos encontrarem estratégias para se comunicar com a babá

brasileira vem acompanhado de uma experiência (sua) que reconhece o lugar de empenho e o esforço que é comunicar-se em um país estrangeiro, mas nada que não possa ser superado (risos). O uso do verbo *começar* (referido seis vezes) fala de tempo e parece expressar a consciência dessa mãe sobre o momento/espço dos filhos na aquisição de uma nova língua. Tempo necessário para negociações entre línguas anteriores e a nova língua.

E.2) H brasileiro (dois filhos filandeses do primeiro casamento) e M colombiana; filho brasileiro, 2 anos. Permanência no Brasil: 1 ano 8 meses.

Pq – Quanto a conversar com ele (filho) vocês falam em que língua?

M – *Às vezes eu falo com ele em português. Às vezes... mas é porqueeu já percebi que é porque eu quero que a babá saiba o que eu estou falando pra ele....Para eu falar as coisas pra ele, eu quero que a babá entenda o que eu quero transmitir para ele. Então eu pego e falo o português pra ele primeiro. Mas... quando estamos sozinhos eu sempre falo o espanhol pra ele. O R (pai) sempre fala português. Ele nunca fala espanhol pra ele. Nuncaaaa, nunca, nunca.*

Pq – Isso é algo que vocês decidiram ou aconteceu naturalmente?

M – *Não, foi...foi natural. É porque eu não falo português muito bem ...(ri)...Não posso ensinar uma língua que não é minha. Só para a babá ou às vezes eu esqueço e falo alguma coisa em português para ele. Mas, não, geralmente sempre port..sempre espanhol.*

Pq – E ele (filho) como fala com vocês? Em espanhol ou em português?

M – *O R (pai)?*

Pq – Não, o L (filho). Como ele faz?

M – *Ele fala muito português. Tem palavras que já ficaram na cabeça dele em espanhol...chuco, chupeta, tetê, mamadeira....que é as palavras da mãe (ri). Sempre ficaram em espanhol na cabeça dele, nunca mais falou chupeta e mamadeira.*

Pq – Entre vocês os dois.....

M – *A gente mistura sim. O L (filho) fala muito português comigo. Às vezes algumas palavras em espanhol. Mas...assim...a gente viaja ...quando viajo pra Colômbia três dias depois ele já fala só o espanhol. Ele chega aqui e continua falando o espanhol. A babá fica doida...Ela fala: não estou entendendo nada o que o L tá falando...mas outros três dias aterriza de novo.*

[...]

As primeiras palavras..... foi com um ano e pouquinho....é com um ano e pouco ele começou a falar as primeiras palavras. A primeira foi mamãe...foi mama...foi mama. depois papa. Depois começou a chamar a gente de mamãe e papai. Aí a gente viajou ...pra Colômbia na última vez e ele começo a chamar mami e papi. Ficou na cabeça dele só mami e papi. Nunca mais chamou a gente de mamãe e papai, muuito raramente, ele fala mamãe e papai. Mas quando ele ta bravo, quem presta atenção ele fala: A (nome da mãe) e R (nome do pai). (ri) Não faço ideia quem ensinou isso pra ele,,porque a babá não foi. Acho que o R (marido) me chama de A.

A mãe colombiana parece muito sensível à sonoridade/sentido do filho, principalmente àquela que o reporta às figuras de origem, parentais. (Ela é uma das mães que mais se reporta, nas entrevistas, a suas próprias figuras parentais, deixadas na Colômbia.). Assim como orgulhar-se das palavras do filho associadas à figura e a língua materna, marca a narrativa dessa estrangeira: *Tem palavras que já ficaram na cabeça dele em espanhol...chuco, chupeta, tetê, mamadeira....que é as palavras da mãe (ri)*. Por outro lado também se percebe um ressentimento com o marido brasileiro por este não falar em espanhol – língua da mãe – com o filho: *Nuncaaaa, nunca, nunca*. As transições linguísticas da criança, respeitando seu tempo interno para as negociações se faz presente, assim como a valorização da mãe em item já mencionado: a constância da música na vida do estrangeiro.

Outros aspectos a considerar são as expressões: *a gente*, que parece não só substituir o nós e o sentido de família, mas *misturar* o parceiro brasileiro e o filho brasileiro a essa mãe estrangeira, gerando *um casco* (embarcação) que suporte as diferenças e as transições entre os idiomas. Ainda referido a *misturar-se*, o ato falho da mãe expressa o conflito individuação X pertencimento quando é traída por seu inconsciente vindo à tona a força da língua brasileira, filho, marido e contexto atual: *Mas, não, geralmente, sempre port..sempre espanhol*. Ou ainda: *A primeira foi mamãe...foi mama..* Existe também uma parte consciente desse misturar-se: – *A gente mistura sim*. As expressões *às vezes, nunca e sempre*, reportam à intensidade e ao tempo, marcando o ritmo da transição linguística na interação entre pais/filho e entre língua materna/língua estrangeira.

F) A alimentação e as diferentes tentativas de adaptação.

Percebe-se que cada subgrupo (família) utiliza-se de diferentes estratégias para viver a mudança dos registros afetivos marcados na memória gustativa, ligados à terra de origem.

F.1) H mexicano e M francesa; filho mexicano, 4 anos; filha francesa, 1 ano 8 meses. Permanência no Brasil: 5 meses.

M – *Muitos franceses têm suas famílias, ficam com seus irmãos, papas. É muito bonito também aproveitar a cultura.*

H – *É muito rico, mas, por exemplo o irmão dela jamais na vida ela podia fazer o que nós fazemos aqui porque ele necessita de...uma marca precisa de café. Mesmo, às vezes, quando morávamos na França eles vinhamminha irmã está casada com seu irmão. Ele vive perto da Espanha. Eles vêm passar uns dias e eu tenho que comprar o café de sua marca, a manteiga da mesma marca porque não cambiam. Isso é horrível!*

M – *Mas a perfeição não existe. Eles têm muitas tradições em sua família. Comem na mesma hora, e isso também é bom! Eles dão a suas filhas uma vida muito estável. Eles sabem de tudo o que tem de fazer em sua família. Penso que nós vivemos perdidos nessas coisas. Comemos a qualquer hora.*

[...]segunda entrevista

H – *Muitas mudanças, mas não podemos ficar (país de origem) porque temos condições muito boas (outros países) e sabemos que estamos se lançando e também sabemos que estamos construindo por eles (filhos). Ao mesmo tempo que trocamos muito, mudamos muito, sabemos que estamos fazendo para eles...*

M – *É muito difícil, mas muito rico, talvez mais que ficar sempre na França.*

Às vezes, o conflito individuação (antigo) X pertencimento (novo) aparece entre o grupo estrangeiro e o nativo, mas em outras situações, como acima referido, se faz presente no mesmo subgrupo. “Novos alimentos” são representados pelo homem e as raízes, alimentos da cultura de origem, pela mulher. Essa tentativa de equilíbrio é muito comum nos casais, embora, afetivamente, cada um possa também estar vivendo, aquilo que só o outro pode falar.

Na segunda entrevista se percebe como os sujeitos dão espaço para falar sobre a parte até o momento negada dentro de si, cada um explicita a ambivalência presente no conflito individuação X pertencimento. O homem é quem insistiu nas vantagens da migração e à mulher coube a frustração (culpa pela satisfação que ela também se sentia responsável). Nesse caso foi ela quem motivou a migração, por ser funcionária da Embaixada, enquanto ele estava desempregado no Brasil, até o momento da entrevista.

A palavra *muito* parece vir acompanhado de um sentimento extremado e, *também e talvez*, de uma tentativa de negociação mais intrapessoal do que interpessoal, um conflito

“alimentar” que se desorganizou e que os estrangeiros tentavam reorganizar com suas defesas psíquicas. Entre as estratégias encontradas para lidar com o conflito gerado na transição de “se alimentarem” com a nova cultura, identifico a tentativa de verem na geração dos filhos, a riqueza da experiência de migrar.

F.2) H e M são neozelandeses (mãe está grávida); filho neozelandes, 5 anos; filho brasileiro, 2 anos. Permanência no Brasil: 2 anos 6 meses.

Pq – Quanto à alimentação, como foi a adaptação de vocês?

M – *Ah!... De dia nós comemos...comemos comida da Neozelandia. Nós temos uma empregada que vem cozinhar duas vezes por semana (comida neozelandesa). Não almoçamos comida brasileira. Não comemos feijão....comemos pão no almoço. Eu cozinho comida para todos. O jantar é mais importante.*

Encontrar uma cozinheira que soubesse os costumes da cultura da família foi um dos meios para o “alimento” oferecido e reconhecido na terra-mãe, fazer a manutenção do período de transição da família neozeolandeza. Transição não só como estrangeira, mas também como grávida do terceiro filho, o segundo brasileiro. O jantar, sendo a refeição mais importante, cabe à própria neozeolandeza cozinhar para a família.

O contraste das culturas, no caso, o conflito, aparece na afirmativa e na negativa que se alternam, como uma dialogicidade, intrapessoal, entre as diferentes formas de “alimentação”.

G) A saída encontrada diante do não letramento no português.

Os encontros semanais tanto no *Play Group*, iniciativa da estrangeira americana, quanto no Clube das Mulheres Americanas foram considerados fundamentais para as dúvidas e as inseguranças das mães estrangeiras. Ao mesmo tempo em que os filhos interagiam/brincavam em diferentes línguas, elas trocavam informações numa linguagem muito própria (pediatras, remédios, babás, utensílios e comidas para bebês, entre outros) e se ajudavam diante do país (língua e costumes) estranho.

G.1) H e M são uruguayos; filho brasileiro, 2 anos 7 meses; filha brasileira, 7 meses. Permanência no Brasil: 3 anos 5 meses.

Pq – Existe alguma instituição a que vocês estão vinculados? O que deu apoio a vocês aqui no Brasil?

M – *Ah!..Tu sabe....uma coisa que...que... iniciou tudo..... é a....uma coisa que chama-se Clube de Mulheres Americanas....que não é um espaço assim.....de Clube. É um clube sem ser um clube mesmo...é um exemplo de clube, é um grupo de mulheres que se juntam uma vez ao...ao mês...*

Pq – *É o que a N (mulher de diplomata e conhecida de M) já foi?!*

M – *Não.... é um outro grupo, que oferece outras coisas, entre elas esse Play Group... uma vez por semana.Também tem tênis, tem yoga...um monte de coisas que não tem nada a ver com o grupo (Play Group). Convidam ao mês para falar, por exemplo...arte brasileira, jovens. Eu não... (ri) eu não tenho muito tempo de ir... (Play Group). Quando...na primeira terça-feira...mas na maioria dos casos para nós que temos pequeninhos foi um lugar de encontro, mas a gente não se vê mais...Quase não...não, ninguém temos mais tempo de ir..Então para nós é mais o de sexta-feira agora é bastante religioso, mais do que o de terça. E começou com um grupo de apoio entre nós..... Ouvir falar do que eles estavam vivendo e....ao mesmo tempo interessante porque... eu achei que tinha muito mais a ver com essas mulheres (do grupo) do que com as brasileiras porque aqui minha vizinha ela tem.. tem.. tem empregada...tem cozinheira.... tem babás....então as pessoas que estão lá não são.....então...entendeu? Quando eu vou para o parquinho com o B, por exemplo é um monte de babás e eu. Então a gente começa a se sentir ...é muito diferente ...Será que estou fazendo algo errado? Mas parece que aqui é bom... Aqui tem isso, tem muita mulher que trabalha! Por isso dá mais vontade de ir lá. São de países diferentes. ... Às vezes, de muito longe.....até devido à língua dá mais vontade pois cresci no Canadá... No grupo tinha africanos...tinham neozelandezas, libaneses. Então ...me senti muito bem com eles. Faz mais ou menos dois anos faz mais ou menos o tempo que eu tive o B....*

A história de vida dessa estrangeira, com muitas experiências de trânsito em outros países, principalmente Canadá e Japão, devido a seu pai ter sido diplomata, foi mais forte do que a proximidade cultural e geográfica do Uruguai, seu país de origem, com o Brasil. Ela se identifica com os países considerados distantes, fala a mesma língua que eles (experiências de trânsito iguais às dela), ela se desenvolveu falando essa língua estrangeira.

O início da resposta marcada por *nãos* e a impossibilidade de denominar expressa na palavra *coisa e monte* – *outras coisas, um monte de coisas, um monte de babás* – e a expressão *algo errado*, localiza uma zona de conflito com dois grupos: o abandono do *Play*

Group e o não pertencimento ao grupo de mulheres brasileiras, mães que trabalham fora de casa.

Portanto, no enunciado aparece o conflito frente as diferenças de gêneros: mulheres que trabalham e não trabalham e a tendência a se identificar com as mulheres que falam a estrangeiridade. O sentir-se estranha surge, assim como a capacidade de buscar outro grupo, que fale sua língua, não necessariamente o inglês, mas um gênero que ela domine e mais afim com sua identidade.

G.2) H mexicano e M francesa; filho mexicano, 4 anos; filha francesa, 1 ano 8 meses. Permanência no Brasil: 5 meses

H – Para nós ..para V (esposa) foi muito mais difícil que para mim, porque ela é francesa e eu sou mexicano e a cultura brasileira é mais perto da mexicana. Então eu sinto como se meu país fosse aqui, mas pra ela foi ainda um pouquinho mais difícil o idioma também, ainda que ela fala muito bem o espanhol.

[...]

Chegamos todos...não conhecíamos as marcas... os produtos. O que é isso? Que compro? Muda tudo incrivelmente! Mas depois... pouco a pouco.. se vai...eu vou apropriando-me dos lugares e da gente. Depois fica muito mais fácil. É um pouco difícil, pois não tínhamos família aqui, então, às vezes, falta família.

Percebe-se que, embora, intelectualmente, o mexicano identifique proximidade com o Brasil, o estranhamento afetivo e cognitivo pelo não letramento na língua estrangeira se faz presente na hora de atender as demandas mais básicas do dia a dia da família. O conflito de início negado e projetado na esposa, aparece diante das prateleiras dos supermercados mas a memória vem salvá-lo da solidão nestas horas. É na falta que a família distante o salva. Mas a falta de trabalho, a falta de um gênero que ele domine torna-se muito bem definido na segunda entrevista.

Tanto a uruguaia e o mexicano quanto outros estrangeiros, foram dando prioridade a novos grupos, devido, possivelmente, às faltas básicas decorrentes do não letramento terem sido minimizadas com o tempo e com a ajuda do *Play Group*. Mas todos foram unânimes em serem reconhecidos a este. O momento de ter outras prioridades, de nova fase de adaptação ao país estranho é expresso pela idealizadora americana ao passar a coordenação à outra estrangeira no período das entrevistas. O que foi percebido por mim como outra perda,

revivência do período de separação/individuação, desta estrangeira que vivia a 6 anos no Brasil.

H) Os diferentes significados do distanciamento da língua materna.

O distanciamento da língua materna e das origens teve diferentes significados como pode ser visto a seguir. Entendo ser a resultante de um espaço/momento intrasubjetivo (eu-eu), intersubjetivo (eu-outro) e transubjetivo (eu-sociedade/cultura).

H.1) H brasileiro (dois filhos filandeses do primeiro casamento) e M colombiana; filho brasileiro, 2 anos. Permanência no Brasil: 1 ano 8 meses.

Pq – (Após a pesquisadora fazer um fechamento à segunda entrevista, agradecendo a contribuição aos estudos sobre as diferenças entre criar um filho num país estrangeiro e no país de origem, a mãe colombiana se identifica com sua questão subjetiva e reabre a entrevista retomando a questão que abordara em outro momento (divergência com a própria mãe).

M – *Isso eu sou muito consciente. Eu não sei se eu seria a mesma com a ajuda da minha mãe. Porque mais ...ela se intromete muito. Tive uma discussão com minha mãe há três viagens atrás.. com minha mãe... eu falei: Você é avó, mas Foi até muito forte sabe? Você é avó mas eu sou a mãe. Eu também....é assim... não sei... é uma escola que a gente não precisa fazer só quando um filho nasce a gente pega o jeito de como é. Minha mãe gostaria que eu não fosse tão dura com ele (filho). Deixei ele chorar pra dormir.....Mas são coisas que já....ele já....Eu falei: não sofre.. não, não sofre...ele tá fazendo birra só porque sabe que você está aqui para tirá-lo da cama. Comigo ele não faz esse show. Por isto a gente terminou em discussão. Então eu não sei se eu seria a mesma mãe aqui que lá com ela perto.*

[...]

Por isso acho muito interessante essa... pesquisa de vocês. Muito, muito...eu sinto mesmo..sinto muitas coisas diferentes estando aqui.

Possivelmente, esse era um momento de grande conflito: deixar de ser filha de seus pais e passar a ser mãe de seu filho no mesmo período de vida em que se desenraizava de sua própria “pele” sonora, olfativa, visual, tátil e gustativa de origem, a Colômbia.

Iniciar e encerrar a resposta à pesquisadora com a expressão *eu não sei se eu seria a mesma mãe* e o intervalo entre as etapas preenchido por *minha mãe* e tentativas de

diferenciação e sofrimento (*não sofre... não, não sofre*) entre filha e mãe, vai desvendando uma paisagem muito própria deste psiquismo que sofre pela separação-individação. Ao mesmo tempo reconhece sua necessidade de ver através de outras escotilhas a viagem que tem pela frente.

H.2) H e M são uruguaios; filho brasileiro, 2 anos 7 meses; filha brasileira, 7 meses. Permanência no Brasil: 3 anos 5 meses.

Pq – Qual o motivo trouxe vocês ao Brasil?

M – *Pelo trabalho de meu marido. Ele trabalha na Embaixada. Nosso período é de cinco anos. É bom porque o primeiro ano você fica mais....se adaptando e o último já pensando em voltar. (ri)*

[...]

Pq – Vocês já viveram em outros países?

M – *Eu já tinha ficado porque meu pai é diplomata.*

[...]

Então eu cresci mais ou menos assim...mas pro H (marido) é a primeira vez, mas ele gosta muito de seu trabalho e pra nós estarmos no Brasil é....para o Uruguai é muito importante...E também para ele (marido). Minha família é que é um pouco espalhada, mas para ele todo mundo tá no Uruguai.

[...]

Ficar não tão longe é muito lindo....porque agora a gente está com os meninos....poder compartilhar com eles, com o resto da família...é muito lindo.

A ambivalência entre proximidade e distanciamento das origens é notada na vida dessa uruguaia de direito e de diferentes mundos de fato, apego afetivo. Ao vincular-se a um diplomata o caminho foi traçado por muitos trânsitos e dores pela *família espalhada*. Algo já conhecido embora com suas dores e, algo desconhecido, embora sonhado: *poder compartilhar com eles (filhos, pais e netos), com o resto da família...é muito lindo*.

Portanto, o distanciamento da língua materna e das origens foi para alguns estrangeiros, uma tentativa de, ao distanciar-se da influência parental, autoafirmar sua identidade enquanto pessoa, uma tentativa de se tornarem pais de seus filhos e “deixarem de ser filhos de seus pais”. Para outros, foi dar continuidade a uma identidade naturalmente definida em gerações anteriores de *diplomatas* (vidas reconhecidas identitariamente por chegadas e saídas). Mas, para todos, foi marcante a expectativa de uma vida mais rica em

termos de valores humanos, para si e seus filhos. Sendo a experiência de estrangeiridade um esforço afetivo, com momentos de dor e angústia em que se descobriram na caminhada mais competentes (fato evidenciado nos filhos com desenvolvimento autorregulatório, considerado de normal a acima da média) para lidar com as adversidades presentes e futuras de um mundo em constante transformação.

6.1.2 Aspectos considerados desfavoráveis na transição

- A) A dificuldade de transitar a pé.
- B) A noite e as dificuldades de adormecer.

A) A dificuldade de transitar a pé!

O contato direto, *o colocar os pés na terra estranha*, foi uma das queixas do estrangeiro, principalmente, aos finais de semana quando a mente grupal (família/cultura) identitária estava reunida e desejava transitar no novo mundo, para conhecê-lo.

A.1) H e M são chilenos; filho chileno, 1 ano 1 mês; filha peruana, 3 anos 2 meses. Permanência no Brasil: 10 meses.

Pq: Como foi para você a chegada ao Brasil? Como é viver aqui?

M: *Chegar aqui? Foi difícil. Foi difícil porque Brasília é uma cidade bem particular, Brasília é particular. É uma cidade assim como ... não tem vida na cidade, não é uma cidade normal onde é tudo aqui... aqui... aqui... aqui final de semana não havia nada no Setor Comercial. Andar com carrinho, com N(filho), é difícil para mim caminhar nas ruas, não tem muitas calçadas não tem onde caminhar, não há onde caminhar é tudo com carro...carro...carro. Foi um pouco difícil nessa parte e para S (filha) também não sabia aonde ir, aonde levá-la. Não tínhamos carro no princípio, não tem praças com brinquedos, não há brinquedos perto do Setor Comercial. ... e também para mim foi difícil.*

A.2) H mexicano e M francesa; filho mexicano, 4 anos; filha francesa, 1 ano 8 meses. Permanência no Brasil: 5 meses.

Pq – Vocês já têm um grupo de amigos?

H – *El Brasília é um pouquinho especial. Brasília é bonita e tal, mas falta alma. No hay contato, vocêno hay contato com la gente. Você pega seu carrosomente os shopings. É muito frio.*

O espaço físico amplo de Brasília parece ter contribuído, enquanto traço identitário, na transição do estrangeiro. Por um lado ele sentia-se satisfeito com a casa espaçosa e ensolarada, por outro confinando a um espaço sem contato com outros mundos, o oposto de suas vivências com grupos anteriores.

O *não, no hay, a falta, o frio, foi difícil* foram expressões encontradas na língua estrangeira, para falar das diferenças, das estranhezas e do desconforto da transição. Esta última é marcada pela oscilação do tempo verbal entre o presente e o pretérito perfeito, o próprio trânsito que exclui a parada como diz Kristeva ao caracterizar o estrangeiro.

Cabe destacar não somente “o quê” foi dito, mas “o como”, pois algumas expressões, pausas e repetições evidenciaram, claramente, o receio de falar sobre suas queixas, o estranhamento do novo, frente ao outro (pesquisador “nativo”): “Brasília é um pouquinho especial. Brasília é bonita e tal, mas falta alma. Brasília é particular. É uma cidade assim como ...não tem vida na cidade, não é uma cidade normal onde é tudo aqui... aqui... aqui... aqui [..]”

B) A noite e as dificuldades de adormecer!

Foi esse tema a expressão de maior do conflito com o país de acolhida. O estranho, o sinistro na concepção freudiana, ocorre. No silêncio das vozes e dos barulhos do dia, ecoam *as outras vozes e os outros silêncios* da mente e do coração humano. Foram muitas as queixas das noites mal dormidas no país do estranhamento, 58% dos casos passaram, ou estavam passando, por períodos de grande insônia “com seus filhos”.

B.1) H e M são franceses; filho francês, 1 ano 4 meses. Permanência no Brasil: 4 meses.

Pq – Como foi a adaptação de vocês ao Brasil?

M – *Mais fácil que na França. Pro bebê?*

Pq – Para vocês... com o bebê?

M – *Em Brasil tem muito cachorro...em todo o lado. Ele (filho) se acordou muito, muito à noite. Na França não tem cachorro. Aqui sim, foi um problema. Mas para*

viver com criança é muito bom país. ..temos uma qualidade de vida muito boa aqui, muito espaço.

[...]

A adaptação foi difícil para todo o mundo. Foi mais difícil ...cada vez que trocamos de lugar...porque a casa de nossos amigos (primeira residência) ...eles não tem criança...a casa não foi adaptada para crianças...tudo foi perigoso. [...] Não tivemos carro...sempre em casa! Muito difícil!. Foi muito perigoso! N (filho) não podia dormir porque cachorros latiam. Nós não podíamos andar no condomínio porque sempre o cachorro latia. Um mês e meio muito difícil para nós.

[...]

Ele (filho) dorme fácil depois do almoço...uma hora e meia, duas horas...depende. a noite é difícil. [...] Ele se acorda às três e trintafaz um mês ...sempre acorda às três e trinta e dorme depois das quatro até às oito. Tem muita dificuldade... não sei por quê. Quando eu for à França sempre...sempre..em junho, vou consultar um homeopata. Porque nós não podemos continuar assim. Não sei por quê?..... Talvez tenha medo de dormir.

A primeira resposta da mãe foi *mais fácil*, mas logo ela inclui ou exclui o bebê em sua mente, passando a trazer as dificuldades e a esclarecer aquilo a que ela teria referido como *mais fácil*. Percebem-se os medos no silêncio da noite em Brasília.

A saudade e a solidão do estrangeiro aparecem, levando a mãe a acionar seu bebê. Ambos, mãe e filho, somente se acalmam quando juntos e a primeira cantando para o filho e, para si própria.

M – *Ele precisa de nós antes de dormir, ele não vai dormir sozinho. Isso eu sou um pouquinho culpada, porque ele foi um bebê que eu cantava muito..... Para mim este é ainda um prazer, ele estar um pouquinho, um momento comigo....Ele escuta sempre a música Lulu by, and good night. Nós sentamos ao lado de sua cama e a música começa a tocar.*

Quem canta para quem nessa hora? Quem embala quem? Esse foi um dos momentos em que me deparei em conflito: pesquisadora e psicanalista pais-bebê. As perguntas estavam no ar! A mãe demandava! Tinha de silenciar minha ajuda profissional.

A “insônia” do bebê não era mais devida aos “cachorros” (que “não existiam” na França). A família já estava em novo bairro. A mãe não entendia o que ocorria até porque era somente à noite a insônia do filho, sem motivo aparente. Ao mesmo tempo, ela, em outro momento, percebia o filho muito independente e autônomo em suas tarefas, mas precisava dos pais para dormir. “Ele não dormia sozinho!” Ela própria *se reconhecia culpada*, envergonhada em admitir o prazer que eram para ela as insônias do bebê: *ele estar um pouco com ela, um momento com ela*. Importa assinalar que essa mãe passava o dia com seu filho.

Recorrer à “homeopatia francesa” foi a solução para a acalmia da estrangeiridade e, possivelmente, o bebê irá acalmar-se, após a mãe minimizar *suas saudades* da mãe terra.

B.2) H e M são americanos; filhas brasileiras, 4 anos e 2 anos 6 meses.

Permanência no Brasil: 6 anos.

Pq – Que aspectos você acha melhor na sua cultura para educar os filhos?

M – Ah! ...*Eu acho que crianças aqui no dorme muito bastante... Acho que fica até onze horas da noite e...no dormem.... Acho que crianças precisa dormir muito....mas...acho que comida aqui é melhor ...é mais saudável, mais natural. Elas comem muito melhor aqui.*

[...]

Ela (a filha menor) não quer dormir..não quer deitar. Chora. Só quer dormir na cadeira..É muito difícil..

Ela non gosta...non quer parar..

Non sei se ela estava acostumada a acordar ou se ela é uma pessoa ativa.

Sempre está rindo....mas só chora para deitar.

[...]

Tinha um livro...se vocês quiser ler...dos Estados Unidos..Como você fazer o bebê dormir a noite inteira.

Só para contribuir à análise contextualizada: esta mãe está há 6 anos no Brasil, era professora de inglês em uma escola americana de Brasília mas deixou o trabalho com a chegada da primeira filha. Viveu momentos muito difíceis quanto a saúde dessa última, hoje com 4 anos. Durante dois anos e meio passou noites em claro cuidando dela porque nasceu prematura e com problemas de má formação gastrointestinal. A segunda filha desde os dois meses teve refluxo intenso. Até hoje tem dificuldade para dormir, resiste e é difícil dormir totalmente deitada, hábito adquirido desde os dois meses. Quando a mãe não está em casa, alguma tarde, ela dorme bem.

A mãe identificar a filha insone com o “pouco dormir” das crianças brasileiras parece compreensível, tendo em vista as vivências acima relatadas. O *estranho* na filha à cultura americana é identificado como não saudável – alguns dos hábitos brasileiros.

Isso é associado ao fato de, na minha percepção – inegável registrar enquanto psicanalista – notara, no momento da entrevista, certa tristeza nessa mãe, principalmente ao falar de seu desligamento do *Play Group* enquanto coordenadora e participante. Faz parte da tristeza do sentimento de perda/separação o *muito dormir*. As crianças, filhas de mães depressivas, frequentemente, são agitadas dia e noite, para resgatar a tonalidade da voz e o comportamento natural de suas mães deprimidas. Na segunda entrevista, a mãe tinha dormido mal a noite, estava com problemas respiratórios. Fez questão de nos aguardar com dois álbuns de fotografia das filhas desde a gestação, bolinhos de queijo e suco.

Em paralelo se percebe o quanto ela, rapidamente, utiliza o *mas*, negociando o mal-estar, ao trazer os “alimentos mais saudáveis” que o país de acolhida lhe proporciona. Assim como tenta resolver o “mau hábito brasileiro” da filha, resgatando sua cultura com o livro Americano.

6.2 Natureza da leitura do corpus – análise do conteúdo implícito, o observado mais significativo

Esta categoria entendo ser dedicada a tradução, uma das formas, por mim considerada, mais expressiva dos traços idetitários do estrangeiro.

A) É na alternância do ritmo continuidade/descontinuidade entre a língua materna e a língua estrangeira que os conflito individuação X pertencimento encontra um continente para sua acalmia. A presença do ou dos filhos nas entrevistas possibilitou à mãe, ao mesmo tempo, envolver-se com sua *língua traduzida* no diálogo com a pesquisadora e se voltar para outro diálogo, de mãe-filho em sua língua materna, retornando logo a seguir para a fala estrangeira. Em certos momentos, na residência, eram muitas vozes, literalmente, ocorrendo, simultaneamente, na entrevista.

B) A História de Vida Oral mobiliza sentimentos arraigados às origens, à língua materna, aqui no sentido de língua da mãe, diferente de outros temas de pesquisa. Cria-se, inevitavelmente, um espaço de reflexão, de recordações boas e dolorosas que devem ser *traduzidas*, naquele momento, para uma língua estrangeira. Isto nem sempre é fácil, pois se sabe que, na hora de fortes emoções, espontaneamente fala-se na língua materna.

C) As pausas na tradução e o constrangimento em não ser fluente na língua estrangeira aparecem num ruidoso silêncio que enaltecia a *palavra silenciada/traduzida* aos poucos e com empenho. Na maioria das vezes, o silêncio vinha acompanhado de constrangimento, pode-se dizer quase culpa diante da língua estrangeira/ pesquisadora.

D) O tempo de permanência no Brasil não teve uma relação diretamente proporcional com a *desenvoltura na tradução* língua materna para a língua estrangeira. O desprendimento na tradução esteve, nesse grupo, mais associado a questões subjetivas, aspectos de personalidade do que ao tempo de permanência. A americana, com maior tempo de permanência no Brasil, 6 anos, idealizadora e coordenadora do *Play Group* foi quem apresentou maior dificuldade em distanciar-se da língua materna e aproximar-se, fluir na língua estrangeira.

E) Falar de si através dos filhos, isto é, falar de seus representantes intergeracionais, possivelmente, influenciou a acolhida calorosa à pesquisadora. Narrar diretamente sobre seus filhos e indiretamente sobre suas próprias histórias. Portanto, narraram sobre serem pais de seus filhos e de serem filhos de seus pais, de sua pátria e cultura. Esse fato pôde ser também constatado no item a seguir, quando foi realizada a devolução dos resultados.

F) O desejo do estrangeiro de uma cópia do vídeo das entrevistas individuais veio compensar a insatisfação diante dos resultados (*tradução*) coletivos e não subjetivos relacionados aos filhos e a eles enquanto pais. O pedido foi aceito como um modo de valorizar e, portanto, narcisizar o grupo diante das vivências com a falta de *re-conhecimento* (perdas identitárias), muito próprias no processo de migração. Evidenciou-se a necessidade natural de o estrangeiro *ser visto/ser traduzido* e se *re-conhecer* (conhecer-se de novo), principalmente, num país que não é o seu. O fato reforçou o sentido de enunciado e a questão cronotópica: ambas as partes da dialogia (pesquisador/pesquisado) têm demandas emergentes que, por certo, se diferem, ocorrendo a possibilidade de sincronia num terceiro momento.

Diante do compromisso com os estrangeiros e com aqueles profissionais mobilizados por questões relativas a essa realidade do mundo pós-moderno, a seguir será apresentada uma síntese sobre a escuta que possibilitou, no microkairos da vida, delinear o traço de linguagem que configura a peculiaridade da identidade do grupo pesquisado.

A seguir, convido o parceiro de viagem a uma visão panorâmica dos resultados.

7 A VISTA PANORÂMICA DA PROA

“Assinar é iluminar e validar o pensamento com aquilo que somente do meu lugar pode-se ver ou dizer” (AMORIN, 2009, p.22-25).

Como iniciar a interpretação síntese do corpus após a ampliação da consciência dos resultados e do ato de traduzir? Acreditando nas entrelinhas, no hiato, na própria incompletude, na *différance* presente na tradução, atrevo-me a ambicionar uma síntese integradora dessa viagem sonora (palavra oral) e visual (palavra escrita). Antes, porém, existe uma pergunta que não quer calar, embora tenha realizado tentativas de respondê-la no desenrolar da escrita da tese: por que esse interesse pelo processo do estrangeiro, que persiste e me acompanha ultrapassando tempo e espaço?

Agora, somente agora, após tantos anos de doutorado me questionando, tenho melhores condições de afirmar o que despertou meu desejo de adentrar o mundo do estrangeiro: o contraste de valores éticos que se delineiam na figura e fundo e se redimensionam entre o ser nativo e o ser estranho. A flexibilidade egoica ao transitar em diferentes espaços/línguas; os recursos e estratégias utilizados para lidar com a transição, a transgressão, a translíngua e outros tantos “trans”, transmitem uma riqueza ímpar, que me encantam, despertam meu olhar e escuta sobre o “ser estrangeiro”.

Essa visão telescópica sobre diferentes ângulos foi um elo e hoje o *re-conheço* em sua rica dimensão. Antes era apenas a pulsão epistemofílica e a escopofílica sendo anunciadas por uma inquietação interna. Hoje, o “o quê” dialogizando com a metalinguística foi localizado, denominado, *re-conhecido*, simbolizado e externalizado pela palavra!

Existe um tempo e um lugar interligados que definem o ser estrangeiro, diferenciando-o tanto do ser nativo quanto do próprio imigrante. Nesse tempo e lugar é que as coisas acontecem! No primeiro momento, sinto a necessidade de contextualizar o leitor, meu parceiro de viagem a partir de minhas referências sobre a contemporaneidade, estando esta delimitada pelo foco de interesse em questão. Discorrer sobre o contexto e a época de onde enuncio para dar um significado e um sentido ao ato de colocar minhas concepções em palavras torna-se necessário em respeito a todo aquele que entrar em contato com essa tese.

Início pelo sociólogo Bauman (2007), ao dizer que a época é do descartável, da modernidade e do amor líquido. A experiência de deslocamento, de estar total ou parcialmente deslocado em toda parte e não estar totalmente em lugar algum, faz parte da

atualidade. Isto é reforçado pelo filósofo Lipovetsky (2005) ao falar sobre a modernidade: existe a retração do tempo social e individual, existe o imediatismo do aqui e agora como valor em si próprio.

Considerando a unidade tempo/espaço dotada de valor, Bakhtin (1997b) escreveu com sua visão *exotópica sobre o sujeito* na década de 1920: esse era um ser em crise e a “crise contemporânea era a crise do ato ético contemporâneo”, crise do ato enquanto movimento do pensamento, o seu vir-a-ser. Amorim entende que a crise do século XXI se diferencia da acima referida por rejeitar toda e qualquer filosofia moral: “Uma filosofia da vida somente pode ser uma filosofia moral” (BAKHTIN, 1997b, p.63).

Para a psicanalista Lisondo (2004), vivemos a cultura do vazio caracterizada pelo individualismo hedonista, personalizado e narcisista; pela apatia; pela sedução generalizada; pela legitimação de todos os modos de vida; pela coexistência dos contrários e pela inversão dos ideais. A verdade é soterrada, a violência social é banalizada e a insignificância avança. Está havendo assim, segundo a referida autora, uma fragilidade narcisista na coesão das identificações estruturantes, o vazio mental – grave alteração da mente, um continente que não pode albergar conteúdos, tendo o externo como a maior causa de sua satisfação individual. Os pensamentos externos são assumidos pelos indivíduos como seus próprios ideais.

Numa visão focalizada em uma das escotilhas, cabe destacar um ângulo do panorama hoje abordado por Melman e, entendo eu, muito investigado por Bakhtin em sua época. O psicanalista Melman (2008), analisando a contemporaneidade em *Fronteiras do Pensamento*, evento realizado em Porto Alegre, salienta nunca se ter pensado tão pouco! Como faltam referências, o indivíduo se vê exposto, frágil e deprimido, necessitando sempre de confirmação externa. Portanto, para o referido autor, a crise da época é marcada pela dificuldade de pensar. Como bem assinala Bion (1985)⁴⁰, pensar é diferente de pensar que se pensa! Na última condição de pensar, existe um espaço para conteúdos e lembranças serem albergados, portanto, valorizados e *re-conhecidos*.

Isto é, de certo modo, compartilhado por Bakhtin (1997b)⁴¹: pensar um pensamento significa não ser absolutamente indiferente em relação a ele. O filólogo/ filósofo vai além ao questionar: “Por que e para que pensar?”

Para Bakhtin (1997b), o ato de pensar um pensamento é necessário não por uma necessidade lógica, mas ética. O sujeito que pensa um pensamento participa do ser universal e

⁴⁰ (tradução própria)

⁴¹ (idem acima)

idêntico (*istina*), complementando-o e atualizando-o enquanto ser real no acontecimento único do ato de pensar (*pravda*). O dever de pensar e a impossibilidade de não pensar são dados pela posição ocupada em um dado contexto da vida real e concreta. O pensamento somente adquire sentido quando assumido e valorado. O sentido de um pensamento é sua entonação.

Um pensamento que não se pensa não é vivo, não é real. O conhecimento vivo e real precisa de reconhecimento. Reconhecendo-o e me reconhecendo nele, assino-o com firma reconhecida (ibidem). Para o autor a *nécessitance* de um pensamento-ato não é apenas um escapar da culpa ética, por não pensar ou criar, diferente da psicológica, mas a impossibilidade de viver na ausência de sentido. O sentido do pensar e do criar se dá no movimento consciente e responsável de participação da ou na cultura. E, o sujeito, não dar seus frutos é privá-lo de sentido. O ato é ato no confronto com outros atos, de outros sujeitos.

Portanto, sendo a Pós-modernidade caracterizada pela ruptura da cultura tradicional, identidade definida e estável, surgem narrativas múltiplas, objeto de questionamentos e de conflito. O indivíduo depara-se com: O que pensar? O que fazer? Quem sou-serei? Numa época globalizante, todos nós estamos na condição de estrangeiros!

Assim como o estrangeiro, vivemos nossa separação enquanto nativos da cultura tradicional. Com a diferença de nossa visão exotópica não ser tão nítida por não existir uma distância cronotópica (espaço/tempo) suficiente para a ausência se fazer presente e o contraste fazer emergir a identidade ressignificada. No espaço físico e sonoro das cidades sempre se fazem presentes muitas marcas da tradição, às vezes, bem arraigadas devido à memória coletiva. Como diz Ricoeur (2007, p.159): “A cidade se dá ao mesmo tempo a ver e a ler”. A correlação entre habitar e construir produz-se num terceiro espaço⁴²/tempo, em que as localizações espaciais correspondem às datas do calendário.

Movimentando um pouco mais o telescópio, vemos os *decks* da cultura do vazio contribuindo na ausência de sentido da existência do indivíduo, na sua angústia existencial. Nunca se pensou tão pouco! E o ser estrangeiro, sujeito da presente tese?! Já não me é tão estranho, tenho consciência disso. Talvez, como se sabe, é mais fácil olhar e identificar o estranho fora de nós do que o de dentro.

Em que se diferencia seu processo de separação? Num vazio intenso?! Ou, melhor, na presença da intensa ausência! O desenraizamento do estrangeiro é marcado pela cronotopia

⁴² Entre o espaço vivido (corpo próprio/ambiente e o espaço público intercala-se o espaço geométrico (terceiro espaço). E é nos confins do espaço vivido e do geométrico que se situa o ato de habitar/construir – arquitetura das cidades.

e exotopia. Sua separação e distanciamento, presentes em sua pele sonora, visual, olfativa e gustativa e, ao mesmo tempo, a vividez desses mesmos registros na memória, criam, no silêncio da cultura-mãe, outro espaço no mundo interno do sujeito. O espaço do Eu-pensamento.

Refletir sobre o estrangeiro é, inevitavelmente, contrastar com o nativo, diferenciando-se assim, e exatamente no aspecto acima referido, do sujeito da Pós-modernidade que vive a época do descartável, da falta do enraizamento, do sujeito sem memória/passado e história, que vive na exterioridade e com a impossibilidade de desenvolver a consciência sobre seu pensar, uma atitude ética.

Esta época vai de encontro ao pensar de Arendt (1978): o pensar implica uma paralisia temporária. Parar para pensar interrompe todas as atividades do lado de fora, sendo intensas interiormente. O pensar desestabiliza todos os critérios estabelecidos, pois dissolve as certezas, não havendo pensamento perigoso, o próprio pensar é perigoso. Complementa a autora, esclarecendo ser esse momento de monólogo diferente do sentimento de solidão que ocorre quando o indivíduo está sozinho, mas é incapaz de se fazer companhia; de estabelecer um diálogo silencioso consigo mesmo; de, a partir do pensamento, introduzir uma dualidade na identidade. Esta vida sem pensamentos não seria apenas sem sentido, ela não seria totalmente vivida.

No berço do pensamento, a memória do estrangeiro repousa e, no silêncio da noite, ela mais fala. A cultura nativa que teve de adormecer durante o dia da nova cultura, desperta ao menor silêncio desta última. Vai infiltrando-se nos intervalos, nas brechas, nas defesas adormecidas da cultura do outro. Na distância/separação externa da cultura nativa, o estrangeiro estreita os laços com a cultura nativa interna, suas representações. Nesse momento se *des-cobre* mais próximo do que antes de sua terra/língua mãe, integrando as partes cindidas da própria cultura: partes extremamente valorizadas com a desvalorização da cultura do outro ou partes extremamente desvalorizadas diante da superavaliação da outra cultura.

No risco da separação, na disposição para o desafio de cair no espaço do universo sem suas raízes, dá a chance de *re-conhecer* a si mesmo e ao Outro. Também *des-cobre* a *nécessitance* e a valoração do *re-conhecimento* do Outro e pelo Outro. A alteridade se faz presente! Nesse diálogo estabelecido entre as duas culturas, quando o estrangeiro é o tradutor, o interlocutor, o intérprete, às vezes se vendo fora da cena, outras em cena, *des-cobre e des-envolve* o lugar da alteridade a partir de si próprio e do estranho que é para si mesmo. A pele que o envolve sonora, olfativa, gustativa e de imagens é ressignificada, proporcionando novos sentidos de linguagem, sua mais recente identidade.

Nesse espaço de transição entre o antigo e o novo, o mundo interno e o externo, a língua materna e a “segunda língua” e a vivência da *différance* (Derrida), da *nécessitance* (Bakhtin); da *incompletude* (Freud) o estrangeiro descobre sua capacidade de viver tudo isso, de ser capaz de utilizar e desenvolver suas funções de pensar, de traduzir, de transitar entre diferentes culturas. Enfim, de pensar que pensa, marcando sua identidade num ato de translíngua, que ultrapassa fronteiras, ao mesmo tempo em que *re-força* seu apego à terra/língua-mãe.

Os elos que ligam o estrangeiro à terra-mãe e lhe permitem transitar em outros contextos, certamente têm a ver com a memória, mas será a linguagem verbal que o insere e o leva a adequar-se ao contexto social enquanto ser de interação e narração. Portanto, na ausência-presença dos registros mais arcaicos de identidade em relação à terra-mãe cria-se um novo espaço de memória, de significados e sentidos. Isso, inevitavelmente, repercute no comportamento do estrangeiro. O monólogo com as lembranças sonora, táteis, visuais, gustativa contribuem para os pensamentos se transformarem, a *representação coisa* transformar-se em *representação palavra* (linguagem freudiana). O pensar os pensamentos dá formas e palavras e assim, as ações se transformam em atos.

O ato ético é um acontecimento singular que requer toda a plenitude da palavra: conteúdo semântico (palavra como conceito), expressivo e ilustrativo (palavra como imagem) e entonação emocional e volitiva (BAKHTIN, 1997b). Essa identidade ressignificada na agoridade e no enunciado transforma a ação em ato, ao criar um espaço continente para o estrangeiro em seus momentos de fundeado. Nesse instante em que silencia o setor de máquinas de seu navio, entra em contato, nas profundezas do mar, com as pérolas mais preciosas que os diferentes topos lhe proporcionaram durante a viagem.

Como você sabe, a formação de uma pérola natural começa quando uma substância estranha desliza para dentro da ostra, entre o manto e a concha, o que irrita o manto. A reação natural da ostra é cobrir esta irritação para se proteger. O manto cobre a irritação com camadas da mesma substância de madrepérola, usada para criar a concha. Isso, eventualmente, forma uma pérola.

Portanto, uma pérola é uma substância estranha coberta com camadas de madrepérola. A maioria das pérolas que vemos são objetos bem redondos e são as mais valiosas, mas nem todas as pérolas se saem tão bem assim. Algumas pérolas possuem um formato irregular - estas são chamadas pérolas barrocas. Assim como as pérolas, os valores éticos do estrangeiro também se formam a partir de uma substância estranha que deslizou para dentro de si, irritando sua identidade de base. Será com sua camada e defesas de proteção, sua

capacidade em lidar com as adversidades, que a camada de madrepérolas surge, sua mais recente identidade. Pode ser esta uma resultante valiosa, arredondada, ou uma resultante com formato irregular, uma barroca com seu devido valor.

Diante da longa viagem que se fez acompanhar de uma interação entre a Linguística Dialógica e a Psicanálise Vincular, é inevitável o momento a seguir. Na interação entre essas duas “culturas”, mais do que antes entendendo-as bem menos distintas, concluo, mesmo que somente por um instante, meu pensamento sobre o traço marcante da identidade do estrangeiro.

No sentido bahktiniano de enunciado, tem-se primeiramente o filólogo/filósofo (BAHKTIN, 1997b)⁴³ pensando que o sentido do pensar ou do criar se dá no movimento consciente e responsável de participação da ou na cultura. É a alteridade e a intersubjetividade que terão conferido sentido ao ato. “O ato é responsável e assinado: o sujeito que pensa um pensamento assume que assim pensa face ao outro, o que quer dizer que ele responde por isso” (AMORIN, 2009, p.25). Em resposta sincrônica, tem-se o psicanalista Anzieu (2002) entendendo que os pensamentos individuais (verdades singulares/*pravda*?) totalizam os conhecimentos e a cultura (verdades universais/*istina*?) do sujeito, eles se propõem a um saber de valor universal.

Portanto, o traço linguístico marcante da identidade do estrangeiro na Pós-modernidade – a resultante do conflito individualização (língua materna/cultura de origem) pertencimento (língua estrangeira/nova cultura) – está no entrelinhas e na translíngua; está no ato ético no sentido bahktiniano, na consciência e *responsabilidade-ato* sobre a nova identidade enquanto filho de sua pátria frente à pátria do Outro. E nesta, ao pertencer, ele revive o processo de separação-individualização, agora da mãe-pátria e o luto da parentalidade, “deixando de ser filho de seus pais/pais” e se vê pai (protetor) de seus “filhos” (valores; tradições; lembranças; memórias visuais, gustativas, táteis, sonoras e olfativas de suas raízes) numa época de tempos e espaços efêmeros! Frente à resultante, a seguir alguns desdobramentos considerados relevantes na identidade do estrangeiro.

Primeiro, é importante considerar que esse indivíduo não se constitui estrangeiro por si só, o Outro participa e também o coloca nesse lugar. Esse Outro podem ser os nativos da nova pátria ou o próprio grupo de estrangeiros com função de acolhida/hospitalidade, contribuindo para sua melhor ou pior adaptação, transição da língua materna à estrangeira.

⁴³ (tradução própria)

Segundo, o estrangeiro, pesquisado com uma vivência parcial de imigração, pode oscilar, dependendo do momento e de seu psiquismo, entre a condição de trânsito ou de enraizamento na nova cultura.

Terceiro, sua posição exotópica e cronotópica possibilita uma relação tempo/espaço diferenciada daquele que não viveu o desenraizamento de sua pátria. Cria-se um espaço de memória que pulsa visual, gustativa, olfativa, tátil e sonoramente no confronto com o diferente.

Quarto, a vivência do estrangeiro, o seu constante exercício para falar a língua do outro, desenvolve e, ao mesmo tempo, demonstra sua habilidade para transitar por diferentes gêneros. Essa flexibilidade egoica, traduzida na alteridade, certamente, contribui para uma melhor adaptação cultural e geográfica.

Quinto, a sonoridade musical presente na língua é o elo mais evidente na vivência trans do estrangeiro. Para ouvir música o sujeito tem de fazer silenciar a voz externa e deixar vir à tona a interna, sua memória associada a sentimentos. O ritmo musical e a entonação, assim como no início do desenvolvimento de sua pele sonora, são facilitadores tanto para o estrangeiro separar-se de sua língua materna mantendo-a viva em sua mente, quanto é a porta de entrada lúdica no ingresso da nova língua.

Sexto, o fato de migrar: a) para o país número um de suas escolhas ou mesmo não sendo, mas fazendo parte das opções entre outros países identificados como os melhores para trabalhar e morar; b) não estando sozinho, mas com todo o grupo familiar/cultural; c) vivendo o processo de afiliação intra familiar; certamente contribuiu para a resultante acima referida.

Sétimo, o espaço para o eu-pensamento do estrangeiro estabelece, em seu psiquismo, um diferencial perante o do nativo invadido pelo *fast-food*, o efêmero e descartável. Esse diferencial pode ser traduzido numa escala de valores éticos e estéticos.

Portanto, o exercício e a vivência psicológica e linguística, que realiza o grupo pesquisado faz parte de um coletivo deslocado, periodicamente, para o Brasil, é um exemplo vivo, respeitando as devidas dimensões, do processo identitário do ser humano e dos grupos humanos na Pós-modernidade.

A resultante permite ser valorizada por todas as disciplinas envolvidas como a Psicanálise, a Linguística, a Filosofia e a Sociologia, pois é no hífen, na passagem, na transição que o grupo se descobre e se integra enquanto indivíduos com suas identidades na nova cultura que, com certeza, não é a soma da brasileira com a de origem. Surge um terceiro espaço identitário, enraizado na identidade já vivida e na que começa a vir a ser. Essa se constrói na medida em que ela se faz e se diz, mas somente será estruturante para o

estrangeiro na condição de fazer laço, se criar o espaço para o novo, o vir a ser. Somente assim o estrangeiro poderá conquistar sua mais recente identidade, a qual só pode ser uma criação interativa. A passagem de culturas não se dá por acúmulo e a reconstrução não é linear, mas pautada em associações e não em cisões, quando bem traduzida no processo de migrar.

O elo perdido tem de ser reencontrado por meio de uma operação de linguagem que restitua ao discurso o mínimo de pertinência e credibilidade e coloque a alucinação no lugar que lhe é próprio..é necessário voltar aos negligenciados problemas de linguagem para conhecer a linguagem do problema (SANT'ANNA, 2010; p. 180-181).

Ao final da viagem, atracando num “Porto”, seguro por um tempo/instante, a seguir as devidas considerações dirigidas ao parceiro que me acompanhou navegando, com seu silêncio e escuta, nos diferentes mares.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o resumo dos principais resultados obtidos, serão apresentados os aspectos considerados positivos e as limitações do trabalho efetivado; as sugestões aos novos estudos e as investigações; uma avaliação pessoal e as implicações em minha vida e, por fim, as implicações sociopolíticas sobre o tema do estrangeiro numa época globalizada.

A) Aspectos considerados positivos e limitações da investigação

A maturidade desenvolvida no decorrer do tempo, acompanhada por uma práxis do dia a dia com notícias e pessoas vivendo na condição de estrangeiras; a metodologia e o tema escolhido; a interrelação teórica, inclusive a apresentação parcial da tese em espaços científicos tanto de Letras – muito incentivado e apoiado por meu orientador – quanto de Psicanálise; e a receptividade dos próprios sujeitos da pesquisa, foram aspectos considerados relevantes, molas propulsoras de motivação e de incentivo na tese.

As consistentes caminhadas, anterior e atual, na Psicanálise tanto nos processos individuais quanto nos grupais foram, com certeza, facilitadoras. Elas se alternaram na relação figura-fundo. Nas entrevistas, foi facilitada, principalmente, a relação pesquisador-sujeito, pela experiência com os processos psíquicos individuais (clínica particular) e, na leitura de dados, na relação do sujeito estrangeiro com o e no grupo, pelo conhecimento sobre os processos/mente grupal (disciplinas ministradas na UCPEL).

Durante o doutorado foi inevitável a analogia entre o meu lugar e o do estrangeiro, na medida em que minha formação é em Psicologia. O reviver da aprendizagem de uma segunda língua, numa condição de migração, foi literal. A inter-relação entre a Linguística/dialógica e a Psicanálise, assim como com outras áreas profissionais, é um diferencial do presente doutorado e muito ajudou meu *processo de aculturação*.

A vivência com as três colegas estrangeiras do doutorado, sob a orientação do mesmo professor, também foi uma situação facilitadora da aprendizagem de uma nova língua. Confirmou-se, na própria pele sonora, a importância do continente afetivo nesse processo.

A rica experiência de migração do próprio orientador aproximou, com certeza, os momentos em que eu não consegui traduzir em palavras o que havia vivido com as doze famílias de estrangeiros.

Realizar, durante o ano de 2006/1, o Curso argentino Babel Psi, “Las experiencias interculturales y la migración”, não presencial, por quatro meses, e integrar um grupo de

colegas de diferentes partes do mundo relatando suas próprias experiências de migração, acrescentaram e fortaleceram minha visão científica.

Acompanhar, pela leitura, os conferencistas de Fronteiras do Pensamento, evento realizado em Porto Alegre desde 2007 e, em 2011, acompanhá-los pessoalmente foi, no mínimo, uma fonte de incentivo e reafirmação ao entendimento dos resultados obtidos na tese. Alguns dos conferencistas foram aqui citados (Bauman e Morin); outros, mesmo não sendo, reconheço sua influência em meu modo de pensar sobre o processo identitário do estrangeiro na Pós-modernidade.

Para finalizar, mesmo que válido somente por um instante: os momentos xenófogos em vários lugares do mundo e as migrações ilegais em massa, principalmente para a Europa, durante o período da tese, muito alicerçaram minha responsabilidade frente ao tema pesquisado.

Quanto às limitações, destaco aquela que me acompanhou até o final da tese: o próprio conflito identitário da investigação: individuação X pertencimento. Relendo o trabalho realizado percebi minha interpretação Psicanalítica muito mais contida do que, conscientemente, havia me proposto focalizar, entendo hoje, que pelo medo de trair-me e fluir, mais facilmente, na identidade conhecida ou, de me perder, desestabilizar/despersonalizar-me, principalmente, nos processos de grupo que se entrelaçaram (grupo de estrangeiros vinculados a órgão governamental; *Play Group*; grupo de estrangeiros pesquisados vinculados a dois pediatras e grupo de estrangeiros que compareceram a devolução dos resultados). Com certeza, uma rica e frutífera leitura pode daí decorrer: línguas sempre inacabadas, infinitas traduções. Acredito que transitar com mais facilidade entre as duas línguas, transitar e negociar entre elas com maior fluidez será num segundo momento, possivelmente, após a autorização/avaliação pela Banca sobre minha competência, ou não, em falar a nova língua identitária.

Como limitação parcial, destaco o fato de, embora entender bem o francês e o espanhol, não os falar fluentemente e com o inglês, a limitação ser mais abrangente. Situação minimizada pela parceira de pesquisa na UnB ao filmar e participar das entrevistas por mim realizadas. Ela transitava bem nesses idiomas, sendo algumas vezes a intérprete na relação.

Outro fator limitador, acompanhando-me na trajetória, foi o reduzido tempo disponível para a tese, pois, paralelamente ao doutorado, continuei trabalhando, como professora na Universidade e fora dela. Tal situação, acompanhada por não receber bolsa como doutoranda da própria Instituição em que trabalho há 32 anos, exigiu superação, principalmente, em momentos quando isto pesou na caminhada.

B) Sugestões para novas pesquisas

Ao final da caminhada, com certeza novas propostas foram tornando-se relevantes e vou permitir-me abordar algumas. Entre elas, as diferenças identitárias de acordo com a nacionalidade dos estrangeiros. Esse particular parece-me extremamente interessante, como uma possibilidade de ser cruzado o específico, identidade/língua nacional do estrangeiro, com o geral, a identidade do estrangeiro resultante da tese. Outro aspecto instigante, embora com possíveis hipóteses numa leitura psicanalítica, foi a não relação entre a fluidez da língua com o tempo de permanência do estrangeiro no Brasil. É relevante também investigar o silêncio, da pausa, na transição de línguas; o lugar da memória e do esquecimento nesse processo de transição; e por último, se é que assim posso considerar, a consciência ou falta de consciência de quem acolhe o estrangeiro sobre a interinfluência no processo adaptativo de ambos.

São inúmeras as questões inquietantes decorrentes da caminhada, entretanto, no momento, vou limitar-me a estas.

C) Avaliação Pessoal e implicações em minha vida

Em primeira instância é importante ressaltar que a riqueza da vivência da estrangeiridade quanto à atitude responsável e ética frente ao Outro e a flexibilidade do ego diante de adversidades, marcaram significativamente o que, desde o início da pesquisa, eram vagas impressões, mas, inconscientemente, já haviam sido registradas.

No início do doutorado, ministrei Psicanálise na Escola de Filosofia da UCPEL e tive oportunidade de conviver com vários alunos seminaristas estrangeiros, enriquecendo meu olhar e minha escuta, gerando um espaço de trocas significativas.

Um segundo fato a me reportar, inevitavelmente, aos primórdios da questão norteadora dessa tese: a clientela de consultório com experiência de estrangeiridade, referida mais detalhadamente na introdução. Cada vez mais minha escuta afina com esta vivência do ser humano e, por uma atração, diria eu, de inconsciente para inconsciente e de acordo com a demanda da Pós-modernidade, tem sido frequente tal vivência clínica e suas implicações.

Ainda no âmbito psicanalítico. Como faço parte da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), tenho a certeza de minha contribuição não somente na Clínica com estrangeiros, mas nas vivências de colegas psicanalistas que migram e fazem suas Formações em outros países. Em momento anterior, ajudei uma colega a encontrar estratégias viáveis em sua migração entre Sociedades Psicanalíticas Internacionais. Outra grande amiga, psicóloga e psicoterapeuta pesquisa e trabalha em outro país sobre a etnopsicoterapia, possibilitando, assim, realizarmos interessantes trocas bibliográficas e de experiências.

A última implicação a ressaltar faz-se presente em minha vida enquanto professora universitária no sentido transdisciplinar. Percebo meu discurso psicanalítico mais refinado e enriquecido pela nova aquisição, a dialogia baktiniana: o lugar da língua ou das diferentes línguas num mesmo idioma e o espaço/ tempo instante presente no enunciado.

Enfim, são inúmeras as aquisições que se integram e ressignificam minha visão profissional e pessoal. Um tanto já impregnada pela metáfora bakhtiniana, posso dizer que o foco pesquisado me possibilitou ver o estrangeiro existente dentro de mim, o de fora e, literalmente eu/ele nestes diferentes espaços. A caminhada com o estrangeiro foi anterior ao início da tese, portanto, continua e, certamente, com muito mais recursos possibilitados pelo doutorado. A perspectiva do pós-doutorado em Letras já está presente.

D) Implicações sociopolíticas

Diante do número de estrangeiros/imigrantes no Brasil, conforme referido anteriormente, aumenta a responsabilidade, a cada dia, em adequar e realizar intervenções que contribuam para esse coletivo em uma época pós-moderna. Acredito ser desproporcional, ainda hoje, na minha parca visão, os números informados e a infraestrutura dos serviços junto ao estrangeiro/migrante internacional em nosso País. Fato evidenciado pelo último senso do IBGE que somente agora passou a diferenciá-los e reconhecê-los em seu levantamento.

Um suporte mais efetivo se faz necessário, além de comunidades de acolhida criadas pelos próprios estrangeiros ou por comunidades religiosas e de bairros. Nas prefeituras das cidades, nas escolas, nas universidades e em outras instituições, por exemplo, tem de ser considerada a relevância de tal setor. Mais do que um setor, é importante e essencial ser desenvolvida uma cultura, uma educação, uma política de integração e acolhida ao imigrante/estrangeiro.

A experiência de integração multicultural adotada na Holanda, Inglaterra e Suécia, assim como nos Estados Unidos com as nacionalidades hifenizadas, deveriam ser avaliadas por nosso país. Incluindo os níveis de integração (escolaridade diferenciada, oportunidades de emprego, acesso ao espaço público, moradia etc..) que cada país privilegia, como bem aborda Modood (2010).

Escolaridade diferenciada, canais de TV e rádio no próprio idioma, apoio e manutenção de costumes e tradições em espaços públicos como o ano novo chinês e as festas italianas em São Paulo, podem também contribuir para a preservação do *background* cultural dos estrangeiros e, além disso, pode contribuir para que o povo brasileiro se enriqueça ao conhecer a cultura de outros países, estando em seu próprio país.

Entretanto, não basta o Brasil ser tão aberto às imigrações se não tiver um planejamento eficaz e políticas bem fundamentadas. O povo brasileiro poderá ser, amanhã, o próximo na lista xenofóbica (medo, fobia e hostilidade às pessoas de “fora”, estrangeiras) e aversivo à integração multicultural como ocorre em alguns países da Europa: Espanha, Itália e Alemanha. Cabe destacar o acontecido na Noruega, em julho de 2011: os ataques contra a migração poderão ser indiretos, como foram à própria pátria-mãe e aos irmãos da nação, resultando em torno de 100 vítimas de um *serial-killer* norueguês. Este clamava por ser *reconhecido* seu lugar e sua herança europeia, pelas autoridades, referência em sua vida. Sua confusão identitária se fez presente (MOREIRA, 2011).

O modo como o governo brasileiro tem lidado com a migração na pós-modernidade, sabe-se não se identificar com a estratégia adotada no séc. XX na Europa, de assimilação (valorização positiva da cultura local e desvalorização da cultura de origem do estrangeiro). Qual a modalidade adotada pelo Brasil se não é de integração unilateral/ assimilação? Será de integração de mão dupla? Ou multiculturalista? Ou será que as fronteiras não estão sendo consciente/eticamente consideradas? E o Brasil se relaciona com o estrangeiro/imigrante numa mentalidade grupal de negação de fronteiras? Adotando o que Modood (2011) refere na *modernocontemporaneidade*, do ponto de vista lógico: “[...] se tudo é igual a tudo, tudo equivale a nada e o discurso não pode se formar” (p.173).

Retornando ao início desta tese:

Nascemos entre ritmos que fazem parte da natureza humana, a ponto de não conseguirmos imaginar-nos sem eles mastrandando nossa vida. O relógio biológico do Homem sempre denuncia sua presença quando existem alterações marcantes no cotidiano. Sua constância e intrincidade fazem parte da natureza humana – filogênese e ontogênese.

Portanto, existe um relógio cósmico e biológico que norteia o início e a manutenção do ritmo/ordem do ser humano e não podemos negá-lo. Como diz o poeta Sant’Anna (2010) a ordem e a consequência estão na base da vida, o impulso de criar disposições ordenadas é inerente à evolução, sendo a desordem o choque de ordens não coordenadas. É fundamental que tomemos consciência da expansão de fronteiras em que vivemos na pós-modernidade e isso somente terá sentido em oposição à falta de sentido de nosso século, se for um ato ético junto ao Outro, o estrangeiro.

Acredito que reduzir as dificuldades e o desenvolvimento cindido na aquisição de uma nova língua/cultura, colocando em relevância a possibilidade do potencial criativo

identitário entre o espaço do novo/desconhecido e o antigo/conhecido, contribuirá para reduzir a dimensão que *tanatos*⁴⁴ tem ocupado nos últimos séculos.

Finalizando, entendo que conhecer melhor a identidade do estrangeiro e os processos por ele vividos, certamente, possibilitará intervenções transdisciplinares mais efetivas e com menor risco iatrogênico quanto à “nação estrangeira”, seja em outra ou em nossa própria língua. Finalizo, mas as questões continuam!

“Por que devo pensar mesmo? Porque preciso dar, doar de mim ao ser da cultura. Doar aquilo que somente minha singularidade de sujeito concreto num contexto real consegue ver e pensar. Preciso dar notícias de mim em meu nome” (AMORIM, 2009, p.33).

A viagem segue seu rumo! Estão todos prontos para novos roteiros?

Neste momento, eu fico para uma pausa!

⁴⁴ Pulsão de morte (LAPLANCHE, PONTALIS, 1983, p.651).

REFERÊNCIAS

AMATI-MEHLER, J.; ARGENTIERI, S.; CANESTRI, J. *A babel do inconsciente*. Trad. Claudia Bachi. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: Outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006a, p.95-113.

_____. Ato versus objetivação e outras posições fundamentais no pensamento bakhtiniano. In: FARACO, C.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Orgs). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006b, p.17-24.

_____. Para uma filosofia do ato: válido e inserido no contexto. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: Dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009, p.17-43.

ANDRADE, E. R. Memória: um arquivo vivo em construção. In: CORACINI, M.J.; GHIRALDELO, C. M. (Orgs). *Nas malhas do discurso: memória, imaginário e subjetividade*. Campinas: Pontes Editores, 2011, p.75-88.

ANZIEU, D. O envelope sonoro. Trad. Zackie Rizkallah In: ANZIEU, D. *O eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p.199-224.

_____. *O pensar, do eu-pele ao eu-pensante*. Trad. Zackie Rizkallah. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

ARENDDT, H. *A vida do espírito: pensar*. Trad. João Duarte.v.I, Lisboa: Instituto Piaget, 1978.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. Trad. Aurora Bernardi et al. São Paulo: HUCITEC, 1993.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Pereira, São Paulo: Martins fontes, 1997a.

_____. *Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores y otros escritos*. Trad. Tatiana Bubnova. Barcelona: Anthropos, 1997b.

_____. *O Freudismo*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. O discurso em Dostoiévski. In: *Problemas da poética em Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.207-310.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929). Trad. Michel Lahud; Yara Viera. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKHTIN, M.; DUVAKIN, V. *Mikhail Bakhtin em diálogo – Conversas de 1973 com Viktor Duvakin*. Trad. Daniela Mondardo. São Carlos: Pedro e João editores, 2008.

BAUER, M.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Trad. Pedrinho Guareschi. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BAUMAN, Z. A moralidade começa em casa: ou o íngreme caminho para a justiça. In: _____ *O mal estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 62-90.

_____ *Globalização: as conseqüências humanas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____ *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____ *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____ Entrevistas exclusivas com Zygmunt Bauman. In: *Fronteiras do pensamento*. Porto Alegre: UFRGS, 2011, DVD.

BELITANE, C. Vamos todos cirandar In: *A mente do bebê*. São Paulo, n. 3, p. 42-51, 2006.

BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de linguística geral II*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989, p. 81-92.

BERNARDI, R.; ROSSELLÓ, J.; SCHKOLNIK, F. Ritmos y sincronías en la relación temprana madre-hijo. In: LITVAN, M.A. *Juegos de amor y magia entre la madre y su bebé*. Montevideo: Unicef, 1998, p.68-76 .

BEUQUE, G. *Experiência do nada como princípio do mundo*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 191-200.

_____ Prefácio: Uma obra à prova do tempo. In: BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 5-22.

BION, W. O continente e o contido In: *A atenção e a interpretação em Psicanálise e Grupos*. Trad. Paulo Corrêa. Rio de Janeiro: Imago.1970.

_____ *Volviendo a pensar*. Trad. Daniel Wagner. Buenos Aires: Paidós, 1985.

BORCHGREVINK, H.M. O cérebro por trás do potencial terapêutico da música. Trad. Vera Wrobel. In: RUUD, E. (Org.) *Música e saúde*. São Paulo: Summus, 1991, p.57-86.

BOWLBY, J. *Apego: a natureza do vínculo*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: _____ (Org.). *Bakhtin: Outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p.9-31.

BUBER, M. *Eu e tu*. Trad. Newton Zuben. São Paulo: Moraes, 1974.

CHACON, L. Bases para uma compreensão do papel do ritmo na linguagem. In: *Ritmo da Escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 01-46.

CICERONE, P. Em ritmo musical. In: *A mente do bebê*. São Paulo, n. 3, p. 36-41, 2006.

CORACINI, M.J. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade*. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

_____. Entre a memória e o esquecimento: fragmento de uma história de vida. In: CORACINI, M. J.; GHIRALDELO, C. M. (Orgs). *Nas malhas do discurso: memória, imaginário e subjetividade*. Campinas: Pontes Editores, 2011, p. 23-74.

CRAMER, B.; PALACIO-ESPASA, F. *Técnicas Psicoterápicas mães bebê*. Trad. Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes médicas, 1993.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Trad. Sandra Netz. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DERRIDA, J. *Torres de babel*. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

EMERSON, C. *Os cem primeiros anos de Mikhail Bakhtin*. Trad. Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

FARACO, C. *Linguagem & diálogo*. As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

FARACO, C.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Orgs). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

FREUD, S. (1927-1931). O mal-estar na civilização. In: *Obras completas de Sigmund Freud. O futuro de uma ilusão. O mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Trad. Jayme Salomão. v. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1974a, p.81-171.

_____. Dostoiévski e o parricídio. In: *Obras completas de Sigmund Freud. O futuro de uma ilusão. O mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Trad. Jayme Salomão. v. XXI, (1927-1931). Rio de Janeiro: Imago, 1974a, p.205-227.

_____. Totem e tabu. In: *Obras completas de Sigmund Freud. Totem e tabu e outros trabalhos*. Trad. Jayme Salomão. v. XXIII, (1913-1914). Rio de Janeiro: Imago, 1974b, p. 20-191.

_____. Palavras e coisas. In: *Obras completas de Sigmund Freud. A história do movimento psicanalítico. Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Trad. Jayme Salomão. v. XIV, (1914-1916). Rio de Janeiro: Imago, 1974c, p.239-245.

_____. Moisés e o monoteísmo. In: *Obras completas de Sigmund Freud. Moisés e o monoteísmo. Esboço de Psicanálise. Outros trabalhos*. Trad. Jayme Salomão. v. XXIII, (1937-1939). Rio de Janeiro: Imago, 1975, p.16-167.

_____ O estranho. In: *Obras completas de Sigmund Freud. Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Trad. Jayme Salomão. v. XVII, (1917-1919). Rio de Janeiro: Imago, 1976a, p.272-317.

_____ Psicologia de grupo e análise do ego. In: *Obras completas de Sigmund Freud. Além do princípio do prazer. Psicologia de grupo e outros trabalhos*. Trad. Jayme Salomão. v. XVIII, (1920-1922). Rio de Janeiro: Imago, 1976b, p.86-179.

_____ Carta 52 In: *Obras completas de Sigmund Freud. Publicações prépsicanalíticas e esboços inéditos*. Trad. Jayme Salomão. v. I, (1886-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1977, p.317-324.

FROHNE, I. Musicoterapia na educação social e na psiquiatria. In: RUUD, E. *Música e saúde*. São Paulo: Summus, 1991, p. 35-56.

GOLSE, B. *Sobre a psicoterapia pais-bebê: narratividade, filiação e transmissão*. Trad. Inês Catão et al. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

GORI, R. Entre o grito e a linguagem: o ato de fala. In: GORI et al. *Psicanálise e linguagem: do corpo à fala*. Trad. Monique Chiarella; Luiza Rodrigues. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997, p.105-148.

GRIGOLETTI, L. A influência da aculturação na relação vincular em criança de 0-3 anos. In: *Congresso Latinoamericano sobre migração e inserção social e sua influência na estrutura psíquica*. 2001. Camboriú/SC. Anais: II Encontro hispanoparlante: migración y inserción social. [S.l, s.n., 2001] p.19-25.

_____ A narrativa da história de vida: navegando nos mares pais-bebê. In: *Congresso Brasileiro de Psicanálise. 20, 2005*, Brasília. Anais: Poder, sofrimento e contemporaneidade. Brasília: Casa do Psicólogo, 2005, CD.

_____ Multilinguismo, vozes paralelas em espiral: línguas integradas ou cindidas? In: *SENALE / Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino. 5, 2007*, Pelotas. Anais: Teorias Linguísticas e ensino: possibilidades e limites. Pelotas: Educat, 2007, CD.

_____ *Vida e obra de Emmanuel Lévinas e Martin Buber*. Trabalho apresentado como requisito parcial na aprovação da Disciplina de Interpretação e Linguagem. Pós-Let UCPEL, 2008a.

_____ A voz (ritmada) que embala o berço do eu-bebê. In: *Encontro do CELSUL / Circulo de Estudos Linguísticos do Sul. 8, 2008*, Porto Alegre. Anais: Encontro do CELSUL. Pelotas: EDUCAT. 2008b, CD.

_____ A importância da musicalidade no desenvolvimento das competências da criança de 1 a 4 anos. In: ARAGÃO, R.; ZORNIG, S. (Orgs) *Nascimento: antes e depois. Cuidados em rede*. Curitiba: Honoris Causa, 2011, p. 121-131.

GRIGOLETTI, L.; NASCIMENTO, N. Relação vincular entre bebês de 1-3 anos e mães imigrantes. In: MELGAÇO, R. (Org) *A ética na atenção ao bebê: Psicanálise, Saúde e Educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p. 125-134.

GRIGOLETTO. Representação, identidade e aprendizagem da língua estrangeira. In: CORACINI, M.G (Org) *Identidade e discurso*. Campinas: UNICAMP, 2003, p. 223- 235.

GRINBERG, L.; LANGER, M.; RODRIGUÉ, E. *Psicoterapia del grupo*. Buenos Aires: Paidós, 1977.

GRINBERG, L.; GRINBERG, R. *Migración y Psicanalisis*. Buenos Aires: Paidós, 1980.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Silva; Guacira Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

HAUMANN, M. Questão de simetria. In: *Viver: mente e cérebro*. São Paulo, n.146; p. 40-45, março, 2006.

HERRICK, T. Fenomenologias da linguagem em Bakhtin e Merleau-Ponty. Trad. Carlos Alberto Faraco. In: FARACO, C.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Orgs). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006, p. 133-145.

HIRSCHKOP, K. O sagrado e o secular: atitudes perante a linguagem em Bakhtin, Benjamin e Wittgenstein. In: FARACO, C.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Orgs). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 146-171.

HOUAISS, A. *Dicionário da língua portuguesa*. Porto Alegre: Objetiva, 2001.

JOURDAIN, R. *Música, cérebro e êxtase*. Como a música captura nossa imaginação. Tradução: Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

KLEIN, M. *Amor, culpa e reparação (1921-1945)*. Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KOLTAI, C. *Política e Psicanálise: O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 2000.

KOVADLOFF, S. *Silêncio primordial*. Trad. Eric Nepomuceno; Luis Carlos Cabral. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

KREISLER, L. *A nova criança da desordem psicossomática*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LANDA, F. Mais ternura, menos terror. In: *A mente do bebê*. São Paulo, v. 4, p.48-57, 2006.

LAPLANCHE, J. ; PONTALIS, J. Pulsão In: *Vocabulário de Psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes. 1983, p.506-539.

LEBOVICI, S. *O bebê, a mãe e o psicanalista*. Trad. Francisco Vidal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LÉVINAS, E. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2000.

LÉVI-STRAUSS, C. *O cru e o cozido*. Trad. Beatriz P. Moisés. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

LIPOVETSKY, G. *A era do vazio*. Trad. Therezinha Deutsch. Barueri, SP: Manole, 2005.

LISONDO, A. Na cultura do vazio. *Rev. Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, vol 38, n.2, p. 335-358, 2004.

LITVAN, M. et al. *Juegos de amor y magia entre la madre y su bebé*. Montevideo: UNICEF, 1998.

MAHLER, M. *Separação e individuação*. Trad. Helena M. de Souza. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MAHLER, M.; PINE, F.; BERGMAN, A. *O nascimento psicológico da criança*. Trad. Jane Russo. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

MATOS, O. Metrôpole e angústia: acosmismo e cosmopolitismo In: SCHULER, F; BARCELLO, M. *Fronteiras: Arte e pensamento na época do multiculturalismo*. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 131-146.

MELMAN, C. *Imigrantes*. Trad. Rosane Pereira. São Paulo: Escuta, 1992.

MELMAN, C.; COSTA, A.M.; CHEMAMA. R. *Imigrações e fundações*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

MELMAN, C. O pensamento de fronteiras In: SHULER, F.; AXT, G.; SILVA, J. *Fronteiras do pensamento*. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2008, p. 157-161.

MINAYO, M.C. *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1993.

MODOOD, T. Multiculturalismo, etnicidade e integração: desafios contemporâneos. In: AXT, G.; SCHULER, F. *Fronteiras do Pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p.75-92.

MONROY, A. Bajtin y el deseo del otro: lenguaje, cultura y el espacio de la ética. In: ZAVALA, I. (Org.). *Bajtin y sus apócrifos*. Barcelona: Anthropos, 1996, p.149-221.

MOREIRA, C. 22/07/2011. Noruega atormentada: confissões de horror. *ZH/ Jornal ZERO HORA*. Porto Alegre, p. 4-5. 25/07/2011.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Trad. Dulce Matos. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

MOURA-VIEIRA, M. A. O freudismo: uma crítica à ideologia psiquiátrico-psicanalista. In: *Bakhtin e o círculo*. BRAIT, B. (Org). São Paulo: Contexto, 2009, p. 49-72.

NASIO J-D. *O silêncio em Psicanálise*. Trad. Martha Silva. Campinas: Papirus, 1989.

NICOLESCU, B. *O manifesto da transdisciplinaridade*. Trad. Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999.

ORLANDI, E. P. *As formas de silêncio*. Campinas: UNICAMP, 2007.

OSÓRIO, L. Adultos jovens, seus scripts e cenários. In: EIZIRIK, C., KAPEZINSKI; BASSOLS. *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre: Artmed, 2001, p.141-158.

REIK, T. No início é o silêncio. Trad. Martha Silva. In: NASIO, J-D et al. *O silêncio em Psicanálise*. Campinas: Papyrus, 1989, p. 15-20.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. *Lingua(gem) e identidade*. Campinas/SP: Mercado de Letras; 2000, p.213-230.

REY, G. *Pesquisa Qualitativa em Psicologia*. Trad. Marcel Silva. São Paulo: Pioneira, 2002.

RICOEUR, P. *Sobre la traducción*. Trad. Patricia Willson. Buenos Aires: Paidós, 2005.

_____ *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

SAID, E. *Fora do lugar: memórias Edward W. Said*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, E.; BARENBOIM, D. *Paralelos e paradoxos: reflexões sobre música e sociedade*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANT'ANNA, A. Alguma coisa não vai bem: na proa do Titanic. Em busca de outra episteme. In: AXT, G.; SCHÜLER, F. *Fronteiras do Pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 167-182.

SARRIERA, J. C. Educação para a integração entre culturas e povos: da aculturação para o multiculturalismo. In: SARRIERA, J. C. et al. *Psicologia comunitária: estudos atuais*. Porto Alegre: Sulina, 2000, p. 179-202.

_____ Modelos teóricos e instrumentos de pesquisa nos estudos com imigrantes. In: *Congresso Latinoamericano sobre migração e inserção social e sua influência na estrutura psíquica*. 2001. Camboriú/SC. Anais: II Encontro hispanoparlante: migración y inserción social. [S.l.,s.n., 2001], p.4-11.

SCHERER, A. MORALES, G.; LECLERQ, H. Palavras de intervalo no decorrer da vida ou por uma política imaginária da identidade e da linguagem. In: CORACINI, M J. (Org.) *Identidade e discurso*. Campinas: UNICAMP, 2003, p.23-35.

SCHOPENHAUER, A. Da música. In: *Metafísica do belo*. São Paulo: UNESP, 2003, p. 227-241.

SEBBEN, A. S. *Tornar-se cidadão do mundo é resultado de uma experiência migratória?* Psico. Porto Alegre, v.27, n.1, p.129-141, 1996.

SILVA, T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. (Org); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

SOBRAL, A. Ético e o estético In: BRAIT, B. (Org). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005 (a), p. 103-123.

_____ Filosofias (e filosofia) em Bakhtin. In: BRAIT, B. (Org). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005 (b), p.123-150.

STERN, D. *A Constelação da maternidade*. Trad. Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____ *O momento presente na psicoterapia e na vida cotidiana*. Trad. Celimar Lima. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SZEJER, M. *Palavras para nascer*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

TEICHNER, I. Acerca del sentimiento de pertenencia. In: *Congreso Latinoamericano sobre migración e inserção social e sua influência na estrutura psíquica*. 2001. Camboriú/SC. Anais: II Encontro hispanoparlante: migración y inserción social. [S.l.,s.n., 2001] p.12-18.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UYENO, E. Determinações identitárias do bilinguismo: a eterna promessa da língua materna. In: CORACINI, M.J. *Identidade e discurso*. Campinas: Unicamp, 2003, p. 37-56.

VASCONCELOS, M. *Complexidade e pesquisa interdisciplinar*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

VASILEV, N.L. A história da questão sobre a autoria dos “textos disputados” em estudos russos sobre Bakhtin (M.M.Bakhtin e os seus coautores). In: FARACO, C.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Orgs). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 290-304.

VOLOSHINOV, V. La palabra en la vida y la palabra en la poesía. In: BAJTIN, M. *Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores y otros escritos*. Barcelona: Anthropos; San Juan: Universidade de Puerto Rico, 1997, p.106-137.

WALL, A. Por uma estética da recepção bakhtiniana ou o valor da mudança de expectativas. In: FARACO, C.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Orgs). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006, p.305-318.

WINNICOTT, D. *Da Pediatria à Psicanálise*. Trad. Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.(Org.); HALL S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 07-72.

ZAVALA, I. (Org.) *Bajtín y sus apócrifos*. Barcelona: Anthrofos, 1996.

ZAVALA, I. Bajtín y el acto ético: una lectura al reverso. In: BAJTÍN, M. *Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores y otros escritos*. Barcelona: Anthropos; San Juan: Universidade de Puerto Rico, 1997, p. 181-224.

_____ O que estava presente desde a origem. In: BRAIT, B. (Org). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009, p.151-166.

ZIMERMAN, D. Vínculos: o vínculo do reconhecimento. In: ZIMERMAN, D. *Fundamentos psicanalíticos*. Porto Alegre: Artmed. 1999, p.163-174.

ANEXO A – CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS SUJEITOS

Prezada Senhora e/ou Senhor

A UnB, especificamente o Curso de Especialização em Saúde Perinatal, Desenvolvimento e Educação do Bebê, atento à situação de migração e à importância das relações precoces entre pais e filhos, está desenvolvendo uma pesquisa que contempla tais temas: As relações vinculares entre crianças de 1 a 3 anos e mães imigrantes.

Abaixo, você encontrará questões que irão ajudar a delinear algumas características dos imigrantes em sua cidade. Para preenchê-las, não necessita identificar-se.

Ficha de dados:

1. Nacionalidade -
2. Tempo no Brasil -
3. Motivo da imigração -
4. Local de emigração -
5. Instituição de apoio ao imigrante, caso esteja vinculada a alguma -
6. Número de filhos -
7. Idade dos filhos -

ANEXO B – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS PAIS ESTRANGEIROS

Parte I

1 – Dados de Identificação do Filho (s)

Nome -

Idade -

Sexo -

Posição na família -

2 – Rotina do dia a dia/ finais de semana e feriados.

3 – Revisão das etapas evolutivas: Processo Separação/Individuação.

Constância objetal

Reaproximação

Treinamento

Diferenciação

4 – Etapa do item 4 que a mãe considerou mais difícil na relação pais/filho(s).

5 – Situação do bebê: psicossomática e de comportamento.

7 – Concepção

8 – Gestação

9 – Puerpério

10 – Participação do pai/parceiro na entrevista.

11 – Participação de outros familiares ou de pessoas amigas.

12 – Impressão da pesquisadora sobre o ambiente familiar

Parte II

1 – Dados de identificação do casal

1.1 Mãe

a) Nome -

b) Idade -

c) Nacionalidade- -

d) Posição na família -

e) Grau de Instrução -

f) Profissão-

- g) Trabalho atual-
- h) Estado civil-
- i) Tempo com o atual parceiro-
- j) Número de filhos-

1.2 Pai

- a) Nome -
- b) Idade -
- c) Nacionalidade -
- d) Posição na família -
- e) Grau de instrução -
- f) Profissão -
- g) Trabalho atual -
- h) Número de filhos -

1.3 Migração

- a) Tempo no Brasil ou no Estado de imigração -
- b) Instituição a que pertence de apoio ao imigrante -
- c) Importância desta instituição em sua vida -
- d) Local de emigração -

1.4 Referências para contato

- a) Endereço -
- b) Telefone

2 – História Atual – após a chegada do bebê e após ter imigrado.

3 – História Passada – anterior à chegada do bebê e à imigração.

4 – Participação livre para o parceiro.

5 – Impressão da pesquisadora sobre a família.

6 – Outras observações da pesquisadora.

ANEXO C – CARTA DE CONSENTIMENTO

Prezada Senhora e/ou Senhor

A UnB, especificamente, o Curso de Especialização em Saúde Perinatal, Desenvolvimento e Educação do Bebê, atenta a situação do imigrante e à importância das relações precoces entre pais e filhos, está desenvolvendo uma pesquisa que contempla o tema: Relações Vinculares entre Crianças de 1 a 3 anos e Mães Imigrantes.

Entendemos que você poderá contribuir com sua experiência, enriquecendo e criando condições para que esse processo de migração e de interação possa ser vivido de forma a trazer benefícios a essa área do conhecimento.

Os dados obtidos nas entrevistas filmadas só serão divulgados na medida em que não o (a) identificar, mantendo o sigilo ético a que toda pesquisa deve estar submetida. Os principais resultados lhe serão enviados caso seja de seu interesse e venha a informar o endereço no espaço abaixo.

É importante salientar que a participação deverá ser espontânea, podendo desistir se assim quiser, não havendo, por parte da pesquisadora ou da Instituição, nenhum compromisso financeiro.

Eu, _____ aceito participar da pesquisa (mãe).

Eu, _____ aceito participar da pesquisa (pai).

Endereço: _____

Assinatura: _____

Assinatura: _____

Data: _____